

Muito tempo -

Aparentam - e o primeiro
indicação sobre a existência
ainda em 1760, de aldeias
indianas, sem problemas ao
total - de desenvolvimento
em vestígios.

Missionários Jesuítas no Brasil no tempo de Pombal

curiosos o facto de se
resistiram contra a elevação
de Aldeias e Villas, facto de
coerente com a psicologia
e o facto de cinco jesuítas
indianas lusos.

Pe. Antonio Paulo Cyriaco Fernandes S. J.

1935
Agosto de
**Missionários Jesuítas
no Brasil
no tempo de Pombal**



N.º 803

1936

EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO
Barcellos, Bertaso & Cia. — Pôrto Alegre
Filiais: Santa Maria e Pelotas

IMPRIMI POTEST.

Recife, 2 Julii 1931.

Josephus Cælestinus Balazeiro S. J.
Sup. Mis. Bras. Sept.

IMPRIMATUR.

Recife, 21 Julii 1931.

† *Michael, Archieppus Olinden. Recifen.*

Prefacio

Quando cheguei à Baía, para o Congresso Eucarístico, vi de bordo, destacando-se da multidão que enchia o cais à espera do Cardeal e da peregrinação do Sul, um padre alto, bronzeado, sorridente, os brancos dentes a fulgir, quasi tanto como uma calva precoce e abundante. Quem seria?

Era o Padre Fernandes, o famoso Padre Fernandes, o ídolo da mocidade de Recife, o organizador, o chefe, o conselheiro, o asceta, o homem incansável, que estava em todos os movimentos que visassem a maior glória de Deus. Viera do outro lado da terra. Tinha, na côr, a marca de horizontes estranhos, dêsse oriente misterioso, onde se jogara também a epopéia imensa das conquistas missionárias de Santo Inácio. E a fala tão particular ligeiramente tocada de um sotaque estrangeiro, muito suave, o bastante para marcar também êsse homem diferente.

Boas e saudosas conversas, tão rápidas apenas daqueles dias trepidantes da Baía!

Quanta promessa. Quanto projeto. A personalidade do Padre Fernandes afirmava-se cada vez mais em minhas impressões e no meu afeto.

Depois, vim a saber que também era historiador. E que abandonara mesmo uma vocação marcada pelos estudos históricos, sacrificando uma inclinação íntima por essas preocupações, afim de viver por si, o que haviam feito aqueles cujos feitos êle amava arrancar do passado, das crônicas poeirentas e esquecidas.

E fez-se homem de ação, uma das figuras mais impressionantes dos herdeiros e sucessores de Anchieta no século XX.

Nos momentos escassos que lhe permitiam os seus árduos trabalhos, de professor e de guia espiritual, ia escrevendo o que podia. E hoje reúne neste volume, não espontâneamente mas a pedido dos amigos e discípulos, estas páginas esparsas mas concatenadas, pelo espírito que as preside e pela finalidade que a todas prende.

Todos estes artigos dizem respeito aos Missionários Jesuítas, e a maior parte dêles formam série. A primeira série é a mais importante, porisso dá o nome do livro. Os outros artigos vêm à guisa de apêndice.

A importância da primeira série provém do fato seguinte. Estes artigos são um extrato e algumas vezes quasi uma tradução da notável obra histórica escrita em latim pelo Pe. José

Caeiro, S. J., ainda inédita, pertencente ao arquivo da Companhia de Jesus na Europa.

Quando todos os Jesuítas expulsos, pelo Marquês de Pombal, se reuniram em Roma e tiveram de viver anos inteiros nos Estados Pontifícios, o Pe. Caeiro prestou um grande serviço à história, coligindo documentos autênticos e informações verídicas das próprias testemunhas oculares e vítimas da perseguição. Averiguada minuciosamente toda a verdade dos fatos, escreveu, com mão de mestre a história de toda a perseguição pombalina, na língua de Cícero. O autor divide-a em dois tomos. O primeiro abrange a perseguição em Portugal; no segundo trata do Brasil e Índia. Este manuscrito não é conhecido aqui no Brasil. Daí o interesse palpitante destes artigos.

A propósito deste interesse convém transcrever alguns trechos da nota de apresentação que a "Tribuna" fez, quando aquele órgão da "Boa Imprensa de Pernambuco" publicou um destes artigos na sua edição especial de 26 de agosto de 1928:

"Resplandece nesta página de ouro da nossa história o heroísmo admirável dos jovens brasileiros, principalmente no Noviciado que os Jesuítas tinham então na Baía..., aliado

à grandeza da alma e sentimento religioso do nosso povo...

“Os historiadores acharão nele retificadas algumas noções inexatas, relativas ao procedimento do governador de Pernambuco, (Luiz Diogo Lobo da Silva) e da autoridade diocesana, que se encontram noutros escritores. O próprio Pe. Galanti e o Snr. Oliveira Lima não puderam eximir-se delas, por não terem tido conhecimento dêste precioso manuscrito conservado cuidadosamente nos arquivos europeus”.

Podendo dar outra forma aos artigos já publicados preferiu conservá-los na que tinham quando foram escritos, não só para melhor guardar o sabor de espontaneidade, mas ainda porque é de esperar que não tarde a publicação do original latino, com a tradução completa.

Sendo uma obra apologética, se bem que autêntica e verdadeira em tudo o que refere, preferiu omitir o nome de certos verdugos e algumas injustiças mais flagrantes, com receio de desedificar a mocidade ainda em formação.

O livro se limita aos fatos ocorridos na Província do Brasil. Nada refere do que succedeu na vice-Província do Maranhão e na Província de Goa e que confirmam apenas tudo o

que sofreram aquí os gloriosos missionários de Santo Inácio, em bem da Igreja e do Brasil.

Dando à luz êsses escritos, presta o Padre Fernandes mais um serviço a esta terra onde, como Anchieta, não nasceu, mas que é sua — por direito de conquista da parte dêle; por direito de veneração e de gratidão, por parte de todos os que lhe devem, pelo sacrificio e a dedicação constante de sua vida, tantos exemplos incomparáveis e edificantes.

Missionário e historiador, êste Jesuíta hindú, que o Brasil fez seu, vem mais uma vez desmascarar os erros e as calúnias da "Monita Secreta".

Tristão de Ataíde

PRIMEIRA SÉRIE

ÚLTIMOS JESUÍTAS NA BAÍA NO TEMPO DE POMBAL

I BAÍA

Aos valentes “Legionários” do Colégio
“Antônio Vieira”.

Pedem-me que escreva alguma coisa para a vossa esplêndida Revista, que agora aparece tão garbosa, coroando assim em grande parte a tenacidade dos vossos esforços, com que, durante 5 anos, estais a lutar por um ideal grandioso, cuja realização a muitos podia ter parecido ao princípio uma utopia.

Sendo assim, quem, por mais ocupado que se encontre, pode ter ânimo para recusar a sua coadjuvação para uma empresa tão nobre a que uma juventude briosa consagra o melhor da sua atividade?

E' verdade que esta minha cooperação será insignificante, como uma gota d'água no meio do Oceano; sei até com toda a certeza que irá ela com a pobreza da linguagem e estilo, deslustrar as formosas páginas do “Legionários das Missões” onde a língua de Vieira se ostenta com toda a sua vernaculidade, elegância e viveza de estilo. Contudo tem ela uma particularidade, que julgo não deixará de apelar ao vosso coração.

Vós estais promovendo com todo o ardor a grande obra das Missões entre infiéis. Deveis, portanto, saber que vossos antepassados, gloriosos filhos dessa ínclita Baía, não só promoveram essa mesma obra, mas ainda lhe consagraram as suas pessoas, indo trabalhar entre os selvícolas aqui como em terras missionárias, muito longínquas, chegando alguns dêles a levar o amor à sua vocação até ao verdadeiro heroísmo.

O teatro que êles preferiram para os seus trabalhos fora do Brasil, foi Goa e os territórios circunvizinhos daquela capital do antigo império português no Oriente. Goa e Baía, essa velha capital do imenso colosso que é êste vosso Brasil, têm entre si vários pontos de afinidade, como deixei escrito, há poucos meses, aí no livro dos visitantes do Instituto Geográfico e Histórico, e foi no dia seguinte publicado no Diário Oficial do Estado da Baía. Ora, sucede que um filho daquela terra, regada com o suor dos Missionários Baianos, tem a dita de hoje viver sob o Cruzeiro-do-Sul, e a honra de servir, adotando-o como sua segunda pátria, êste invejável país, que todos os estrangeiros admiram extasiados. Como não será, pois, aprazível aproveitar esta ocasião de prestar uma homenagem, por pequena que seja, a êsses ínclitos filhos da Baía, entre os quais fulgura como estrêla de primeira grandeza o imortal autor do "Oriente Conquistado", o P. Francisco de Souza!

Sim, é até meu dever, render-lhes o meu preito de gratidão, o que farei com imenso gôsto, dizendo ainda alguma cousa do muito fruto que produziu o seu santo apostolado. E'-me forçoso, contudo, adiá-lo para outra ocasião. Julguei de-

ver entreter-vos em primeiro lugar com um assunto que vos deve interessar mais de perto.

A vossa Baía, com o Exmo. e Revmo. Arcebispo Primaz à frente, acaba de tomar a iniciativa e realizar o "Congresso das Vocações" afim de resolver o máximo problema do progresso espiritual do Brasil. O Rio-de-Janeiro seguiu-lhe logo na esteira com a "Semana Missionária" que deve naturalmente despertar vocações religiosas. Os vossos corações juvenís palpitam, por certo a unísono com os dos vossos Pastores, os Bispos. Ora nada mais próprio desta ocasião do que lembrar-vos os exemplos de jovens, vossos patrícios, que aí no mesmo solo, que vós pisais, levaram até ao heroísmo o seu amor pela vocação religiosa e missionária, dois ideais sublimes da vossa Revista, escrevendo assim uma das mais belas páginas da história eclesiástica do Brasil, infelizmente até hoje inédita.

CHEGADA DOS ENVIADOS DE POMBAL

Corria o ano de 1758, ano fatal para o Brasil, ano tétrico, em que se ia começar a expulsão dos Jesuítas dos domínios portugueses, fato que, com toda a razão, se tem considerado como um segundo Alkacer Kibir.

Aos 27 de agôsto dêsse ano desembarcavam na Baía três magistrados, enviados pelo govêrno português: Antônio Azevedo Coutinho, José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho Melo e Manuel Estêvão Vasconcelos Barberini. Vinham êles munidos de poderes excepcionais sôbre os Jesuítas, e com a ordem expressa de seqüestrar os seus bens, sem lhes conceder o direito de defesa nem apelação.

Estes decretos tinham sido expedidos pelo Marquês de Pombal no mês de junho do mesmo ano de 1758, isto é, três meses antes que se desse o suposto atentado contra a vida de D. José I, fato que mais tarde o famoso Ministro havia de apresentar como motivo da seqüestração dos bens dos Jesuítas.

Durante a viagem todos os três magistrados, com o mêdo de uma medonha tempestade, que os assaltou, tinham feito voto a Santo Inácio de Loiola de que, no desempenho do seu cargo, não cometeriam injustiça alguma contra os Jesuítas. Êste mesmo voto fôra por êles renovado durante uma terrível calma que se seguiu, ameaçando a todos os viajantes com a morte, à míngua de alimento e de água. Porém, sòmente Mascarenhas teve coragem para cumprir êste voto. Os outros procederam como se nunca o tivessem feito.

Começaram, pois, as perseguições. Não é possível narrar, em tão breve espaço, as injustiças de que foram vítimas os Filhos de Santo Inácio. Limitar-me-ei porisso, a dar apenas um breve resumo de algumas delas.

Publicaram-se vários decretos trazidos do Reino. Ao princípio foram presos os Jesuítas estrangeiros. E' por onde começam também hoje os perseguidores da Igreja. Depois foram confiscados os bens, declarou-se suspensa a renda da dotação do erário público, garantida para sustento do Colégio da Baía, pelo seu fundador D. Sebastião. Teve igual sorte o Seminário da mesma cidade, que também era dirigido por Jesuítas.

LIBERALIDADE DOS BAÍANOS

A então Capital do Brasil alarmou-se com tais medidas, que tendiam naturalmente à expulsão forçada dos ditos Religiosos, o que era justamente considerado como uma calamidade pública. Prepararam-se, porisso, todos a remediar tão grande mal.

Os Beneditinos quiseram oferecer uma grande soma de dinheiro ao Reitor do Colégio, os Carmelitas, boa parte dos produtos das suas fazendas. Os Franciscanos prontificaram-se a juntar subscrições pela cidade; os comerciantes mais ricos, principalmente Joaquim Inácio Cruz, Tomaz Silva Ferraz, e Luiz Coelho, tomaram por sua conta sustentar os Jesuítas. Almas consagradas a Deus levantaram as suas mãos puras ao céu, castigaram os seus corpos inocentes com jejuns e disciplinas, e fizeram promessas muito árduas.

ATITUDE NOBILÍSSIMA DO ARCEBISPO

Porém, quem mais que todos trabalhou e pugnou pela conservação dos Jesuítas foi um Prelado, digno de eterna memória. Naquele tempo de servilismo oficial, para a glória do sólio arquiiepiscopal baiano, era Arcebispo da Cidade de S. Salvador, D. José Botelho de Matos. Também êle fôra incumbido de perseguir os Jesuítas pelo Ministro onipotente de D. José, mas o preclaro Antístite não era homem capaz de aviltar desta maneira a sua dignidade, e conculcar aos pés os direitos da justiça. Longe, portanto, de se prestar a ser instrumento dócil nas mãos do déspota, ergueu-se em paladino da nobre causa, defendendo a inocência oprimida. Depois de ter examinado

o libelo acusatório, em que os Jesuítas eram inculcados de mercância, como fundamento para se lhes confiscarem os bens, escreveu para Lisboa uma brilhante apologia dos mesmos Religiosos, pondo em evidência a pureza da sua doutrina, a santidade ilibada dos seus costumes, o seu ardente zêlo pela salvação dos fiéis e evangelização dos selvícolas. Acrescentava mais, que estas qualidades os haviam tornado tão benquistos a êle e ao povo, que não havia ninguém que não reputasse como seu o infortúnio dos Jesuítas. Referindo-se à pecha da negociação, assacada aos Filhos de Santo Inácio, afirmava que em 19 anos da sua estadia na Província, nunca viera em conhecimento de tal notícia; que publicara o decreto do Cardeal Saldanha, não só na Cidade mas também nas vilas, e contudo ninguém os viera denunciar, a-pesar-de serem todos obrigados a isso sob penas estatuídas; que procedera a indagações secretas, porém, todos os depoimentos declaravam os Jesuítas isentos de culpa.

INOCÊNCIA DOS JESUÍTAS

Esta solene declaração do Arcebispo era confirmada triunfantemente pelos depoimentos oficiais dos tribunais civís.

Setenta capítulos de acusações fizeram parte do interrogatório proposto a oitenta testemunhas, escolhidas dentre cidadãos insuspeitos e até mal afetos aos réus; dentre pessoas mais gradas, e autoridades, civís e militares; dentre os mesmos negociantes principais a quem, segundo o Marquês de Pombal, os Jesuítas haviam prejudicado com o seu comércio.

Não se achou um só entre êles que depusesse contra os incriminados; antes todos declararam que a acusação era pura calúnia. Porém todos estes sentimentos de justiça do povo baiano e do seu Prelado, toda a sua generosidade, todas as suas preces e sacrifícios não valeram de nada aos Jesuítas.

NOVOS DECRETOS

No dia de Natal de 1759 aportou à Baía a Nau Lisbonense, mais carregada de decretos do que de mercadorias, como finamente nota o autor do manuscrito latino donde recolho estes dados. Logo no dia seguinte achavam-se cercados de tropa o Colégio, o Noviciado e o Seminário da Baía, cortadas as comunicações com estranhos, despojados das provisões alimentícias, concedendo-se a cada Jesuíta apenas três tostões para sustento diário, devendo todos comparecer duas vezes ao dia, afim de serem passados em revista. Em suma eram submetidos às mesmas vexações que os seus confrades em Portugal.

No primeiro dia estavam os jovens ausentes, na casa de campo. Logo que foram avisados do ocorrido, voltaram para o Colégio com grande gáudio da sua alma, e admiração da cidade que os contemplava, pelas ruas, cheios de fortaleza cristã, superior à sua idade.

RIQUEZA IRRISÓRIA

Entretanto o Magistrado que cumpria as ordens de Lisboa exigiu que os Jesuítas entregassem ao tesouro público todo o dinheiro que possuíam. Achando apenas perto de mil e duzentos escudos romanos, riu-se muito com o Vice-Rei,

Conde d'Arcos, da muita ingenuidade de Carvalho, que esperava, segundo constava das suas cartas, enriquecer a fazenda pública, com os imensos tesouros dos Jesuítas.

Não há dúvida que se viram sair pelas suas portas quatro arcas cheias de ouro, mas eram do Estado, e foram transportadas para o Convento dos Franciscanos. Não havia lugar mais seguro para as guardar do que as casas dos pobres Religiosos, e pobres de fato eram também os Jesuítas do Colégio da Baía, e sobrecarregados de dívidas, como muito bem sabiam o Vice-Rei e o dito Magistrado.

Enquanto passava isto no Colégio, era promulgado em toda a cidade, ao som de tímpanos e trombetas, o edito régio que proibia a todos qualquer comunicação com os Jesuítas, sob ameaça de confiscação dos bens e doutras penas com que são punidos os crimes de lesa-majestade. Ao princípio o povo baiano cedeu ao terror, como era natural, mas, passada a primeira impressão, soube frustrar a lei iníqua, e levar alguma consolação às infelizes vítimas da tirania pombalina.

O SEMINÁRIO DA BAÍA E O NOVICIADO

A segunda casa cercada pelas tropas, como já disse, fôra o Seminário. Os Jesuítas, seus moradores, foram transportados para o Colégio.

E' aquí digno de registo um fato edificante allí ocorrido. O jovem porteiro do Seminário, José Lima, foi tido por Jesuíta, por usar hábito talar. Êle, com grande fortaleza de ânimo ofereceu-se à prisão, pronto para o exílio; porém, descobrindo-se o êrro pelo caminho, deu-se-lhe liberdade que êle aceitou com muita mágoa e lágrimas.

Com respeito à terceira casa, foi tristíssima a sorte dos noviços. Depois de terem sido vexados do mesmo modo que os Jesuítas do Colégio, foi-lhes intimado que saíssem da casa, deixando a roupeta da Companhia. Não se pode imaginar, diz o autor citado, a profunda mágoa e desolação que provocou esta ordem, pois, todos, sem exceção, cheios de uma coragem, que é de admirar na sua idade, estavam prontos, para sofrer todas as privações, curtir todas as agruras do exílio, e até para dar a sua vida, antes que abandonar a Companhia de Jesús. Ainda tentaram o último recurso. Enviaram uma súplica ao Vice-Rei, descrevendo a enormidade do seu infortúnio, e alegando a razão de que em Portugal os noviços não tinham sido obrigados a deixar a religião. Mas o Vice-Rei, D. Marcos de Noronha, 6.º Conde d'Arcos, antigo Governador de Pernambuco, não teve ânimo para vencer o terror com que o Ministro de D. José subjugava a todos naquela época de despotismo.

Executou-se portanto, a ordem fatal. Chamados todos à portaria arrancaram-lhes violentamente entre soluços e lágrimas a querida roupeta, e puseram-nos fora da porta, só com vestes interiores, ficando obrigados a andar pelas ruas em tão lastimoso estado.

Os que tinham as suas famílias longe da cidade não possuíam dinheiro para irem para as suas casas, mas valeram-lhes neste apêrto os caridosos Benedictinos, que os levaram para o seu convento, onde os vestiram e alimentaram até que os pais, avisados por cartas, viessem remediar a indigência dos filhos.

JOVENS GLORIOSOS

Para glória da Baía aquí ficam arquivados os nomes dêstes noviços modelares. Eram ao todo vinte e um:

João Martins, Pedro Bárrio, João Manuel, Alexandre Cunha, Joaquim Almeida, Manuel Figueiras, Antônio Pinto, João Araújo, Manuel Ferreira, Manuel Caetano Paiva, Antônio Fortunato, Antônio França, Antônio Miranda, Antônio Ferreira, João Lima, Luiz Pereira, Joaquim Sá, Manuel Eduardo, Benedito Lopes, Pedro Jaques, Antônio Valeiro.

Estes últimos 4 eram noviços coadjutores.

Estou certo de que a história nunca há de esquecer estes gloriosos nomes dos antigos jovens brasileiros, que legaram à mocidade hodierna tão belos exemplos de amor a um ideal elevado, ideal sublime da vocação religiosa, sacerdotal e missionária. Sim, missionária, pois, os Jesuítas eram naquele tempo, como é sabido de todos, os grandes evangelizadores dos gentios do Brasil. Na própria Baía tinham nove aldeias dos índios à sua conta. Os seus nomes, conforme aparecem no manuscrito, são como seguem: aldeias de Espírito Santo (Nova Abrantes), Cerinhá (Nova Santarém), Greius (Nova Almada), Saco (Nova Mirandela), Mairais (Nova Bercelos), Canabrava (Nova Pombal), Juru (Nova Tomar), Natuba (Nova Soure) ¹).

¹) Não achei o nome da nona aldeia.

O FAMOSO IMPÉRIO JESUÍTICO E SUA FORTALEZA INEXPUGNÁVEL

De todas estas aldeias já tinham sido expulsos os religiosos da Companhia logo no princípio, por quererem fundar no Brasil o famoso "Império Jesuítico", que Carvalho inventara manhosamente para seus sinistros intentos, e apregoara por todos os cantos do mundo. O Colégio da Baía, dizia o mesmo Ministro de D. José, era a fortaleza inexpugnável do Império, tão bem guarnecida e fortificada que nem os exércitos da Europa inteira a poderiam tomar. Afim de a render, enviou êle um general excepcionalmente prodigioso, e plenamente instruído nos segredos da tática pombalina. Chamava-se Gonçalves Xavier Ximenes. Acompanhava êste a D. Antônio de Almeida Soares Portugal, o novo Vice-Rei, Marquês de Lavradio, que aportou à Baía no dia 6 de janeiro de 1760, com novos decretos de Pombal contra os Jesuítas, os quais, antes do seu desembarque, foram comunicados ao Conde d'Arcos.

DIA TÉTRICO

O dia seguinte, 7 de janeiro, foi para os Filhos de Santo Inácio um dos mais tremendamente memoráveis. Na tarde dêste dia um grande número de soldados dirigiu-se ao Colégio; todos os Jesuítas foram encerrados na capela doméstica, com guardas à porta; em seguida fecharam-se as janelas dos quartos, selaram-se as portas, trançaram-se a despensa e todas as oficinas da casa. Êste trabalho durou até às oito horas da noite. Durante todo êste tempo as infelizes vítimas ignoravam tudo quanto passava fora da capela; ou-

viam apenas eco de vozes incertas, que aumentavam ainda mais o susto de que se achavam tomados. Êste pavor não era nada infundado, pois conheciam por experiência a fereza de Pombal; conseqüentemente representava-se-lhe na imaginação tudo quanto podia haver de tétrico: patíbulos, espadas desembainhadas, fogueiras... Preparavam-se pois, todos à porfia para darem a sua vida por amor de Jesús. Neste entrementes aparece no meio dêles o magistrado, encarregado de cumprir as ordens, e manda apagar as únicas luzes do altar que alumiam o recinto da capela. Êste fato serviu para se lhes afigurar a morte mais certa e mais terrífica. Um dêles observou ao magistrado que estava aí reservado o Santíssimo Sacramento. Permitiu-se portanto conservar uma só luz, que também afinal se extinguiu por incúria.

Foram, entretanto, os presos intimados a sair da capela em direção à portaria. Começou então o êxodo horrendo e lúgubre. Caminhavam os Jesuítas, em grupos de cinco, no meio de duas filas de soldados armados, precedidos e seguidos doutra tropa igualmente armada, com ordem de atirar contra quem tentasse fugir. Pelas ruas estavam postadas guardas para impedirem reünião de gente, e não deixarem abrir portas nem janelas. Era precaução para obstar ao pranto ou a qualquer manifestação de simpatia da parte do povo, o que, contudo, não pôde evitar que a cidade se mergulhasse no luto dentro das suas casas.

Levados assim até o pôrto, foram embarcados com destino à casa do Noviciado, donde haviam sido expulsos os noviços no dia anterior, e onde agora foram recebidos com aparato militar os novos hóspedes. Ficou desta maneira rendida a mais formidável praça do colossal Império Jesuítico no

Brasil. Devéras o grande estadista, Carvalho, e seu general, Ximenes, deviam ser immortalizados na história, com maior razão do que os mais famosos cabos de guerra. Não somente conquistaram, com tão incrível facilidade, o mais inexpugnável dos baluartes, mas ainda inventaram a admirável arte de fazer desaparecer, como por encanto, todos os petrechos bélicos, pois que tendo-se procedido ao leilão de toda a mobília do Colégio, não se deparou com nenhum vestígio, de armamento nem de munições de guerra.

Já vitorioso na primeira investida, continuou Ximenes a saciar o seu ódio pombalino contra os prisioneiros. A sua crueldade brutal chegou a tal auge, que o Vice-Rei horrorizado daquela deshumanidade e condoído da sorte das pobres vítimas, principalmente dos velhos e doentes, se viu obrigado a admoestá-lo, lembrando-lhe que não fôra enviado pelo Rei para ser verdugo, mas, sim, guarda dos Jesuítas.

DECRETO DA EXPULSÃO

No dia 9 de janeiro desembarcou o Marquês de Lavradio, e inaugurou o seu vice-reinado promulgando, no mesmo dia, o decreto de expulsão dos Jesuítas. Não se pode imaginar a consternação que esta notícia causou na cidade. Houve até não poucas pessoas que se retiraram para o interior, levadas do desgosto e do mêdo de que viesse do Céu algum castigo sôbre a cidade onde se perpetravam tais crimes. Quando se abriu a Igreja do Colégio foi muita gente a orar diante do altar de S. Inácio pedindo pela conservação dos Jesuítas.

SEMINÁRIO DE BELÉM E OUTRAS CASAS

Porém é já tempo de falar doutras casas que os mesmos Religiosos possuíam em diversas terras da Baía. Todas elas tiveram a mesma sorte que as da cidade. De há muito que se haviam expedido ordens para se trazerem presos os seus moradores, mas ninguém queria cumprir voluntariamente tão execrandas injunções. Todos inventavam qualquer pretêsto para não saírem da cidade, exceto Francisco Figueiredo Vaz, pouco afeto aos Jesuítas, que se adiantou a ir ao Seminário de Belém, no dia 28 de dezembro de 1759, donde expulsou os estudantes e depois de ter maltratado por muitos dias os onze Religiosos que aí trabalhavam, os mandou presos para a Baía.

Quanto aos outros oficiais da justiça, o novo Vice-Rei apertou com êles, e obrigou-os com dura energia, a saírem a executar o cruel mandato que êles em geral procuraram cumprir com toda a brandura possível.

Foram dêste modo presos os Jesuítas das casas do Pôrto Seguro, Capivarí, das residências de D. Inez, Canabrava, Jaboatão, dos engenhos de Pitanga, Pitinga, Condessa e D. Ana.

Em toda a parte foi inexcedível a simpatia do povo manifestada nas lágrimas que derramaram como se chorassem a morte dos seus pais, pois nesta conta os tinham todos.

E' digno de se notar um fato ocorrido com o Padre Inácio Teixeira, que foi preso na residência de Tejupeba, e depois de oito dias foi conduzido para a Baía. Foram incríveis a pena e o horror que sua presença, entre soldados armados, causou na cidade de Sergipe e outras vilas e aldeias por onde fez o seu caminho de destêrro.

Rodrigo José de Menezes comandante da escolta, que fôra de implacável acerbidade para com o Padre Jesuíta, em todo êste longo percurso aumentou a sua arrogância e aparato com ares de triunfo, quando chegou à Baía, cujas ruas mais freqüentadas atravessou em pleno dia com a máxima indignação e tristeza da cidade. Quando o lúgubre cortejo passava pela praça defronte do Colégio, sucedeu encontrar aí por acaso um sacerdote de mui notória santidade, por nome Padre Filipe, o qual exclamou: “vejo a Cristo preso manietado e arrastado pelas ruas pelos judeus”, e voltando-se para as portas da Igreja dos Jesuítas deu graças a Deus, e rogou a Santo Inácio que ajudasse os seus Filhos a suportarem com paciência tantas e tão horrendas injúrias.

Mas voltemos ao Noviciado, onde já estão reünidos todos os Jesuítas da Baía.

O VERDADEIRO MOTIVO DA PERSEGUIÇÃO

A perseguição que se desencadeara contra os Filhos de S. Inácio no século XVIII era fruto de uma combinação internacional da impiedade e da maçonaria. Julgavam êles que não poderiam destruir a Igreja de Cristo ou esmagar o “Infame”, como diziam, sem que primeiro acabassem com a Companhia de Jesús. Sabiam que esta Ordem Religiosa era grande defensora da Fé e da Igreja Romana, exatamente porque se conservava fiel ao espírito primitivo do seu Santo Fundador. Conheciam muito bem que era impossível arredá-la daí e corrompê-la obrigando-a assim a pagar o tributo próprio da fraqueza de todas as instituições compostas de homens. Único meio, portanto para conseguir o seu fim era declarar-lhe guerra

de morte. Conseqüentemente os governos maçonizados de Portugal, Espanha, França e Duas Sicílias, tendo já expulsado dos seus territórios os Jesuítas não descansaram enquanto não arrancaram das mãos de Clemente XIV, com brutal exigência, o Breve de extinção da Companhia de Jesús.

O Marquês de Pombal quis ganhar a palma em todo êste nefando crime, tomando a dianteira às demais nações. Para alcançar o seu fim não lhe bastava espalhar calúnias por toda a Europa negando às vítimas o direito sagrado da própria defesa. Era preciso recorrer à hipocrisia. Porisso conseguiu de Roma por intrigas e importunações que um homem, criatura sua, fôsse nomeado Visitador dos Jesuítas, afim de restaurar a observância primitiva, como êle falsamente propalava. Visita, reforma, espírito primitivo, além disto, eram na sua mente palavras capciosas para velar os seus desígnios satânicos, assim como desde a Revolução francesa até hoje a palavra "Liberdade" é usada e mil vezes repetida para se poder oprimir a Igreja com o máximo despotismo; a "igualdade" para se promulgarem leis de exceção contra Religiosos; a "fraternidade" para praticar toda a sorte de deshumanidades.

PERSONAGEM INOMINÁVEL

A mira principal do Ministro de D. José na nomeação do Reformador era deformar a Companhia de Jesús e conseguir, podendo ser, que todos os seus membros a abandonassem. Na Baía achou êle um homem que quis ser instrumento dócil para se realizar o seu diabólico intento. Assim como encarregara a Ximenes de expugnar a maior fortaleza do império temporal dos Jesuítas no Bra-

sil, assim subdelegou sem ter poder para isso, o cargo de Reformador naquele homem afim de destruir o império espiritual, não dos Jesuítas, mas de Cristo Senhor Nosso, nas almas dos seus fiéis servos, forçando-os a romper os laços sagrados dos votos religiosos, proferidos diante dos altares, no meio do santo sacrifício da missa, perante a hóstia consagrada sustentada nas mãos do sacerdote, e logo em seguida selados com o sangue do Cordeiro Imaculado, recebido na sagrada Comunhão.

Tão enorme iniquidade, que faria estremecer de horror a qualquer cristão, não fez nenhum abalo na consciência daquele Agente do Marquês de Pombal. Encaminhou-se ao Noviciado, no dia onze de janeiro de 1760: e dirigiu contra a constância dos Jesuítas mais jovens um assalto formidável. Ao sinal da campa reuniu todos os Jesuítas, e mandou que se retirassem os professos. Ordena em seguida ao secretário que leia diante dos restantes a carta régia. Continha ela a sentença de exílio e muitas calúnias contra os Jesuítas. Assegurava, contudo, a clemência do Rei aos mais jovens, caso renunciassem à Companhia e aos votos religiosos. A razão, que alegava para esta benignidade real, era o fato de que os mais novos não eram cúmplices na conspiração tramada pelos mais velhos, contra a vida de D. José I.

Terminada a leitura, afim de os demover dos seus santos propósitos, fez o Agente pombalino uma exortação tal que nem o demônio, se tivesse vindo falar em pessoa, seria capaz de fazer outra mais eficaz. Ponderou atentamente quão funesto lhes seria o desdém pela clemência régia. Se não quisessem voltar as costas à Companhia, destêrro perpétuo, irremissível, sem comunicação epistolar com seus parentes, seria a sua triste sorte. E que

fariam, se o Rei, indignado com ver tão grande contumácia, os pusesse numa ilha deserta ou povoada de antropófagos? Havia outras cartas régias ainda mais rigorosas. De que lhes valeria tanta pertinácia, se lhes mandasse arrancar violentamente a roupeta? Perderiam então, assim a Religião, como o favor do Rei, só lucrariam castigos horríveis. Tivessem pelo menos compaixão das suas famílias. Considerassem atentamente a desgraça enorme do Arcebispo da Baía e do infeliz Mascarenhas, os quais, por se terem mostrado favoráveis aos Jesuítas, estavam curtindo tão amargas penas. E', pois, natural que os parentes dos Jesuítas obdurados venham a sofrer igual punição. Por fim, ficassem bem cientes de que o Geral da Companhia, como consta indubitavelmente das cartas de Roma para Lisboa, não tendo meios com que sustentar, nem casa onde hospedar tantos Jesuítas expulsos de Portugal, dera cartas dimissórias, dispensando dos votos a todos os jovens e até a alguns professos. E que triste a sorte destes infelizes! Andam errantes pelas cidades e vilas de Itália, mendigando o seu sustento ou sujeitando-se a empregos baixos, nem podem voltar à pátria, donde foram banidos perpétuamente, porque com a sua obstinação verdadeiramente tola provocaram a ira do seu Rei; tenham pois, juízo enquanto é ainda tempo, escarmentem na desgraça alheia, para não terem que arrepender-se quando já será tarde.

Terminada esta arenga, afim de assegurar ainda mais a vitória avisou a todos que lhes concedia apenas um breve intervalo para tomarem a última deliberação, que seria irrevogável. E logo depois para lhes tirar o acanhamento, chamou-os

à parte separadamente um a um, em ordem a declarar a sua resolução.

Conseguiu dessa maneira fazer cair na esparrela vários jovens a quem mandou logo assinar o termo lavrado pelo secretário. E' que muitos dêles estavam aterrorizados com o pérfido discurso daquele homem, cuja pessoa lhes merecia toda a fé e respeito em atenção ao caráter sagrado e dignidade espiritual que ocupava. Sobretudo os tinha perturbado a última razão que como argumento de Aquiles estava reservado para o fim. Ignoravam completamente que era falsíssima aquela notícia de que o Geral demitira da Companhia os sobreditos Jesuítas. Como a julgavam verdadeira, era natural que naquele momento de falta de serenidade se sentissem abalados na sua santa vocação, e julgassem inútil resistir e sofrer tão duros tratos, se no fim da viagem para Roma haviam de ter que renunciar à vida religiosa, para cuja conservação eram dirigidos todos os padecimentos, tanto mais que o próprio Geral é que parecia aprovar a saída da Companhia.

Contudo, nem todos se deixaram apanhar neste laço diabólico. Houve muitos jovens, para glória do Brasil, que souberam ser superiores à tristíssima situação, e resistiram denodadamente a todas as arremetidas do Agente pombalino e do seu secretário. Êste dizia-lhes que naquela ocasião já não valiam nada as sagradas Escrituras e os Concílios; a única regra dos costumes era a vontade do Rei. Com o Agente sustentaram porfiadas disputas, declarando que lhes era vedado aceder às suas sugestões em virtude dos sacrossantos vínculos dos votos religiosos, e do desejo da sua salvação eterna. E aquele homem que não tivera pejo de lhes dizer que não estavam obriga-

dos a salvar a alma com perigo da fama e da vida, ficou constrangido a admirar naqueles moços o procedimento digno dos confessores de Cristo, querendo todos antes morrer do que faltar à fé jurada nos altares.

Não tardou muito que também os outros jovens, que tinham assinado a renúncia pelo terror reconhecessem o grande êrro, que tinham cometido. Vários dentre êles, portanto, foram ter com o Dr. Ciríaco Antônio Moura Tavares, amigo dos Jesuítas, e por seu conselho dirigiram ao Vice-Rei uma petição, descrevendo todo o procedimento do Agente pombalino, e suplicando por tudo quanto lhe era caro e sagrado houvesse por bem anular a renúncia, extorquida por meio do pavor injusto.

O Vice-Rei, compadecido da sorte dos suplicantes, exprobrou ao Agente pombalino a sua velharia, e mandou que procedesse a nova inquisição, concedendo àqueles jovens liberdade plena.

Voltou êste todo encolerizado, despedindo os raios da sua ira e despeito contra os que se tinham atrevido a levar a queixa ao Vice-Rei, protestando que lhes havia concedido ampla liberdade e tempo para deliberar, e que não lhes era permitido retratar a resolução assinada do seu punho. Começou a disputa e, como os moços não eram tolos, foram-no apertando com argumentos irrespondíveis. Então o homem ficou assaltado de uma fúria ameaçadora, indigna da sua pessoa e posição. Neste momento um fato inesperado veio atear ainda mais o fogo da sua cólera; um grupo de outros jovens, que não tinham assinado o dito requerimento ao Vice-Rei, entrou na capela, onde passava a referida cena, declarando que também queriam retratar o seu consentimento obtido por medo. Não se pode descrever o auge a

que chegou o seu furor e o que disse e fez no excesso da sua insânia.

Só se ouviam clamores; êle a negar a uns e a outros o direito de retratação e êles a reclamá-lo com toda a energia. Não podendo vencê-los, mandava-os deitar fora da capela, mas êles tornavam a entrar. Por fim mandou fechar as portas, e escrever pelo secretário as cartas dimissórias. Terminadas trinta e quatro delas, expulsou outros tantos Jesuítas, a começar pelos que mais obstinados se mostravam na sua resolução.

Passados alguns dias, como os pais e parentes de certos jovens de famílias nobres estivessem receosos de que se desencadeasse também sôbre êles a ira de Pombal, foram novamente ao Noviciado os dois personagens anteriores junto com o famoso Ximenes. Chamaram os moços e interrogaram-nos separadamente se já tinham deixado a sua mania louca de perseverar na vocação. Renovaram-se, pois, as disputas e altercações, mantendo-se sempre firmes os moços no seu amor à Companhia, e a Nosso Senhor. Ximenes aproveitou então o ensejo para vomitar toda a sua peçonha pombalina contra os Jesuítas e até contra a sua roupeta. Seguiu-se logo uma curiosa para não dizer estúpida discussão entre um dos jovens e o secretário. Perguntara-lhe êste onde estava a prudência de semelhante persistência em querer abandonar a família para se sujeitar a tão penoso destêrro. O moço respondeu-lhe que o fazia para não faltar à fé jurada a Deus. Então o secretário deu uma grande gargalhada dizendo: “Quer portanto, ser infiel ao Rei Fidelíssimo?!” “Nego a consequência” observou, com modesto sorriso o Jesuíta. Triunfantes dêste último assalto, não foram mais inquietados sôbre o assunto da vocação.

Passados meses estavam no pôrto dois navios destinados a embarcar todos os Jesuítas para Lisboa. Senão quando aparece novamente o dito Agente pombalino, com o seu secretário, e reúne todos os Religiosos ao toque da sineta. Desta vez não vinham perseguir as suas vítimas, mas para comprazer a um cônego, seu amigo, que desejava despedir-se de um seu irmão Jesuíta. Abraçou-o o digno membro do cabido com toda a efusão, e, com os olhos marejados de lágrimas, exaltou o mais que pôde a constância do irmão na vocação; exortou-o a que fôsse para onde o céu o encaminhava e assegurou-o de que Deus tomaria por sua conta a defesa da Companhia, aviltada com tão atrozes calúnias, e tornaria cada vez mais refulgente a sua glória.

Então os dois companheiros pediram perdão ao Provincial e aos Jesuítas mais velhos por tudo quanto tinham feito para expulsar os mais jovens, alegando que tinham procedido em todo aquele negócio, não movidos por sua vontade mas pelo mêdo de Pombal.

Sabe-se, contudo, da história que êste Agente pombalino ofereceu-se voluntariamente a aceitar o cargo de algoz dos Jesuítas, o que se pode também deduzir fâcilmente de todo o seu procedimento, acima descrito. Além disto, o autor do já citado manuscrito afirma que ao escrever, tinha diante de si uma carta do punho do dito Agente em que declarou abertamente que lhe não fôra outorgado outro poder senão o de urgir a demissão, e de resto também êle estava sujeito à lei que proíbia toda a comunicação com os Jesuítas. Mas passemos adiante.

EMBARQUE

Raiou, por fim o dia do êxodo, dezenove de abril de 1760. Neste dia memorável, saciados com o Pão dos Fortes, disseram o último adeus àquela casa, testemunha de tão sublimes virtudes, e partiram para o exílio, gravando na sua mente a lembrança indelével daquelas paredes santas, e levando no seu coração saudades infindas do seu querido Brasil.

Cruel verdugo pôde, sim, arrancá-los daqui, mas era impotente para extinguir no seu peito o amor ardente, ateado pela chama celestial, do País iluminado pelo Cruzeiro-do-Sul, a cujo serviço se tinham votado de alma e corpo.

Verdadeiramente os Jesuítas ao cabo de dois séculos terminaram, com chave de ouro, a missão divina que lhes fôra confiada no Brasil.

Mantiveram-se fiéis companheiros de Jesús até o fim parecendo-se com o seu Divino Capitão ainda no seu último martírio.

Jesús percorrera durante a sua Paixão as ruas da Cidade santa, entre soldados romanos, para ser logo condenado à morte como o maior celerado. Também os Jesuítas passearam pelas ruas da Cidade do Salvador no meio de tropa armada, e foram conduzidos, como os maiores facínoras, das suas casas ao Noviciado, e deste até ao cais. Não tardaria muito a ignominiosa morte da Companhia de Jesús, ignominiosa aos olhos do mundo, mas gloriosíssima aos de Deus, como a do Mártir de Gólgota aos do seu Pai celeste.

E quão esplendorosos não foram desde já estes passos dos Filhos de Santo Inácio pelas ruas da Capital do Brasil! Se os passos de todos os missionários da Companhia de Jesús, desde No-

brega e Anchieta, foram formosíssimos, porque vinham anunciar a paz e Boa Nova ao Novo Mundo, refulgiram êles com novo brilho, neste dia, às vistas da Côrte celestial que os contemplava com toda a complacência, e os Anjos contaram-nos todos um por um, e gravaram as suas pègadas no Livro da Vida.

E quão grandes bênçãos se não mereceram naquele dia para o nosso País! Por certo que todas as angústias mais cruciantes porque passaram durante aqueles meses todas as calúnias, injúrias, humilhações, sofrimentos, privações, jejuns e penitências, tudo ofereceram êles ao Céu, para que armazenados aí em nuvens de graças, baixassem um dia em chuva de rosas sôbre a terra amada que haviam regado com o seu suor e estavam dispostos a fertilizar com o seu sangue.

Deixemos, porém, estas reflexões, e voltemos ao pôrto aonde já chegaram os Jesuítas entre guardas armados. Eram ao todo cento e vinte e dois (122). Levavam consigo a sua roupa interior que podia caber numa saquinha muito pequena. Nada mais lhes foi concedido. Tudo quanto era dêles foi vendido em hasta publica: (1) todos embarcados nos porões dos navios em guardas à porta. O espaço era pequeno para tantos passageiros; ao almôço, poucos legumes; um pedaço de carne salgada à ceia, água para beber em quantidade limitada.

Só havia fartura de trevas e calor.

(1) Mas o govêrno portuguez não se enriqueceu com esta riqueza antes se foi empobrecendo de dia para dia, porque a mais segura porta por onde entra a pobreza é o roubo e ainda mais quando é sacrilego, como era no nosso caso.

VIAGEM

No dia vinte e um de abril levantaram ferro. Durante a viagem não houve motivo de queixa da parte dos capitães dos navios: Antônio Brito Freire, da nau Capitânea, e Bernardo Oliveira, da outra, os quais limitaram-se a cumprir as ordens superiores. O da Capitânea chegou até a ser amável. Todos os dias mandava cumprimentar, em seu nome, o Provincial e os demais Jesuítas que viajavam na sua nau. Quis também saber se lhes faltava alguma coisa. Os Jesuítas, porém, apesar-das muitas privações, nunca abriram os lábios para proferir uma queixa. Ciente, contudo, por outra via, de que padeciam sede, mandou dar-lhes água em abundância.

Não lhes era permitido celebrar o santo sacrifício, podendo, todavia, assistir à missa e receber a sagrada Comunhão.

Um fato notável da viagem foi um prodígio atribuído à intercessão do Santo Fundador da Companhia de Jesús. Caíu de repente um menino no mar senão quando todos à uma clamaram invocando S. Inácio. E eis que quando já desesperados de o verem, o julgavam morto, aparece, à tona da água e é recolhido na Capitânea são e salvo.

Lançaram a âncora no Tejo no dia 13 de junho, festa do Taumaturgo Português, e na noite do dia seguinte passaram para o navio cargueiro Genovês, onde já estavam os Jesuítas do Rio-de-Janeiro, e ficaram como em prisão naval ainda à espera dos Jesuítas de Pernambuco. Estes levaram muito tempo a chegar, e assim só puderam aportar a Gênova no dia (21) vinte e um de julho. Tendo aí sido hospedados, por dois dias, em casa dos Jesuítas franceses, com suma caridade e libe-

ralidade, tornaram a embarcar em cinco pequenos barcos, rumo de Civita-Vecchia, donde foram transportados para Roma e alojados no palácio do Duque de Sorani.

Observações

Estamos já no fim dêste primeiro artigo. Mas, meus bravos "Legionários do Antônio Vieira" não o quero terminar, sem fazer algumas advertências e considerações. Já notastes, com certeza, que escreví o que prometí, sem todavia querer escrever história, e a razão é clara. A história deve contar todos os fatos, agradáveis e desagradáveis, dizer os nomes de todas as pessoas comprometidas ou autores de crimes. Ora é muito difícil publicar a história completa daquela época tristíssima. Deixo, porisso, esta tarefa a penas melhor aparadas, mais competentes, mais autorizadas. Contentei-me apenas com recolher da história manuscrita alguns fatos acomodados ao fim proposto. Esta advertência valerá também para os artigos que porventura escrever sôbre a expulsão de outros Jesuítas. Os que quiserem ter mais algumas informações sôbre êste assunto poderão achá-las nas obras do P. Galanti e de outros escritores, principalmente nas de Southey, autor protestante, e por conseguinte insuspeito quando põe em evidência a inocência dos Jesuítas, e vergasta os seus inimigos.

Porém nenhuma delas é tão completa, minuciosa e autêntica como o manuscrito que me serve de guia, e que em muitas passagens traduzí quasi à letra. Porisso na divergência de datas, números e outras particularidades julgo que deve ser preferido a outros escritores. O seu autor foi

contemporâneo dos acontecimentos que refere, escreveu-os logo após aquela catástrofe, à vista de documentos oficiais, públicos e particulares, convivendo no meio de testemunhas oculares e que foram parte na ação, pois os Jesuítas expulsos, reunidos em Roma, forneceram-lhe informações verídicas e muito circunstanciadas. Desta forma pôde êle descer a todas as minuciosidades, e consignar os méritos e deméritos de todos os que intervieram, de qualquer modo na expulsão dos Filhos de S. Inácio, e demonstrar à luz meridiana a flagrante e hedionda injustiça do Marquês de Pombal e dos seus agentes, sem, contudo se deixar levar de parcialidade ocultando as faltas dos Jesuítas. Estas faltas reduzem-se unicamente a defecções de vários dêles durante a terribilíssima provação, algumas das quais já tive ensêjo de mencionar aquí. A explicação destas saídas da Companhia é fácil de compreender, se atentarmos bem nas circunstâncias daquela terrível calamidade. Nos tempos em que vivemos é difícil fazermos uma idéia cabal do despotismo ultra-oriental e do terror com que o Ministro onipotente governava Portugal. Importa para isso ler a história do século XVIII e ver a arbitrariedade com que aquele a quem os inimigos da Igreja invocam hoje como símbolo da liberdade, mandava incendiar aldeias inteiras, levantar cadafalsos, acender fogueiras, extirpar famílias nobres.

Esta tirania, embora mais atenuada, estendera-a êle também ao Brasil, por meio do seu irmão Mendonça Carvalho e outros dignatários que enviava do Reino para aquí. E logo depois havia de aumentá-la com os decretos opressores de 1766, os quais acabaram com a política liberal e magnânima que até os estrangeiros reconhecem nos

Reis de Portugal para com o Brasil, e introduziram um govêrno míope e déspota.

E desde já, na ocasião da expulsão dos Jesuítas do Brasil, exercia êle aquí a sua tirania. O Venerando Arcebispo da Baía, cuja gloriosa atitude já vimos mais acima, só porque tivera a nobre coragem de defender a causa dos inocentes oprimidos, foi removido da sua sede, perdendo a sua côngrua, na idade de oitenta anos, e teve de recorrer à caridade para seu sustento, retirando-se à freguesia de Nossa Senhora da Penha em Itapagipe, onde brevemente terminou a sua carreira mortal.

O desembargador Mascarenhas, por não querer trair a sua conciência, infringindo o voto que fizera a Deus na viagem, de não cometer injustiça alguma contra os Jesuítas, foi preso na fortaleza da Ilha de D. Catarina no Rio-de-Janeiro, e correu a fama de que fôra morto ao tentar a fuga, morte que, se não foi verdadeira, seria pelo menos muito conforme com as propensões de Carvalho.

Foi nestas circunstâncias que se deu o formidável combate contra a vocação dos Jesuítas, acompanhado de prepotências, fraudes e terríveis ameaças contra êles e contra as suas famílias, as quais partiam de pessoas, que mereciam todo o crédito, e pesavam grandemente no ânimo dos jovens. Acrescia ainda a grande distância, dificuldade de comunicações, e conseqüente incerteza de tudo. O autor do manuscrito nota que em muitos influíu a saudade da Pátria, da qual os Brasileiros, diz êle, são mais amantes do que todos os outros. Sobretudo concorreu para abalar a vocação, e como já ficou notado, a grande arma, inventada por Carvalho, a saber, a mentira de

que o P. Geral em Roma, despedira da Companhia os Religiosos, expulsos de Portugal por falta de meios para os sustentar. Esta arma foi nova e derradeiramente empregada quando se renovou o medonho assalto, em Lisboa, depois de já estarem aí reunidos os Jesuítas deportados do Rio, Baía e Pernambuco. Pombal mandou persuadir com mui grande empenho aos jovens Brasileiros que se pusessem a salvo enquanto era tempo, acrescentando que tinha tido esta deferência para com êles, movido unicamente de compaixão pela sua sorte. E a todos em geral fez saber que tinha vindo de Roma faculdade de dispensar dos votos a todos os que o quisessem, ainda aos Professos, o que era falsíssimo. Urgia com êles a que deixassem a roupeta da Companhia sob promessa de receberem grandes favores do Rei, pois que êste não estava irado contra nenhum individualmente mas somente contra o corpo da Companhia de Jesús. Mais uma vez, seja dito de passagem, patenteava aquí o Ministro de D. José a sua refinada injustiça, pois se nenhum dos membros conspirou contra a vida do Soberano, como toda a corporação pôde ser responsável do crime do atentado?

Mas voltando ao nosso ponto, torna-se manifesto, de todas as considerações precedentes, que a culpa de defecção daqueles Jesuítas fica muito atenuada. E' verdade que houve alguns que deixaram a Religião sem grandes ameaças, mas estes foram pouquíssimos. O que nos deve portanto causar admiração, não são as fraquezas dêstes, mas a constância indomável dos que resistiram até o fim a tão impertinentes e repetidos assaltos. Aquelas mesmas defecções fazem sobressair e refulgir mais o valor heróico dêstes.

Este é o motivo porque vou transcrever aqui os nomes dos Jesuítas escolásticos das casas da Baía que perseveraram na sua vocação até o fim. Ei-los:

Brasileiros heróicos

José Álvares, Manuel Vieira, Manuel Leonardo, Manuel Pereira, Timóteo Garcez, José Campos, Bernardo Soares, João Tavares, José Sanches, Antônio Fonseca, Manuel Lajes, Francisco Luiz, Francisco Bolcano, Francisco Geraldés, Salvador Pires, Bernardo Simões, Sebastião Lucena, Antônio Brito, Manuel Castro, João Rodrigues, Teotônio Semeão, Antônio Franco, Mateus Lima, Miguel Almeida, Manuel Coelho, Antônio Carlino, Inácio Mendonça, Antônio Albuquerque (1).

Todos ou pelo menos a maior parte destes jovens eram brasileiros, pelo que estou certíssimo de que vós, briosos Legionários do "Antônio Vieira", haveis de os prezar como uma grande glória da vossa Pátria, e guardá-los nos vossos corações como num escrínio de ouro, afim de vos servirem de modelos para imitardes a sua constância em todos os vossos empreendimentos espirituais e temporais. Servirão ainda para pôr em relêvo o grau de valor de que são capazes os jovens brasileiros e para mostrar como é possível despertar tam-

(1) Havia ainda outros jovens, cujos nomes não pude por ora discriminar por estarem entre os dos velhos. Havia também jovens nas casas doutras partes do Brasil dos quais falarei, se continuar estes artigos.

bém hoje aquí vocações religiosas, sacerdotais e missionárias.

Importa para isso trabalhar por dissipar os preconceitos dos filhos e dos pais, e dispor aqueles para vencer, sendo preciso, todos os obstáculos. Sabeis com certeza que no centro e no Sul de vosso País, os jovens brasileiros entraram na Companhia de Jesús em número suficiente para se poder formar duas Províncias autônomas. Porque não farão o mesmo os jovens do Norte? Baía tem elementos e tradições iguais, para não dizer superiores. Pernambuco não lhe ficará atrás e todo o resto do Norte seguirá na sua esteira. Eia, pois, valentes jovens Baianos, avante, mãos à obra. Que essa será uma homenagem digna do 2.º centenário da canonização de S. Luiz Gonzaga e Santo Estanislau Kostka.

Colégio Nóbrega — Recife
Outubro de 1926

II

PERNAMBUCO, PARAÍBA, RIO-GRANDE-DO-NORTE, CEARÁ

Os queridos “Legionários” do Colégio Antônio Vieira estão por certo cansados de esperar por outros artigos referentes aos Jesuítas do tempo do Marquês de Pombal. Sim, é verdade que já passaram meses sem lhes dizer palavra sôbre o assunto; mas devem saber que não “está na mão do homem o seu caminho”.

E só agora é que Nosso Senhor dispôs as coisas de modo que pudesse reatar o fio da narração.

Serve-me de guia na relação dos sucessos, que vou referir, o precioso manuscrito latino, já mencionado no artigo anterior, que irei seguindo quasi passo a passo. O critério também será o mesmo, isto é, tenciono igualmente omitir nomes de certos verdugos dos Jesuítas e algumas das suas atrocidades, porque entendo que os leitores, a quem são destinados estes escritos, não perderão muito com tais reticências. Mais tarde os que escreverem a hisória completa da expulsão dos Jesuítas, dirão tudo sem nenhuma reserva.

Feita esta advertência vamos continuar a narrativa.

No dia primeiro de maio de 1760, cinquenta e três Jesuítas saíram do colégio do Recife, ladeados de tropa, em direção ao navio que os devia conduzir até Lisboa.

Pertenciam êles ao dito Colégio, ao de Olinda e ao de Paraíba, bem como ao "Hospício do Ceará" e a algumas aldeias dos Índios, no Rio-Grande-do-Norte.

E' a estes Jesuítas que trabalhavam nos quatro Estados, sujeitos então ao Governador de Pernambuco, que cabe agora a vez em razão de ordem cronológica, depois de já ter falado dos da Baía.

Mar de bonança

No dia 30 de novembro de 1758, recebia o Bispo de Olinda, D. Francisco Xavier Aranha, uma carta do Cardeal Saldanha, mandando-lhe fazer as suas vezes como reformador dos Jesuítas. Mas êle protelou a execução desta ordem até o dia 9 de janeiro do ano seguinte, dizendo muitas vezes que, na sua diocese, os Jesuítas eram os únicos que não necessitavam de reforma; excetuava contudo, gracejando, os sapatos do Reitor de Olinda, mas acrescentava que êle os mandaria concertar.

Recebera o mesmo Prelado, além disto, muitos folhetos, escritos contra os Jesuítas e enviados pelo Ministro de D. José I para serem profusamente distribuídos, mas êle não os quis dar a ninguém.

Imitava-o nisto o Governador de Pernambuco, Luiz Diogo Lôbo da Silva, amigo dos Jesuítas,

Um dos magistrados, enviados por Pombal para perseguir os Jesuítas, o Desembargador e Ouvidor Geral Bernardo Coelho Gama Casco, também os tratou sempre com suma benignidade e respeito.

Uma vez que um Jesuíta o foi visitar, apontou o Ouvidor para uma arca dizendo-lhe que estavam ali fechados mais de mil gênios maus, que êle não soltaria sem que fôsse obrigado por nova ordem, e assim o cumpriu. Referia-se aos decretos de Carvalho contra a Companhia de Jesús.

Tudo levava a crer, portanto, que os Jesuítas não teriam muito que sofrer aquí; mas era agouro feliz demais para a Ordem fundada por St. Inácio, e destinada naqueles tempos calamitosos, para ser vítima expiatória.

Mudou-se-lhes, pois, logo a sorte e tiveram de passar por padecimentos atrozes, como vamos ver.

Primeiros Ventos Contrários

O outro magistrado, que Pombal enviara para ser algoz dos Jesuítas, era Miguel Carlos Caldeira, Juiz de Fora de Olinda, e filho do Senador Caldeira, grande protetor dos Filhos de St. Inácio na sua expulsão do Colégio de Évora, em Portugal, mas que não saíra ao pai; fizera-se, pelo contrário, instrumento aptíssimo nas mãos de Carvalho. Quando êste o mandou para Pernambuco, recomendara-lhe com toda a intimativa que se não deixasse enternecer de compaixão pelos Jesuítas; que, se lhe brotasse no coração algum sentimento de piedade, o ocultasse no seu peito sem que deixasse transparecer o mínimo sinal por fora, que executasse as ordens contra os Jesuítas com toda a diligência e prontidão, interpretando-as, no caso

de dúvida, sempre contra êles; que, por fim, se lhe parecessem atrozes ou iníquas, não tivesse o menor escrúpulo em as cumprir, pois tomava êle sobre si a culpa, e daria contas a Deus por ela.

Assegura o autor do manuscrito que ouvira êle mesmo muitas vezes ao próprio Caldeira esta recomendação, a qual também fôra feita a outros executores das ordens do Ministro Onipotente. E o mais curioso é que ela tivera lugar antes de 3 de setembro de 1758, dia da suposta conjuração contra a vida do Monarca, apresentada depois como motivo da perseguição contra os Religiosos que mourejavam em tão remotas plagas.

Miguel Carlos Caldeira, abraçou, pois, de todo o coração a obediência cega de que faziam culpada a Companhia de Jesús os seus inimigos, atribuindo-lha maliciosamente em sentido errôneo, e meteu ombros à nefanda tarefa com grande denôdo.

Entretanto o Governador de Pernambuco já se tornara inimigo dos Jesuítas. O primeiro indício da sua má vontade foi a intimação feita ao Reitor de Olinda de que, por ordem d'El-Rei, deviam embarcar quanto antes para Lisboa os dois Jesuítas estrangeiros, P. João Nepomuceno Szluga e o Ir. Coadjutor Jacome Barca (também, naquele tempo, a perseguição aos estrangeiros era sinal de alarme!). A êsse tempo, já tinham deixado o pôrto do Recife os navios destinados a passageiros, em que se podia viajar com menor despesa e maior comodidade. Havia apenas um navio de guerra, que tiveram de tomar, a-pesar-de caro e incômodo.

Escreveu em seguida o Governador aos Reitores de Olinda e de Recife que era vedada aos Jesuítas toda e qualquer comunicação com êle ou com os seus familiares. Tendo, pois, entrado em exercício do seu cargo o novo Reitor do Colégio

do Recife, comunicou-o por escrito ao Governador. Êste mandou levar a missiva entre sentinelas ao Cartório para alí ser aberta, e lida em público e arquivada, lavrando-se logo o têrmo de todo o ridículo aparato. Repetia-se a mesma cena cômica todas as vezes que recebia carta de qualquer Jesuíta.

Aos 9 de janeiro de 1759 começava o Bispo de Olinda a sua visita de Reformador, nomeando para seu sócio a Francisco Guedes Menezes. Os Jesuítas de Olinda já avisados na véspera, como moravam defronte do Palácio, compareceram todos aí sem demora, afim de protestar que estavam prontos para obedecer. Do Colégio do Recife, que distava três milhas, foi apenas o Reitor. Foram todos recebidos com muita amabilidade, e, passados três dias, mandou publicar o decreto relativo a negociação. Mas como os Reitores lhe afirmassem que estavam isentos de tal crime, pediu os livros de receita e despesa, examinou, aprovou e lançou-lhes no fim o seu visto. Durou todo êste trabalho até fins do mês de abril, terminado o qual, chegaram a Pernambuco as primeiras notícias do atentado do regicídio. Esta notícia abalou muito o ânimo do Prelado, que o Governador conseguiu mudar de todo, incutindo-lhe terror. Quando o Bispo louvava públicamente os Jesuítas, e muitas vezes os proclamava utilíssimos ao país, o Governador de Pernambuco, que se achava indisposto contra êle, propalava aos quatro ventos que o Prelado Olindense mostrava claramente que não era fiel ao Rei, mas sim inimigo oculto e dissimulado. Diante disto D. Francisco Xavier Aranha empalideceu, e para que não fôsse denunciado inocentemente ao Ministro vingativo, mudou inteiramente de proceder.

Desencadeia-se a tempestade

Aos quatro de maio, reuniu-se o Conselho, que, sem nenhuma ordem prévia do Rei, fez três decretos acedendo às urgentes instâncias do Governador, a saber: primeiro, que os Colégios dos Jesuítas fôsem vigiados pela tropa; segundo, que se confiscassem os seus bens; terceiro, que se encerrassem as escolas públicas.

No dia sete do mesmo mês convocou-se novamente o Conselho o qual, explicando o primeiro decreto, determinou que as guardas vigiassem dissimuladamente, das casas vizinhas, os Colégios, e comunicassem por escrito ao Governador, todos os dias, os nomes das pessoas que entrassem na Casa ou Igreja dos Jesuítas. Se qualquer dos mesmos Religiosos saísse fora da casa, que lhe seguissem a pista, e referissem logo tudo à dita autoridade.

Nesse mesmo tempo o Juiz Caldeira confiscava os bens dos colégios, saqueava as residências e as propriedades e remetia os Jesuítas à Cidade entre tropa armada.

Entretanto metia-se um homem na farmácia doméstica do Colégio afim de vender os remédios e apresentar o produto a Caldeira.

No dia seguinte à reunião do Conselho, os dois Reitores foram avisados, por cartas, de que todos os Jesuítas se abstivessem de exercer os ministérios sagrados, exceto os que viviam nas aldeias dos Índios.

Dois dias depois eram fechadas as escolas. Este fato excitou grande clamor na cidade, para abafar o qual o Governador conseguiu dos Franciscanos que ensinasse Latim, ameaçando simultaneamente, por um decreto aos estudantes, que,

se não comparecessem àquelas aulas, seriam obrigados a servir na milícia. Mais tarde Carvalho mimoseou a Colônia com novos mestres da sua laia, enviados do Reino, os quais se mostraram tão competentes, que o povo retirou os seus filhos, dizendo abertamente que os preferia ver ignorantes a irem beber idéias avariadas, e aprender maus costumes.

Generosidade dos Pernambucanos

Até aqui os Jesuítas, já expoliados dos seus bens, iam-se sustentando com o dinheiro que ainda lhes ficara. Aos 29 de maio reuniu-se o conselho afim de deliberar sobre a quantia que se deveria assinar a cada um dos Religiosos para seu sustento diário. Um dos membros votou por dois tostões, o Desembargador Caço por três; mas o Governador e Caldeira conseguiram que fôsse concedido apenas um, o que não chegava para sustentar nem sequer um vil escravo. Mas o nobilíssimo povo Pernambucano não podia sofrer que os seus beneméritos Educadores sucumbissem à fome. Fr. Antônio Melo, Franciscano, saíu a fazer um peditório pela cidade, e enviou ao Reitor do Recife uma grande soma de dinheiro. Os Beneditinos de Olinda ofereceram do seu bolso uma boa quantidade de ouro. Entre os que mais sobressaíram na cidade pela sua generosidade são dignos de menção: *Lourenço de Souza Coelho, Benedito Bessa, Manuel Álvares Ferreira, José Correia, Manuel Francisco Prazeres, Antônio Vaz Miranda, Virgínio Gomes Lisboa, Antônio Pereira e Manuel Miranda.*

As Senhoras na nobreza Olindense prestaram-lhes auxílio liberal e assíduo, principalmente duas das que tinham seus filhos na Companhia. Obte-

ve-se desta sorte que os Jesuítas não sentissem os efeitos da miséria em que os colocara o Governador.

Nas aldeias dos Índios

Sete eram as aldeias de Índios sujeitas ao cuidado dos Jesuítas de Pernambuco, cinco das quais, situadas no Ceará, lhes tinham sido confiadas por D. João V, com esperança de as ver habitadas novamente pelos Índios que as tinham abandonado. Os Jesuítas conseguiram de fato repovoá-las em pouco tempo, mas esta prosperidade não devia durar muito, porquanto foi enviado o Ouvidor Casco para o Ceará, com ordem de as converter em vilas, seguido de novos sacerdotes, e empregados públicos que as deviam administrar.

Consternados com esta triste nova, foram ter com os Jesuítas todos os Índios, suplicando-lhes que, afim de se livrarem da calamidade que sôbre eles pesava, os acompanhassem para o sertão interior, inacessível aos Portugueses. Diziam que aí havia campos para sementeira, rios de pesca, e bosques para caça; acrescentavam que não queriam sujeitar-se a outros sacerdotes, e que já estavam bem escarmentados com o que os seus antepassados haviam padecido sob o jugo intolerável dos ministros régios, causa da deserção das aldeias. Prosseguiam depois a comparar a administração dêles com a dos Jesuítas. Estes, diziam, defendem os bens, a vida e a liberdade dos habitantes; procuram a salvação das almas sem recompensa, acodem às doenças do corpo com remédios, compõem discórdias, promovem a paz; se fôr preciso punir alguma falta, proveniente quasi sempre mais da sua rudez do que de malícia, fa-

zem-no com clemência; se lhes pedem algum trabalho, recompensam-no com justo salário; por fim não procedem como chefes, mas sim como pais amantíssimos.

Contrapunham então a êste procedimento o dos ministros régios, descrevendo-os como senhores cruelíssimos e insuportáveis, que não pensavam senão em procurar o seu bem-estar e ajuntar riquezas, espremendo-as do suor e sangue dos Índios. Afirmavam que extorquiam recompensa dos serviços que eram do seu ofício; que não pagavam o jornal aos que faziam trabalhar, antes pelo contrário, os batiam, e até flagelavam, que para êles não havia coisa mais desprezível do que o sangue e a vida dos Índios. Acrescentavam ainda, com lágrimas nos olhos, outras injúrias e crimes que por amor à modéstia, e respeito à categoria das pessoas, prefiro omitir.

Pôsto isto, concluíam que estavam resolvidos a fugir para os montes, e rogavam aos Jesuítas que os seguissem afim de tratarem da sua salvação eterna, que êles, por seu turno, cuidariam de os sustentar.

A-pesar, porém, de tudo isto, os Jesuítas conseguiram dissuadir os Índios do seu propósito, e impedir por então a fuga.

O Desembargador Casco chegou a Ibiapaba no dia dois de junho, onde se hospedou com os Jesuítas, reconhecendo que, si os Índios se não haviam revoltado era devido unicamente àqueles Religiosos, e que, no caso de sedição, teria sido difficilimo, para não dizer impossivel, reduzir à obediência cinco mil famílias, que, por indústria dos Padres, tinham vindo fixar a sua morada naquela aldeia.

Erigiu, portanto, Ibiapaba em vila (Vila-Viçosa-Real), coisa fácil de improvisar, e despediu-se

dos Jesuítas, tecendo-lhes os maiores encômios, e deixando-os ir para o "Hospício do Ceará" — era o nome da sua Casa aí — sem a humilhação do acompanhamento da tropa. Rogara-lhes, porém, antes, que exortassem os Índios à paz e à obediência. Dado, pois, êste gôsto ao Ouvidor, partiram para o seu destino no meio de lágrimas.

No dia seguinte o novo Administrador fez uma arenga alardeando os benefícios do Rei para com os habitantes da Vila recentemente criada. Como, porém, concluísse dizendo que agora estavam já livres da escravidão dos Jesuítas, em que até então tinham vivido, repeliram a calúnia os Índios, protestando contra ela, uns com riso, outros com lágrimas e afirmando abertamente que tinham estado sempre livres sob a tutela dos Padres, e que daí em diante é que iam ficar escravizados e entregues à crueldade, avareza e lascívia de tantos senhores.

Tiveram igual sorte as aldeias de Caucaia (Nova Soure), Paupina (Nova Mecejana), Parangaba (Nova Arronches) e Paiacú (Monte-mor, o Novo da América). Os Jesuítas que aí trabalhavam, saíram entre lágrimas dos Índios, em direção ao "Hospício do Ceará", afim de dentro em poucos meses, serem daí transportados para Olinda.

O Administrador de Paupina, vendo que os Índios propendiam para a fuga, não quis tomar posse do seu cargo. Só se resolveu a fazê-lo, já cansado das importunações dos Jesuítas.

Em Parangaba, foi tão grande a tristeza dos habitantes, e tão iminente o perigo da revolta, que foi necessário ameaçá-los com a pena de morte.

Os Paiacumenses aturaram os novos senhores apenas quinze dias. Depois d'isto, sendo constran-

gidos a fazer trabalhos públicos sem paga, a maior parte dêles retirou-se para os montes, declarando terminantemente que não voltariam para as aldeias sem que primeiro tornassem para aí os Jesuítas.

Os das outras aldeias também fugiram mais tarde.

No Rio-Grande-do-Norte eram confiados ao zêlo dos Jesuítas duas aldeias. Guaraíras e Guajurú. Foram dalf expulsos no mês de junho os Padres Manuel Pinheiro e Alexandre Carvalho, com o escolástico José Ferreira; acompanharam-nos os Índios chorando e soluçando até a distância de muitas milhas.

A procela levanta as ondas até ao céu

Enquanto sacudia assim o vendaval as aldeias do sertão, não amainava a tormenta na cidade, antes recrudesca cada vez mais ameaçando envolver ainda os santos do Céu.

Era costume sair todos os anos do Colégio do Recife, uma procissão solene; mas proíbiu-a desta vez o juiz Caldeira, acrescentando que tais preces cheiravam mal em Lisboa.

O Governador mandou levar para a Igreja dos Carmelitas a estátua do Anjo Custódio, e celebrar a sua festa.

Tendo o Bispo concedido licença para se fazer a festa de São Francisco de Borja, no templo dos Jesuítas, o dito Governador não o quis consentir, e proíbiu ao Senado entrar na Igreja dos mesmos Religiosos. Êste, contudo, festejou o Santo noutra Igreja, onde o prègador teve muito cuidado em não mencionar que o Santo fôra Jesuíta, como se costumava então fazer em Portugal, mas o povo Pernambucano recebeu com isto grande desgosto.

Donde se vê que o terror espalhado pelo Governador, penetrara até o santuário, e tão forte foi êle, que, no dia da festa de St. Inácio, só os Franciscanos é que se atreveram, em virtude da sua antiga amizade, a tomar parte nela.

Castigo do Céu

Por êsse mesmo tempo caíu gravemente enfermô o Governador, lançando pela bôca grande cópia de sangue, o que todos, grandes e pequenos, consideraram como um castigo enviado do alto. Para se aumentar ainda esta persuasão concorreu um fato extraordinário: entrou no quarto do doente um menino do povo, com uma pequena imagem de St. Inácio, feita de bronze, e apresentando-a ao Governador, disse-lhe que a causa de tão séria enfermidade era a perseguição que êle movia contra os Filhos do Santo, e que, se queria recuperar a saúde, tratasse de desagrar aquele Patriarca.

Nota o autor do manuscrito que lhe não foi possível averiguar ao certo se o menino procedia assim por sua própria inspiração, ou por insinuação alheia.

O certo é, porém, que o enfermô sarou de repente, e tanto êle, como todos os demais, tiveram a cura na conta de milagre. Mas nem porisso cumpriu a promessa que fizera de ser mais benigno para com os Jesuítas.

Raios Pombalinos

No dia quatro de dezembro de 1759, chegaram a Olinda as ordens régias para se guardarem os Colégios dos Jesuítas com sentinelas. O Governador de Pernambuco, que se antecipara a êste de-

creto, colocando os guardas defronte, mudou-os agora para as portas das Igrejas e vestibulo dos Colégios, e deixou outros no pátio interno. Proibiu aos Jesuítas que saíssem para fora, mandando-os contar duas vezes ao dia, e tapando com muro algumas portas e janelas. Em uma palavra, fê-los passar pelos mesmos vexames que em outros Colégios.

No mesmo dia, promulgou-se com grande aparato o decreto régio que proibia toda a comunicação com os Jesuítas. Tal foi o terror que isto espalhou na cidade que ninguém se importou de levar os gêneros alimentícios para os Padres.

Decreto Olindense

Publicou-se ainda outro decreto em que se renovava solenemente a proibiçãõ dos ministérios sagrados, a qual fôra já intimada antes, em particular. Diz o autor do manuscrito que ignora quem escreveu êste decreto, mas que era tão mal redigido que até os mais versados na língua portugueza necessitariam de intérprete para o entender.

Para declarar os Jesuítas réus e principais motores da conjuraçãõ contra o vida do Rei, apela, não para algum decreto Régio, mas para a sentença proferida contra êles, em Lisboa, no dia 12 de janeiro do mesmo ano. Ora esta sentença transgredia as formalidades jurídicas, não continha nenhum argumento provável sequer, em que se podesse estribar a condemnaçãõ, estava pelo contrário recheado de contradicções, inépcias e inverdades, que, pela sua enormidade, faziam assombrar até os menos perspicazes. Demonstrou tudo isto o autor tratando da perseguiçãõ dos Jesuítas em Portugal,

Além disto, as culpas dos Jesuítas da Província de Portugal, suposto que fôsem verdadeiras, não podiam tornar réus de lesa-majestade os Jesuítas do Brasil, que viviam separados daqueles pelo oceano Atlântico, e pelo seu govêrno próprio e autônomo. A Carvalho convinha contudo, identificá-los, afim de paliar a sua injustiça e iniquidade, e porisso reúne manhosamente as duas Províncias independentes em uma só Província Portuguesa!

O decreto Olindense não duvidou além disto, descer até a baixeza e insultar os Jesuítas com nomes ignominiosíssimos, como os de *Ministros do inferno*, e outros semelhantes, mas nem assim conseguiu alienar o ânimo dos Pernambucanos, os quais continuaram, a-pesar-disto, a sustentar, à sua custa, os Jesuítas e choraram, com pranto universal e público, o exílio dos seus mestres e educadores (1).

Daquí se pode concluir quão sarcástica era a afirmação exarada no mesmo decreto de que os Jesuítas tinham sido guardados pela tropa nas casas de Portugal, afim de que não fôsem vítimas da ira popular, pois que não eram aí menores o amor e saudades do povo pelos Jesuítas, cuja extinção foi lamentada em toda a parte como uma calamidade pública. Pombal também dissera a

(1) Para se avaliar o influxo benéfico que os Jesuítas exerceram sôbre os Pernambucanos pela evangelização, educação e instrução, basta ler na "História eclesiástica de Pernambuco" pelo Con.º José do Carmo Barata o seguinte período referente à epopéia da guerra holandesa.

"Em Pernambuco, nos Colégios mantidos pela Companhia é que se formaram êsses heróis que escreveram as páginas mais formosas da nossa história."

mesma coisa ao Núncio de Sua Santidade, em Lisboa, e a mandara espalhar no Brasil, mas o autor do manuscrito dá a refutação cabal à calúnia, quando descreve a perseguição da Companhia em Portugal.

Continuava o decreto a exortar os súbditos a que fugissem dos Jesuítas e os aborrecessem, à imitação do povo português. A maneira, porém, como os Pernambucanos obedeceram foi a seguinte.

No mesmo dia em que se promulgou o decreto, dois Jesuítas, o *P. Nicolau Botelho*, e o *Ir. Coadjuutor João Batista*, tendo sido presos na aldeia de Urubú-mirim, foram conduzidos, no meio de uma escolta de cavalaria, para Olinda. No momento de entrarem nela tal foi a consternação, que invadiu todas as casas, tão tristes os lamentos, que se ouviam por toda a parte, que dir-se-ia ter caído a cidade em poder do inimigo nalguma guerra medonha. À proporção que iam subindo caminho do Colégio, iam também crescendo o pranto, e ouviram-se, no meio dos soluços de todos, muitas vozes que suplicavam ao Céu castigo para tanta atrocidade.

O mesmo se deu, na então Vila do Recife, quando, passados poucos dias, chegaram, aí entre soldados armados, os Jesuítas de Paraíba.

Vejamos agora brevemente o que estes últimos sofreram por todo êsse tempo.

Colégio de Paraíba

Êste Colégio começou a experimentar as agruras da perseguição, passado o mês de janeiro de 1759. As autoridades de Olinda proibiram, primei-

ramente, ao Capitão-mor admitir os Jesuítas em sua casa. Mais tarde, no mês de maio, foram estes intimados a absterem-se de exercer os ministérios sagrados, e a mudarem de residência. Decorridos alguns dias, foram colocados, dissimuladamente, defronte do Colégio, guardas, de quem o Capitão-mor exigiu, sob juramento, que lhe viessem de noite dar conta de tudo quanto tivessem observado durante o dia. Foram, ao mesmo tempo, fechadas as escolas e também despedidos os jovens, que eram educados no Seminário, o que provocou, como era natural, grande mágoa e indignação do povo.

No dia 13 de dezembro, foi cercado o Colégio, e postas as sentinelas, à porta de todos os quartos; fez-se o rol de todos os haveres, e os Jesuítas foram intimados a deixar o Colégio e o Seminário.

Publicavam-se, entretanto, também aqui, com o mesmo aparato, os decretos já acima mencionados, sendo um dêles fixado às portas da Igreja.

Espoliados, pois, de tudo quanto possuíam, foram, no dia 20 de dezembro, metidos seis Jesuítas num barco, entre guardas, o qual aportou ao Recife passados dois dias. Eram êles *P. José Xavier*, Vice-Reitor, *P. Domingos Gomes*, *P. José da Rocha*, *P. Teodósio Borges*, *P. Inácio Garcia* e o *Ir. Coadjutor José Lopes*.

Mal se pode explicar a mágoa que esta expulsão causou aos habitantes da então Vila de Paraíba. Nenhum dêles quis ficar com o depósito do dinheiro realizado com a venda pública das coisas que haviam pertencido aos Jesuítas. Foi porisso necessário recorrer à sorte, e aquele a quem a coube foi constrangido a aceitar o triste ônus.

Expulsão dos Jesuítas de Olinda

Por êsse tempo, Caldeira declarou aos Reitores de Olinda e do Recife que pela benignidade do Rei eram assinados dois tostões para sustento de cada um. Fez, depois, pela terceira vez, o rol dos bens dos Jesuítas; mediu em seguida e descreveu com todo o cuidado os Colégios e os Templos.

Durou tudo isto até o dia cinco de fevereiro de 1760. No dia seguinte foram expulsos do Colégio de Olinda todos os Jesuítas, e transportados ao do Recife, que ficava situado perto do mar. Eram 21 ao todo.

P. Inácio de Sousa, Reitor, P. Joaquim Ribeiro, P. Tomaz da Costa, P. Nicolau Rodrigues, P. Vicente Gomes, P. Antônio Álvares, P. Manuel Rêgo, P. João Menezes, P. João Neves, P. José Amorim, P. Jerônimo Veloso, P. Antônio Dantas, P. Manuel Pinheiro, P. Manuel Anchieta, P. José Caetano, P. Manuel Moreira, e os Irmãos Coadjutores: João da Silva, Domingos Brito, Antônio Faria, José Freire e Inácio da Silva.

Fez-se esta expulsão com todo o aparato militar. Ao anoitecer entraram no Colégio o Governador e o Juiz Caldeira, acompanhados de grande número de soldados e oficiais da Justiça.

Ao toque da sineta reuniram os Jesuítas, e fizeram a chamada individualmente. Verificada a presença de todos, deixaram ir aos quartos um grupo de sete, acompanhados de outros tantos soldados, afim de buscarem o necessário para a viagem, ordenando expressamente aos guardas que lhes não permitissem levar nada mais. Tendo voltado estes, foi enviado o outro grupo de igual número. Todos já prontos, puseram-se a caminho que fizeram a pé, andando três milhas até o Recife, à luz de archotes, e ladeados de tropa armada. A sua chegada à

Vila foi anunciada ao som de tímpanos e trombetas. Alojaram-se, por fim, no Colégio do Recife, aguardando o tempo de navegar junto com os outros companheiros.

No entanto, o Governador mandou, entre soldados armados, para a sua casa, a mobília dos Jesuítas, que, diga-se de passagem, não era nada rica. Depois de bem examinada foi ela em parte, vendida em hasta pública, sendo enviado o resto ao Colégio do Recife para uso dos seus legítimos donos.

No dia seguinte, sendo convocados os militares, foi promulgado o decreto da expulsão, na praça, e logò a seguir nas ruas mais freqüentadas da Vila, ao som nefasto das trombetas e tímpanos.

Tudo isto causou tal desgosto e mágoa em todas as classes dos habitantes, que, diz o autor, a quem vou seguindo quasi à letra, que não sabe se teria havido igual em outras partes. Para se fazer alguma idéia desta profunda tristeza, basta aquí notar que houve muitíssimas famílias que se abstiveram de comer durante três dias. Tendo, porém, os Jesuítas vindo em conhecimento destes excessos de loucura, por meio dos guardas, escreveram ocultamente aos seus amigos exortando-os a terem mais juízo.

Expulsão dos Jesuítas do Ceará

Pouco depois entraram no mesmo Colégio os Jesuítas do Ceará.

Vejamos, pois o que se passava por todo êsse tempo naquela Capitania.

No dia 26 de novembro, o Capitão-mor do Ceará, João Baltazar Quevedo, colocou uma guarnição à frente da casa dos Jesuítas, obrigando os

soldados, com a fé do juramento, a levarem ao seu conhecimento tudo quanto observassem. Causou isto tão grande pavor nos habitantes que muitos nem sequer se atreviam a entrar na igreja daquelles Religiosos.

Mais tarde, noite do Natal, foi cercado de tropa o "Hospício", e os soldados deitaram fora os escravos que se tinham reunido para assistirem à missa do galo. Ainda maior escândalo teve lugar na Igreja Matriz, onde, durante a missa da mesma noite, foi lido o decreto Olindense, já mencionado, com suma indignação e mágoa de todos. Já estava também nesse tempo promulgado o decreto que proíbia toda a comunicação com os Jesuítas.

Na mesma noite, entrou no "Hospício" o Ouvidor Casco, e entregou ao Superior as cartas, vindas de Olinda, em que se ordenava que aqueles Filhos de St. Inácio embarcassem para o Colégio do Recife. Lidas as cartas, encarregou da já iniciada ocupação militar do "Hospício" a Vitorino Soares Barbosa.

Durou esta situação até nove de fevereiro de 1760, dia em que foram, por fim, expulsos, sendo acompanhados até ao navio pela guarnição militar. Passados 19 dias de assaz próspera viagem, alcançaram o pôrto do Recife 10 Jesuítas, a saber:

P. Manuel Franco, Superior, P. Francisco Lira, P. João de Brito, P. Inácio Gomes, P. Manuel Lima, P. José Inácio, P. João Sales e os Irmãos Coadjuutores: Manuel Macedo, Jacinto Fonseca e Manuel Ferreira.

Aportados ao Recife, foram conduzidos ao Colégio no meio de soldadesca, renovando o pranto público.

Entre estes exilados vinham três escravos, que o Senador Casco metera no navio para serviço dos Jesuítas. Porém o Governador de Pernambuco, não sei que culpa achou neles, que os meteu na prisão e mandou levar para sua casa tudo quanto os Jesuítas haviam trazido consigo.

Colégio do Recife

Este edifício era pequeno demais para poder alojar dentro dos seus muros todos os Jesuítas das outras casas, que se achavam aí reunidos. A maneira como se procurou remediar este inconveniente foi bem triste. Desde o momento em que o Colégio fôra cercado, o Juiz Caldeira, em cumprimento das ordens pombalinas, procurara abalar a vocação dos sitiados. Mas como visse que os seus conselhos e exortações eram baldados, a ponto de um Irmão Coadjutor lhe responder que preferia ser enforcado a abandonar a Companhia, achou melhor reservar aquele combate para tempo mais oportuno, quando a falta do necessário e prisão diuturna infirmassem a sua constância, e os tornassem mais acessíveis às suas insinuações diabólicas. Oferecendo-se, pois, a conjuntura, em que já eram condenados ao exílio perpétuo, agrediu-os novamente, mostrando como tantos outros já tinham renunciado à vida religiosa nos grandes Colégios da Província. Conseguiu dest'arte demover dos seus santos propósitos a seis Jesuítas: *P. Antônio Salgueiro*, *P. Manuel Moreira*, *P. José Caetano*, e os Irmãos Coadjuutores: *José Freire*, *Manuel Ferreira* e *José Lopes*. Para se julgar do valor das dimissórias que foram entregues a estes infelizes, veja-se o que ficou dito, em casos análogos, na expulsão dos Jesuítas na Baía.

“Nau Capitânea” dos Jesuítas

No dia 1.º de abril chegou do Rio ao Recife o navio, que Gomes Freire tomara um pouco antes aos Jesuítas, e que devia deportar os seus antigos donos para o Reino. Servia êle para as viagens do Provincial, quando tinha de visitar, por seu officio, os Colégios, que ficavam situados a tão grandes distâncias, e para as dos seus súbditos, nos casos de transferência duma casa para outra, para o que oferecia êle maior conveniência e pontualidade. A sua capacidade não comportava mais de 16 beliches, mas como os Jesuítas, que deviam viajar eram 53, foi necessário sobrepor os leitos uns aos outros. Ainda assim só foi possível construir 48.

Era esta embarcação que o Ministro de D. José chamava sarcásticamente a “Nau Capitânea” dos Jesuítas, diante do Rei e dos seus convivas. Foi também êle que a fez levar para o Tejo, com mais mentiras, diz o autor do manuscrito, do que as tábuas e velas que ela tinha, afim de a expor aos olhos do Rei e ao ludíbrio de todos.

Novos assaltos contra a vocação

Preparadas, pois, as acomodações — se tal nome elas podem merecer — escolheu-se o dia cinco de abril, sábadó de aleluia, para se avisar às pobres vítimas a sua próxima partida. Entretanto, como o navio, ainda assim era pequeno demais para comportar tantos passageiros e mantimentos necessários para a viagem, o Juiz Caldeira redobrou de esforços para ver se triunfava da santa pertinácia dos jovens e dos outros Jesuítas que não tinham feito a profissão de quatro votos. Ponderava-lhes que se êles cedessem aos seus conselhos, os mais

velhos viajariam com maior comodidade; do contrário, não haveria leitos em número suficiente, nem vitualha para tanta gente. Com maior empenho assestou a sua bateria satânica contra o P. Jerônimo Veloso, homem de idade já avançada. Enre várias respostas com que êste Sacerdote rebateu os argumentos e conselhos impertinentes do Juiz de Fora, insistiu com certa ênfase naquella em que mostrava o perigo da sua salvação eterna, a que se exporia, caso se resolvesse a dar aquele passo. Caldeira encolerizou-se então excessivamente, e pegando no braço do ministro de Deus ordenou-lhe que se abstinésse de persistir naquella razão que nem êle podia ouvir, nem outro qualquer apresentar, pois que o Rei tinha consultado homens competentes, nem faria tal proposta, si a saída da Companhia acarretasse consigo o perigo da condenação eterna.

Mas, a-pesar-de tantos assaltos, feitos sem atenção ao devido respeito e prudência, não conseguiu que nem um sequer faltasse à sua fé jurada nos altares. Mais tarde, contudo, tomou mais juízo, pois que lido o decreto da expulsão em presença dos Jesuítas recomendou-lhes amigavelmente que não escrevessem às suas famílias afim de lhes poupar tão grandes desgostos, aviso que foi aceito com muito prazer, visto ser uma resolução tomada por êles já d'antemão.

Embarque

Estavam todos prontos para partir quando appareceu um ligeiro contratempo. O Capitão do navio, vendo que o Irmão Coadjutor Inácio da Silva apresentava na pele uma doença contagiosa, embargou a sua partida com infundado receio de que

se pudesse propagar entre os restantes passageiros. Teve de ficar, à vista disto, em terra, mas por nenhuma coisa dêste mundo, quis deixar a roupeta, nem aceitar a saída da Companhia, que muitas vezes lhe ofereceram.

Por fim, no dia primeiro de maio de 1760, foram levados ao navio 53 Filhos de St. Inácio, entre tropa armada.

A maior parte dos seus nomes já estão mencionados no decurso desta narração. Só falta indicar os daqueles que pertenciam ao Colégio do Recife. Ei-los. Sacerdotes: *Antônio Nunes*, Reitor, *Antônio Paes*, *Antônio Cunha*, *Cornélio Pacheco*, *Francisco Pereira*, *Manuel Amaral*, *Alexandre Carvalho*, *Francisco Gouvêa*, *Antônio Couto*, *Luiz Gonzaga*, *José Pereira*, *João Antunes* e *Antônio Salgueiro*.

Escolástico: *João Pereira Albarínio*.

Irmãos Coadjuutores: *Manuel Cruz*, *João Paulo*, *Manuel Diniz*, *João Gonsalves*, *Francisco Rodrigues* e *Manuel Vaz*.

Além dêstes havia mais um sacerdote da Província da China, P. João Simão.

Capitão desalmado

O Capitão do navio era um alemão, por nome José Maria, o qual, diz o autor do manuscrito, ou nunca aprendera os modos *afabilíssimos* e *gentilíssimos* da sua nação, ou já os perdera. Entrados os Religiosos no barco, enviou-os imediatamente para o porão, e fechou as portas, mandando-os guardar por sentinelas. Começaram então a introduzir nele as trouxas que tinha sido permitido levar consigo aos exilados. Estas, porém, achavam-se molhadas pela chuva e pelas grandes ondas que então se levantaram na travessia.

Ora, conservando-se roupas molhadas no porão fechado, fácil era o perigo de se transformarem em foco de corrupção e de peste. Rogaram, porisso, os Padres ao Capitão que as deixasse secar primeiro fora. Como, porém, não quisesse anuir ao pedido, suplicaram-lhe com toda a instância, que as distribuísse pelos marujos ou reenviasse para a Vila. Mas êle permaneceu inexorável. Os Jesuítas então começaram a deitar ao mar, por uma vigia, tudo quanto não era absolutamente indispensável.

Vendo-o o Capitão, proibiu terminantemente aos marinheiros tirar das ondas qualquer objeto que tivesse pertencido aos Jesuítas, ou porque julgava que assim infringiriam a lei que vedava a comunicação com aqueles Religiosos, ou porque receava que a tripulação, guardando para si tais objetos, se corrompesse e contaminasse.

Viagem — Atrocidades inauditas — Vítimas da sêde

O Capitão não mudou do seu procedimento com o tempo.

Se Pombal tivesse querido buscar de propósito um verdugo cruel para maltratar as suas vítimas, não teria encontrado outro mais apto. Tendo no dia cinco de maio levantado ferro do pôrto do Recife, marcou como ração de cada um: arroz ao jantar, um punhado de legumes à ceia, e, no fim, água. Esta era também distribuída por cabeça, mas com tanta mesquinhez que afirma o autor já citado, ter êle averiguado, com toda a certeza, que a quantidade de água, que se dava a sete, não seria suficiente para um. Êste gole d'água, portanto, não servia para matar a sêde, mas antes para a acender mais.

Estavam já, além disso, abrasados com o calor do porão, que a acumulação de tantas pessoas num espaço tão pequeno vinha aumentar, a ponto de ser impossível à natureza humana suportar. Sentiam queimadas, em consequência disto, não somente as gúelas, mas ainda as vísceras.

Dizem que o tormento da sede é mais horrível que o da fome. Explica-se assim que os pobres infelizes, afim de ver se conseguiam apagar aquele incêndio, lançassem mãos, uns d'água do mar, outros d'água suja. O resultado foi a morte de dois Jesuítas no intervalo de cinco horas, causada pela sede: um, o P. Vicente Gomes, setuagenário, veio a falecer no dia onze de maio; e no dia seguinte, o P. Cornélio Pacheco, com mais de 60 anos de idade. Ambos poderam receber a extrema Unção, mas o Capitão não permitiu que se lhes desse o viático. Praticou esta mesma crueldade com o P. Francisco Lira, quasi nonagenário, o qual expirou aos dezesseis de junho, e com o Ir. Coadjutor João Paulo, que lhe seguiu dez dias depois. A causa da morte, tanto de um como do outro foram as mesmas chamas da sede, com que as suas vísceras ficaram consumidas, pois, ainda que se lhes concedeu depois água suficiente, não foi possível reparar o mal já causado.

A razão, que fez cessar a sórdida mesquinhez do Capitão, foi a seguinte. A tripulação aterrorizada com as duas primeiras mortes, ocorridas em tão rápida sucessão, levantou um grande tumulto. À vista disto, o Capitão deu licença aos Jesuítas para virem ao convés, e celebrarem aí o santo sacrifício da missa rodeados de soldados, sem contudo poderem participar do banquete eucarístico. No primeiro dia, o P. Nicolau Rodrigues, homem já entrado em idade, de joelhos como estava, suplicou

ao Capitão, que, pela sede que Nosso Senhor Jesus Cristo padecera na cruz lhe desse água para extinguir o incêndio que o devorava. O verdugo teve vergonha de resistir a um pedido feito em público naquelas circunstâncias. Mandou, pois, vir água em abundância e deixou-os beber quanta quisessem, mas avisou ao Reitor que ao diante não deixasse os velhos sair do porão para ouvirem missa. Mais tarde limitou a licença apenas a trinta, acrescentando que êle dispensava do preceito aos restantes.

A fome e a sede não podiam deixar de produzir os seus efeitos gerais. E de fato com o tempo, começaram a espalhar-se várias doenças. Em consequência disto, o Capitão temendo algum tumulto, aumentou a ração da comida e da água. Mas nem porisso foi muito generoso. O que veio aliviar mais as pobres vítimas, foi a chuva que durou muitos dias a seguir. Os Jesuítas aparavam-na pela vigia quanta queriam, e puderam assim saciar plenamente a sede.

No Tejo

Passados tantos tormentos e humilhações, com 53 (1) dias de viagem, aportaram, por fim a Lisboa no dia 26 de junho. Logo que viram, no Tejo a "nau Capitânea da frota dos Jesuítas", tanto os amigos como os inimigos dêstes, celebraram com riso, a impudência de Pombal, e, com lágrimas, a calamidade dos tempos. A falar a verdade aquella nau podia ser muito bem considerada como capitã-

(1) Parece que há algum equívoco ou erro do copista no manuscrito sobre êste cômputo, pois dá 43 dias de viagem em vez de 53.

nea, não da frota Jesuítica, que nunca existiu, mas da *Carvalhana* a qual o tirano português do século XVIII fez percorrer todos os mares afim de atormentar, oprimir e tirar até a própria vida dos Jesuítas.

Quando estes entraram no pôrto foram visitados pelos Magistrados, enviados por Pombal, os quais os mudaram logo, entre guardas armados, para o navio cargueiro de Gênova, onde se juntaram com os seus Irmãos da Baía e Rio que estavam aí à sua espera.

Todas estas notícias estão contidas entre as páginas 40-60 do manuscrito. Na página 135, n.º 119, é que refere o autor a luta que todos estes Jesuítas tiveram de sustentar novamente com os emissários de Carvalho contra a sua santa vocação, e da qual já falei no artigo anterior. Nesta ocasião, enganados pelas artimanhas e fraudes de Pombal, deixaram a Companhia alguns dos seus Filhos, entre os quais pertenciam, diz o manuscrito, ao Colégio de Pernambuco os Padres: *Antônio Álvares, Manuel Anchieta*; Os Escolásticos: *Teodoro Carvalho, Manuel Rodrigues, Jerônimo Carvalho*; e um Irmão Coadjutor: *José Acácio*, o qual logo depois partiu para Roma e conseguiu ser reconhecido como Jesuíta.

Entretanto, devido à doença grave, ou extrema debilidade, foram transportados para a cadeia de Azeitão 16 Jesuítas. O Colégio de Pernambuco era aí representado pelo *P. Antônio Paes*, cego, e Irmão Coadjutor, *Manuel Cruz*.

Em Roma

Feito isto, o navio genovês desferiu as velas no dia 28 de junho ⁽¹⁾ e chegou à Gênova no dia 21 de julho, donde passaram a Civita Vecchia e daí para Roma, como ficou dito no primeiro artigo.

As considerações, que fiz neste último, tem cabida também aqui, mas é excusado repeti-las. Basta notar que em Pernambuco como na Baía os Jesuítas concluíram, com fecho de ouro, a sua obra de evangelização e educação.

Bem-aventurados, diz o Evangelho, os que padecem perseguição por amor da justiça. Ditoso, também, podia acrescentar, o país, que sem nenhuma culpa sua, presenciou aqueles exemplos de excelsas virtudes, e recolheu o fruto de tantos sacrifícios, pois que todos os Jesuítas, tanto estrangeiros como brasileiros, ofereceram a Deus, sem dúvida, os seus padecimentos pelo seu querido Pernambuco. Esta Capitania por sua vez, teve ensêjo de escrever, na sua história, mais uma página de ouro, patenteando profunda gratidão aos seus educadores, sem temer a tirania dos potentados. E nem era menos de esperar dos sentimentos nobilíssimos do Leão do Norte ⁽²⁾.

N. B. — No vol. 7.º de “Documentos para a História do Ceará”, Coleção Barão de Studart, n.º 80,

⁽¹⁾ O manuscrito tem IV KAL. JUNIAS em vez de JULIAS — Deve ser equívoco, ou erro do copista.

⁽²⁾ Os leitores notarão por certo que, em algumas coisas, este artigo não concorda com outros escritores, *inclusive* o próprio P. Galante e Oliveira Lima, p. ex., com respeito ao Governador de Pernambuco, e o Bispo de Olinda. Mas é que esses autores não tiveram à mão o manuscrito que me serve de guia, o qual possui sem dúvida autoridade decisiva no caso.

encontra-se um documento que diz respeito à nossa história. E' cópia autêntica oficial feita pelo Secretário Antônio José Corrêa, — pois os documentos oficiais eram conservados em duplicata. E' assinado por Luiz Diogo Lobo da Silva, Governador de Pernambuco, datado do Recife de Pernambuco, quatro de março de 1760, e dirigido ao Ouvidor Geral, pois vem o seu nome no fim do documento da forma seguinte: *Snr. Bernardo Coelho da Gama Casco*. Copio textualmente o documento.

Começa assim: “No dia 29 de fevereiro chegou o barco a esta Praça, em que vinha o Snr. Manoel Corrêa Vasq^s com os P.P. Jesuitas, que declarava na relação se achavão no Hospicio do Ceará, escoltados da guarda precisa donde immediatamente foram tirados, conduzidos com a minha assistencia e todas as cautelas precisas ao Collegio do Recife, e como na carta de sete do mesmo mês me não dizia terem sido examinadas as canastras, broacas, bauz e demais fato que trazião, me foi preciso recolher tudo á casa e immediatamente averiguar na presença do Dr. Miguel Carlos e tres escrivães tudo o que fixavão, fazendo inventario com a necessaria claresa e individuação.

O mesmo se praticou a respeito da canastra em que fixou os papeis que-me-segura (assegura?) unicamente lhes achava, de que me entregou a chave o predicto Tenente na qual entendendo serião papeis de importancia e titulos relativos aos bens que possuiam, não achei algum de consequencia sem embargo de ser passado hum, a hum para maior inteligencia do contexto de todos, excepto algumas redicularias em que rompeo não sem escandalo o espirito de vingança, e paixão destes bons Jesuitas.

Por certidões que acompanham, fico no conhecimento dos bens de huma e outra especie que lhes foram achados, e como a administração dos da primeira, por conta da Real fazenda não hé nada util e antes pode ser prejudicial, escrevo ao Dr. Ouvidor da mesma Comarca, insinuando-lhe o meio mais conveniente, porque se deve regular nesta materia por ser tambem conforme o Decreto de 23 de Agosto de 1759..." (Depois passa a repreender ao Ouvidor Geral (Gama Casco).

No Doc. 87, assinado por José Pereira da Costa em Caucaia, 18 de setembro de 1759, o qual parece que foi quem fez a Relação da população e rol dos objetos encontrados nas sete aldeias, diz o relator falando de Caucaia (Soure), que seus edifícios não passam de choupanas, cobertas de palha de carnaúba e acrescenta: "Não corresponde porém a Igreja nos seus principios a pobresa do Logar por ser mto digna Matriz de uma Villa, senão tiver o descuido de ser acabada.

He toda de pedra e cal: suas paredes em bastante grossura e proporcionada symetria alem de huma boa espaçosa sacristia; mas á falta de esmolas, ou patrimonio está suspensa, e sua altura em meio, e ainda por cobrir; servindo-se o povo para o exercicio das funcções ecclesiasticas, da antiga Igreja, pequena Capellinha no interior da nova, inculcando seus crescidos annos de rustica cobertura de suas palhas. Entendo que o desejo com que se mostra ambicioso o R.^{do} Vigario de lhe aplicar todo o cuidado no seu total complemento fará continuar o trabalho, e augmentos della se tiver a fortuna de alguma caridade..."

III

RIO-DE-JANEIRO

Depois de termos visto o que os Jesuítas sofreram na perseguição do famoso Ministro de D. José na Baía, e no Nordeste do Brasil, cabe agora a vez ao Rio-de-Janeiro.

Nas Autoridades, que então governavam a atual metrópole do Brasil, encontrou o Marquês de Pombal instrumentos muito mais dignos do seu ódio aos Jesuítas do que na Baía e Pernambuco. Porisso, o autor do manuscrito latino, que me serve de guia descreve mais largamente tudo quanto aqueles verdugos fizeram padecer aos Filhos de S. Inácio.

Eu, porém, atendendo ao fim, que tenho em vista, e os leitores, a quem me dirijo, procurarei abreviar o mais possível esta narração, no princípio, em alguns pontos, esperando poder continuá-la quasi integralmente mais adiante.

O homem, que Pombal escolheu para torturar os Jesuítas do Rio-de-Janeiro, foi Gomes Freire d'Andrade, o qual tendo desempenhado a seu contento o cargo, que o mesmo ministro lhe confiara para oprimir os Jesuítas de Paraguai, foi recompensado com o título de Conde de Bobadela e chamado do Rio-Pardo para o Rio-de-Janeiro.

Prisão dos Padres

Em cumprimento das ordens do Ministro de D. José, êste Governador mandou cercar o Colégio dos Jesuítas, antes da madrugada de 3 de novembro de 1759, por 200 soldados. Ao romper da alva compareciam aí o Ouvidor Geral, Agostinho Félix Capelo e José da Silva Fonseca, elevado pouco antes por Pombal ao pôsto de Coronel, apresentavam ao Reitor, P. Manuel Ferraz, o decreto régio, e procediam logo a buscar o dinheiro que supunham haver no Colégio. Grande, porém, foi a surpresa e ainda maiores a tristeza e ira, quando viram que os imensos tesouros apre-goados por Sebastião José de Carvalho, não pas-savam de 40 escudos romanos.

Seguiram-se logo todos os vexames, análo-gos aos que os seus Irmãos de hábito haviam pa-decido na Baía e Pernambuco. Chegaram mesmo a tapar muitíssimas janelas e portas, proibindo-se formalmente aos Padres o subir ao quintal ad-junto ao Colégio, e até levar a água daí por meio dos serventes. A capela dos alunos foi espoliada de todos os seus ornamentos, e profanada com a moradia dos soldados.

Enquanto se passava isto no Colégio, ressoa-vam pela cidade trombetas e tímpanos, apregoando o cruelíssimo edito.

À tarde do mesmo dia, apareceu no Colé-gio, Gomes Freire, e marcou três tostões para sustento quotidiano de cada um, incluindo todas as despesas com os criados, médicos, farmácia, etc., e proibiu aos mesmos empregados, que os serviam dentro, toda e qualquer comunicação, até por sinais, com os que trabalhavam fora.

Nos arrabaldes da cidade

No mesmo dia foram expulsos dos dois engenhos de açúcar, que os Jesuítas possuíam perto da cidade, e levados para o Colégio entre soldados, cinco sacerdotes e um Irmão Coadjutor, a saber:

Padres Pedro Vasconcelos, Manuel Moura, José Leitão, Francisco Calado, Gaspar Gonçalves, e o Irmão João Carvalho.

Estas e outras propriedades, possuíam os Jesuítas para sustentação dos Colégios e das obras de zêlo e caridade, bem como para acudir às despesas do culto.

A instrução em todos os Colégios dos Jesuítas era, naquele tempo, como já sabem os leitores, gratuita, e, portanto, acessível tanto aos ricos como aos pobres.

O Marquês de Pombal e os seus imitadores esbulharam das suas possessões os beneméritos Religiosos e tornaram impossível a volta àqueles tempos áureos. Os governos maçônicos, continuadores da obra nefasta de Pombal nos países católicos, apregoam hoje aos quatro ventos a difusão do ensino. O certo é, porém, que de fato não existe ensino rigorosamente gratuito. As escolas, chamadas gratuitas, são sustentadas com os impostos pesados, extorquidos aos ricos, bem como aos pobres. Até a maior parte das famílias tem de fazer gastos duplicados, uns para satisfazer os tributos com que se mantêm as escolas oficiais, e outros para pagar a pensão dos seus filhos nos Colégios particulares. Eis o presente dos Gregos com que nos mimoseiam os nossos amigos das lojas maçônicas!

Mas voltemos à nossa narração.

No dia quatro de novembro foram conduzidos da casa de Campo de S. Cristóvão, no meio da escolta, dois sacerdotes e dois escolásticos, enviados para aí por motivo de saúde.

Os nomes dos Padres, são: **Júlio França** (Superior) e **Joaquim Morais**; os dos estudantes: **Gaspar Sales** e **Manuel Marques**.

A triste missão de prender os Jesuítas destas três casas coube ao Desembargador **Manuel Fonseca Brandão**, mas desempenhou-se dela com singular amabilidade, confessando a sua mágoa profundíssima por tão grande e indigna calamidade.

O Governador Gomes Freire queria encerrar todos os Jesuítas do Colégio nos fortes do Rio-de-Janeiro, tendo, porém, proposto esta sua idéia no Senado da Câmara, êste ponderou-lhe que a cidade estava indignada à vista do que se praticava contra os Jesuítas, que todos sabiam serem perseguidos por ódio e calúnia; que se os vissem ser transportados para os fortes, havia motivo para temer uma insurreição, não fácil de reprimir por falta de tropas suficientes. Já se tinha visto por experiência que os Jesuítas se sujeitavam submissamente às ordens régias.

Era indigno, além disto, tratar dessa maneira homens venerandos pelas suas cãs, pela sua ciência, e beneméritos pelos insignes trabalhos entre os índios.

Gomes Freire, atendendo a estas razões, desistiu do intento, determinando, contudo, que fôsem reunidos na sala duas vezes ao dia ao toque da sineta, e, feita a chamada individual, se dirigisse o Comandante com o escrivão aos quartos dos doentes afim de averiguar se algum tinha fugido.

Em outras casas

Enquanto sucedia isto na Cidade, os emissários do Governador andavam pelos sítios e aldeias a prender os Jesuítas, seus moradores, e confiscar-lhes os bens.

Assim o Desembargador Domingos Nunes Vieira, dirigindo-se a **Santa Cruz**, encontrou pelo caminho o **Padre Francisco Manuel**, gravemente doente, e o **P. José Nogueira**, aos quais mandou para a Cidade, e prosseguindo até a residência, prendeu o **P. Superior, Pedro Fernandes, P. Pascoal Gomes** e o **Irmão Coadjutor José Resende**. A todos tratou com delicadeza e benignidade, declarando abertamente que reconhecia a inocência dos Jesuítas, mas que não podia remediar essa "iniquíssima calamidade".

O mesmo Desembargador teve que deportar também o **P. Gualtero Pereira** e o **Irmão Coadjutor Domingos Pereira**, enfêrmo já ungido com os Santos Óleos. Trabalhavam êles na aldeia **Taguagensense**, tendo a seu cargo o cuidado espiritual de 250 Índios.

Ao Desembargador **Gonçalves José Brito** coube o encargo de ir à **Residência Macacuense** e ao **Saco** para levar presos o **P. Superior, Gonçalves Costa** junto com o **P. Manuel Leão**, e transportar a grande quantidade de farinha, madeira, etc., que aí havia. Portou-se em tudo com muita correção.

Igual bondade mostrou para com as pobres vítimas outro Desembargador, **João Cardoso d'Azevedo**. Em cumprimento das ordens superiores prendeu êle na residência da **Goitacaras**, onde havia um grande Engenho de açúcar, o **Superior, P. Miguel Lopes** e o **P. Melchior Mendes**; na de **Macau**, outro Engenho, o **P. Inácio Leão** (Supe-

rior), e o P. Mantel Silva; na de Campo Novo, o P. Superior Atanásio Gomes, e o P. Diogo Teixeira, com o Irmão Coadjutor, Manuel Francisco.

Em todos estes Engenhos, sítios e aldeias havia grande número de gente a trabalhar, tendo os padres muito que fazer afim de atender ao cultivo espiritual das suas almas.

Na aldeia de S. Barnabé estavam sendo catequisados 280 índios. Tendo sido para aí enviados pelo Governo, Antônio José Corrêa e Alexandre Nunes Leal, êste último maltratou os Padres e mandou para a cidade, entre soldados, o P. Caetano Dias e o Irmão Coadjutor, Domingos Soares.

O navio da "Província" com 16 Jesuítas da Baía

Por êsse mesmo tempo chegava ao Rio-de-Janeiro, com 16 Jesuítas do Colégio da Baía, o navio da **Província** como o chamavam. Servia êle, como já vimos em outra parte, para as viagens do Provincial, nas suas visitas obrigatórias às diferentes casas da Companhia, e para transportar os seus súbditos para os diversos Colégios que estavam espalhados por toda esta imensa costa do Brasil. Já desde os remotos tempos do Venerável P. Anchieta possuíam navio próprio os Jesuítas, porque não era fácil, naquele tempo, achar embarcação na ocasião oportuna para se fazerem essas viagens, às vezes urgentes. O dito Apóstolo do Brasil, que só ia visitar as casas quando Provincial, em um navio inteiramente semelhante a êste, dizia muitas vezes que o navio da **Província** nunca sofreria naufrágio.

Fiados nessa profecia, os seus Irmãos de hábito percorreram o Oceano, nos ditos navios, por dois séculos, sem o menor mêdo de naufrágio,

até que este último não podendo resistir à violência da tempestade Carvalhana para usar da expressão do autor do manuscrito, veio a naufragar, por fim, no pôrto de Guanabara.

O Desembargador Capelo apoderou-se d'êles à mão armada, meteu os Jesuítas nas canoas e levou-os para o Colégio.

Dentre êles 8 eram sacerdotes:

Padres Francisco Almeida, Inácio Xavier, Manuel Souza, Tomaz Xavier, Jacinto Pereira, Manuel Ribeiro, João Romeiro, Estêvão Oliveira. 5 Escolásticos: Joaquim Sales, Antônio Gouveia, José Gouveia, Bruno Sanches, José Souza e 3 Coadjuutores: José Vilanova, João Moraes e Feliciano Franco.

O navio, depois de expoliado de todos os objetos, foi enviado para Pernambuco, afim de conduzir os Jesuítas daí presos para a Europa, como já ficou dito no seu lugar.

Assalta à Vocação dos Jovens

Depois de relatar estes fatos o autor do manuscrito narra as atrocidades que os jesuítas padeceram moralmente das mãos de uma outra Autoridade, e refuta plenamente as calúnias com que oprimiu as inocentes vítimas por lhe faltar coragem para enfrentar as iras do onipotente e sanguinário Ministro de D. José. Gasta nisto o autor mais de 20 páginas de papel almaço. Parece incrível que tais coisas pudessem succeder, mas é tudo absolutamente verídico, pois que os fatos constam dos documentos officiais, que levam a assinatura e o sêlo da mesma Autoridade. Eu, porém, vou correr um véu sôbre esta tristíssima história, preferindo remeter ao P. Ga-

lanti e a Southey os leitores que desejem porventura conhecer um pequeno resumo dela, haurido em outras fontes originaes, o que confirma ainda mais a veracidade da narraçãõ.

Feita esta nota, passemos a ver os ataques que se dirigiram contra a vocaçãõ dos Jesuítas presos.

Afim de os demover dos seus santos propósitos de permanecerem fiéis aos votos religiosos, feitos na Companhia de Jesús, publicou-se, como na Baía, um decreto cheio de monstruosas falsidades e ameaças, persuadindo abertamente os Religiosos a que deixassem a sua vocaçãõ, e Pereira Castro foi avisar aos mais jovens que se lhes dava apenas três dias para deliberarem.

Nesta occasiãõ 12 religiosos pediram a sua demissãõ. Alguns dêles já estavam para sair da Companhia mesmo antes de se levantar esta tempestade, outros fizeram-no por falta de tempo e serenidade de ânimo para refletir.

Dentre estes últimos, quatro arrependeram-se logo, e retrataram a tempo a sua imprudente petiçãõ. Os seus nomes sãõ Domingos Barbosa, Isidoro Pestana, Antônio Gouveia e Caetano Rodrigues.

Êste fato causou grande perturbaçãõ no ânimo das autoridades do Rio, pelo seguinte motivo: de Lisboa fôra mandado apenas um navio para deportar os Jesuítas do Sul, e, como não cabiam nele todos, era urgente conseguir o maior número de defecções que fôsse possível. Ora, o exemplo dêstes quatro Jesuítas era de molde a confirmar na vocaçãõ também os outros. Mas não faltou a essas Autoridades engenho para saírem dos apuros, pois estavam dispostas a não recuar

diante de nenhuma iniquidade, para conseguirem o seu intento satânico.

O Conde de Bobadela, acompanhado de João Pereira d'Araújo, dirigiu-se imediatamente ao Colégio, fez vir à portaria os que tinham pedido demissão e ainda não se tinham retratado, e deitou-os fora, dizendo que fôsem pedir as Cartas dimissórias à Autoridade, que lhes indicou.

Chamou em seguida à sua presença os quatro arrependidos, e lançou mão de todos os recursos para os dissuadir da sua nova resolução. Vendo, porém, que, por modo nenhum conseguia abalar a sua constância na vocação, e, julgando que ela se firmava nos conselhos dos mais velhos, cuidou poder subjugá-la com certeza, se a privasse dêsse apôio; ordenou conseqüentemente a Araújo que os conduzisse para o Seminário.

Feito isto mandou vir todos os restantes jovens, e procurou dobrar os seus ânimos, primeiro, com carícias e conselhos, depois, com terror e ameaças, e, por fim, com a esperança de grandes prêmios, porém tudo foi debalde, nem sequer um vacilou no amor à sua santa vocação.

No Seminário

Entretanto os que tinham sido enviados ao Seminário foram entregues ao cuidado de um sacerdote que os maltratou com uma atrocidade incrível. O Governador deu além disto, licença de ir ao Seminário a todos os que quisessem combater a vocação daqueles moços, e mandou expressamente alguns dos que recentemente haviam desertado das fileiras Inacianas, e eram mal afeitos à Companhia.

Deu-se então o tremendo assalto. Para fazer dêle idéia mais cabal deve o leitor lembrar-se ou tornar a ler o que ficou dito dos Jesuítas da Baía em igual conjuntura. Os Agentes pombalinos renovaram aquí a mesma tática, lançaram mão dos mesmos artifícios, recorreram sobretudo, e repetidas vezes, àquela mentira diabólica, efficacíssima para derrubar a constância mais diamantina, e iludir os jovens inexperientes, a saber: que o P. Geral não podendo sustentar tão grande multidão de Jesuítas expulsos, enviados para Itália, despedira da Companhia os jovens escolásticos portugueses, os quais andavam dispersos pela Itália reduzidos a um estado miserável; que tudo isto constava, com toda a certeza, pelas cartas recebidas de Portugal; e que, portanto, também êles seriam igualmente vítimas imbecis da sua toleima, expondo-se a si e as suas famílias a sofrimentos tremendos, que a ira de Pombal e do Rei lhes preparava, para, no fim de contas, virem, em todo o caso, a ser impreterivelmente despedidos da Companhia de Jesús, por amor da qual querem padecer tanto.

Desta feita o ardil surtío efeito. Os jovens Religiosos, não podendo averiguar a verdade, acreditaram na mentira, tanto mais dignos de compaixão quanto é certo que estava afincadamente empenhada em todo êsse negócio aquela Autoridade, que êles tinham todo o direito de supor alheia a qualquer sombra até de engano, insinceridade e malvadez. Tempos verdadeiramente calamitosos aqueles! Mas esperemos em Deus que não voltarão mais.

Dois dêsses jovens recolheram-se para as casas de seus pais. Os outros dois deixaram a roupeta da Companhia, com a condição de irem

direitinhos, um aos Beneditinos e outro aos Carmelitas, para viverem entre êles religiosamente. Gomes Freire aceitou a condição e ordenou que fôsse executada.

Na Ilha das Cobras

Enquanto se passava isto no Seminário, a outra Autoridade, a que aludí há pouco, chamava os Jesuítas recentemente demitidos, e indagava dêles o que se fazia e dizia no Colégio. Tendo desta forma sabido que alguns Padres asseveravam abertamente que ninguém no Rio possuía faculdade de Roma para dispensar dos votos religiosos e desligar da Companhia de Jesús os seus membros, e que esta era a causa porque muitos não pediam as Cartas dimissórias enfureceu-se sobremaneira, e foi ter com o Conde de Bobadela, afim de êste os castigar severamente.

A punição de tão grande crime é claro que não podia tardar. Era 31 de janeiro de 1760. O dia ia declinando e as trevas começavam a cobrir a cidade, quando uma tempestade desfeita, acompanhada de chuva, raios e trovões contínuos, veio tornar a situação muito mais tétrica. No meio desta noite medonha foram tirados do Colégio, entre soldados armados, quatro anciãos: **Cristóvão Cordeiro, Inácio Antunes, Inácio Ribeiro, Francisco Silveira** e dois jovens: **Francisco Moura e Gabriel Campos**. Levados daí para a Ilha das Cobras, foram metidos em duas prisões do forte, para passarem por toda a sorte de atrocidades, até chegar o tempo do embarque. E para cúmulo da irrisão, aquela Autoridade que promovera esta pena, propalava aos quatro ventos a sua clemência e misericórdia para com êsses Je-

suítas, por se ter contentado com um suplicio tão leve comparado com a enormidade da culpa.

Novas investidas no Colégio contra a vocação

Faltava agora triunfar da tenacidade dos Jesuítas que ficaram no Colégio. Gomes Freire não perdia a esperança nem o ânimo.

Prometeu grandes prêmios aos guardas e ao seu Comandante se conseguissem induzir os jovens a saírem da Companhia; ordenou mesmo que trabalhassem com afinco nesse sentido.

Em consequência disto os pobres Religiosos tiveram de suportar uma luta terrível e diuturna. Mil vezes repellidos, voltavam outras tantas vezes à carga os importunos, atacando, não tanto com razões e argumentos, como com injúrias e doestos.

Afim de se reforçar ainda o assalto, levantou-se a proibiçãõ, promulgada por decreto régio, de as outras pessoas, principalmente pais e parentes, falarem com os Jesuítas reclusos. Seguiu-se então um combate muito perigoso, e os jovens tiveram de passar por transes cruciantes. Os pais e as mães vinham, repetidas vezes, carpir diante dos filhos a sua desgraça, suplicando que abandonassem a Companhia de Jesús, pelo menos por compaixão das suas famílias, porquanto a calamidade que impendia sôbre os Jesuítas, ameaçava envolver também os seus parentes. Estas alegações não eram destituídas de fundamento.

Pode-se, portanto, formar uma idéia das angústias por que passariam êsses jovens, e imaginar como os seus ternos corações sangrariam à vista dos lamentos maternos. Mas, a-pesar-disto, os Filhos da Terra-de-Santa-Cruz não sucumbi-

ram; souberam levar, com a graça de Deus, a sua coragem até ao heroísmo, mostraram que tinham ânimo para se sobrepor ao amor filial, à imitação do Menino Jesús no Templo, quando se tratava da glória de Deus e da Religião, quando a sua consciência lhes dizia imperiosamente que, por coisa nenhuma da terra, é lícito calcar aos pés as promessas sagradas juradas nos altares e seladas com o Sangue do Cordeiro.

Não parou, contudo, aquí o triunfo da Fé; houve outros exemplos dignos de louvor. Na guerra holandesa famílias inteiras se sacrificaram jubilosas pela pátria; pais, parentes e amigos animavam-se mutuamente à luta; houve até uma D. Maria de Souza, nobre matrona pernambucana, a qual, tendo recebido a nova da morte dos seus filhos mais velhos, no campo de batalha, armou no mesmo instante os mais novos de 12 e 14 anos, e mandou-lhes que seguissem o exemplo dos seus irmãos imolando-se como êles, se preciso fôsse, nas aras do amor pátrio, "por Deus, pelo Rei e pela Pátria".

Se na ocasião presente não houve lugar para lances tão gloriosos de abnegação, não faltaram, contudo, para honra do Brasil, muitos parentes e outras pessoas respeitáveis, principalmente da Ordem Beneditina e Carmelitana, as quais foram ter ao Colégio, e, quando as autoridades julgavam que iam promover defecções, louvaram a firmeza, intrepidez e valor com que êsses jovens estavam preparados para sofrer todas as perseguições por amor à sua vocação confirmando-os nos seus santos propósitos e exortando-os a que não dessem ouvidos aos perversos conselheiros.

Novamente no Seminário

Vendo, pois, o Governador que não conseguia o seu intento, resolveu mandá-los ao Seminário, onde a experiência anterior lhe tinha mostrado ser mais fácil subjugar o ânimo dos jovens. Conseqüentemente no dia 18 de fevereiro, ao anoitecer, foram levados aí vinte desses Jesuítas mais novos:

Joaquim Eduardo, André Ferreira, José Basílio, José Teixeira, Domingos Vieira, Gaspar Ribeiro, Antônio Gonzaga, Luiz Borges, José Vicente, Vicente Ferreira, Manuel Medeiros, João Martins, José Gouveia, João Leão, João Gonzaga, Miguel Campos, Maximiliano Ferreira, Joaquim Sales, Diogo Xavier e José Almeida.

Introduzidos no Seminário, foram entregues ao cuidado do Cônego Manuel Andrade Wernek, munido de plenos poderes, e assinou-se-lhes como confessor o P. Teodósio Pereira que acabava de desertar da Companhia.

Na primeira noite, não tiveram cama nem ceia; no dia seguinte chegou a hora do almoço e nada aparecia na mesa. Tendo conhecimento disto as freiras, que tinham o seu convento perto do Seminário, prepararam liberalmente e mandaram-lhes uma refeição, que foi a única nesse dia.

Continuaram êsses jovens a viver no Seminário quasi um mês, sofrendo toda a sorte de privações, principalmente a fome. Todas estas crueldades se praticavam por ordem daquela Autoridade a que já me referí atrás. O seu intuito era conseguir dobrar o ânimo dos jovens Jesuítas à força dêsse tratamento insuportável, e obrigá-los a deixar a vida religiosa.

Como uma das vítimas se queixasse um pouco mais fortemente de tanta falta do necessário, a dita Autoridade, escravizada por Pombal, mandou ao Seminário o seu sobrinho Araújo, já acima mencionado, o qual, depois de increpar de uma maneira bárbara, o pobre Jesuíta, intimou-lhe que, se continuasse com as mesmas queixas, seria remetido preso para uma ilha remota, e declarou aos outros que ficassem bem cientes de que o único meio de se livrarem daquelas misérias era voltar as costas à Companhia.

Não faltaram, para cúmulo da desgraça, conselheiros malvados, que foram importunar estes jovens e incutir-lhes promiscuamente terrores, em parte, verdadeiros, em parte, vãos; as portas conservavam-se abertas sem guardas que vigiassem.

Como resultado de tão grandes trabalhos e penas, dois jovens fraquearam. **José Basílio** e **Gaspar Ribeiro**. O primeiro era de caráter mole, e os seus companheiros estavam admirados de ver como ia resistindo a tantas provações. Apesar-de tudo, êle recobrou depois o ânimo, viajou até Roma e pediu ser readmitido na Companhia de Jesús. O segundo que se achava consumido de enfermidade lenta desde muitos meses, definhou-se ainda mais com tão penosas privações, e ficou possuído de verdadeiro terror só com a idéia de ter que morrer no meio do mar.

Os restantes dezoito, com um heroísmo, digno de eterna memória, perseveraram firmes nos seus santos propósitos até o dia 11 de março de 1760, em que foram transportados para o navio. Em todo êste tempo não omitiram por preguiça ou negligência, nenhuma prática piedosa ou exercício espiritual a que estavam habituados no Colégio, sem o que não poderiam alcançar a graça

de Deus para suportarem com valor invencível, como suportaram, tão grande aluvião de males que se despenhavam sôbre êles, nem poderiam sair vitoriosos em tão perigosos combates como saíram.

Em toda a sua conduta legaram estes jovens do século XVIII à mocidade hodierna exemplos admiráveis de firmeza de caráter e de intuição nítida do seu dever de consciência, que impera soberano sôbre todos os outros deveres sociais, políticos e domésticos, e que nunca se pode dissimular ou iludir quando a dissimulação equívale à traição. Hoje em dia é uma necessidade imperiosa formar nesta escola os nosos jovens, pois vivem num meio inteiramente avêso a esta lucidez de espírito e firmeza de caráter. E contudo, estas qualidades são imprescindíveis para se promoverem os interêsses individuais, patrióticos e religiosos.

Mas voltando à nossa narração, seguia-se agora falar do embarque e da viagem mas é forçoso interrompê-la afim de tratar das outras casas, cujos moradores foram expulsos junto com os do Rio.

Colégio Nobrega, 26-III-1928.

ESPÍRITO SANTO

No dia quatro de dezembro de 1759 foi cercado de tropa o Colégio do Espírito Santo, tendo-se para êste fim demolido primeiro o muro do quintal na parte em que aderia ao edifício.

O Desembargador fluminense, João Pedro Se-

queira Ferraz, encarregado pelo Governador do Rio-de-Janeiro desta para êle tarefa ingrata, desempenhou-se dela com mui notável moderação. Antes de dar ordens, perguntara aos Jesuítas se êle o podia fazer em consciência tranqüila, acrescentando que estava disposto a não fazer coisa alguma que pudesse ser ofensa contra Deus, ou causar-lhe qualquer escrúpulo.

Tendo-se espalhado o rumor de que um Jesuíta, que morava num sítio, escapara pela fuga, o Desembargador não quis tomar nenhuma providência, dizendo que não fôra enviado para perseguir os fugitivos. O boato, porém, era falso e assim todos os Jesuítas puderam ser expulsos, embora com imensa consternação dos habitantes da Cidade, que lhes consagravam intensa dedicação e amizade.

Estes beneméritos Missionários em número de 16, embarcaram, num navio de guerra, junto com o dito Desembargador, no dia 22 de janeiro de 1760. Dentre êles eram Sacerdotes: **Silvério Pinheiro** (Reitor), **Antônio Neves**, **Manuel Fonseca**, **Antônio Simões**, **Manuel Martins**, **Manuel Carvalho**, **Antônio Jorge**, **Tomaz Campos**, **Manuel Domingues**, **Gonçalo Alexandrino**, **Caetano Mendes**, **Antônio Reis**; Escolásticos: **Diogo Xavier** e **Vicente Ferreira**; Coadjuutores: **Leopoldo Inácio** e **João Delgado**.

Após quatro dias de viagem, aportaram ao Rio-de-Janeiro, e foram levados, entre guardas, ao Colégio, à espera de oportunidade para navegar.

Santos

Em pleno contraste com os sentimentos do Desembargador Ferraz estavam os do Desembargador **Custódio Araújo Salazar**, que foi encarregado de prender os Jesuítas de Santos.

Logo que aí chegou cercou na mesma noite o pequenino Colégio antes que os habitantes estivessem cientes da sua presença na Cidade. Ordenou em seguida ao Juiz de Fora que fôsse imediatamente prender o Irmão Coadjutor, **Antônio de Freitas**, que tinha a seu cuidado a propriedade dos Jesuítas, chamada **Cubatão**. O Irmão, porém, já estava de caminho para o Colégio, poupando assim boa parte de trabalho aos oficiais do govêrno.

Entretanto o Desembargador tratou de apoderar-se dos bens do pobre Colégio e não contente com isso, confiscou também os bens da família de um dos Jesuítas a quem êle pouco antes os legara, por ocasião da sua profissão solene. Nenhum outro Desembargador chegou a cometer um tal excesso. Teve igual sorte a herança grande que outro Jesuíta jovem obtivera por morte dos seus pais.

Estes bens, no dizer do autor do manuscrito, iam enriquecer não tanto o tesouro público, como o erário do Conde de Oeiras.

A igreja foi entregue aos leigos, logrando, depois os Jesuítas usar dela apenas a título de empréstimo.

O cêrco do Colégio durou três dias, ficando por todo êsse tempo os Religiosos encerrados nos seus quartos até que, por fim, chegou o dia 26 de novembro de 1759, em que foram todos em-

barcados no navio de guerra. Eram onze estes Jesuítas, a saber:

Pe. João Mata (Reitor); Sacerdotes: Manuel Amaro, Francisco Silva, João Azevedo, João Píñheiro e José Vieira; Escolástico: João Leão; Coadjuutores: Benito Gomes, Manuel Tôrres, Francisco Vieira e Antônio Freitas.

Após uma viagem de treze dias, muito penosa por causa da fome, e falta de espaço suficiente, foram levados ao Colégio do Rio-de-Janeiro.

A casa de Santos foi cedida pelo Desembargador Salazar a uma farmacêutico francês chamado Rainel Rous, para sua moradia junto com a mulher e filhos.

SÃO PAULO

Cêrco do Colégio

O mesmo Salazar, enquanto tomava conta dos Filhos de Santo Inácio, em Santos, enviava a S. Paulo o Governador da Província, Alexandre Luiz Souza, afim de cercar de tropa o Colégio e o Seminário dos Jesuítas, o que êste executou na noite de dois de novembro de 1759.

No dia seguinte, por ordem dêste, appareceu no Colégio o Magistrado, João Souza Figueiras, acompanhado dos officiais subalternos, e apresentando as ordens que trazia, em presença do P. Reitor e doutros Jesuítas, mandou que se lhe entregassem os livros da negociação. Tendo êles negado a existência de tais livros, ordenou que todos os Jesuítas assinassem o seu nome nos li-

vros de receita e despesa do Colégio, que o Reitor mostrava. Mas procedeu em tudo isto com delicadeza e modestia como quem cumpria as ordens contrafeito. Nem admira nada, pois que, no meio de tanta difamação e calúnia contra os Jesuítas, nunca se deixara abalar no conceito altíssimo que fazia dos Jesuítas, e tivera até coragem para louvar grandemente, na presença do Governador da Província, as admiráveis virtudes que resplandeciam nesses beneméritos Missionários, envolvidos em tão furiosa tempestade.

Por êsse mesmo tempo o dito Governador lançara o prègão pela cidade, ao som de tímpanos e trombetas, proibindo toda a comunicação com os Filhos de Santo Inácio.

Depois disto, no dia vinte e nove de novembro, chegou a S. Paulo o Desembargador Salazar, e, dirigindo-se imediatamente ao Colégio, mandou renovar a intimação das ordens que o magistrado Filgueiras já havia feito, e proibiu aos Jesuítas o saírem dos seus quartos.

Seminário

Entrou em seguida no Seminário, contíguo ao Colégio, e reunindo os vinte e três jovens, que aí eram educados, perguntou-lhes se preferiam ir-se embora ou ficar sob o regime do novo Reitor. Como todos à uma respondessem que não queriam viver senão sob o govêrno dos Jesuítas, expulsou-os imediatamente. Foi uma medida muito precipitada, e êle próprio não tardou em reconhecer que por seu desacêrto, causara grande prejuízo ao bem espiritual e temporal do país.

Prisão dos Padres

Expulsos os seminaristas, mandou o Desembargador fechar a igreja, fazer a chamada dos Missionários presos, duas vezes ao dia, e demolir a parte do muro da horta, que o ligava ao edifício do Colégio, afim de poder êste ser vigiado com menor número de soldados.

Tendo depois sabido que os Padres **Benedito Soares** e **Sebastião Gonçalves** andavam missionando em **Itú**, deu ordens para que fôsem trazidos presos por soldados, o que estes fizeram mesmo durante o exercício dos ministérios sagrados, com grande tumulto e barbaridade, causando, como era natural, incrível indignação e mágoa no povo.

Aldeia da Capela

Na antiga Província de S. Paulo a Companhia tomava conta de seis aldeias de índios. O encargo de prender estes Jesuítas coube ao já mencionado Filgueiras. Enquanto êste se punha a caminho correu o boato de que se preparava para fugir o P. **José Martins**, que tinha a seu cargo o cuidado espiritual da aldeia da Capela. Ciente disto o Governador mandou oito soldados armados, com autorização até de matar o Missionário, se tanto fôsse preciso, para impedir a sua fuga. Invadem, pois, de súbito e com grande tumulto, a povoação; porém, chegados à igreja encontram o Padre todo descansado da sua vida, mas nem porisso o trataram com menor dureza. Num segundo roubaram tudo o que havia em casa como se fôsem salteadores, ou aves de rapina. No dia

seguinte o Ministro de Deus teve de celebrar o santo sacrifício da missa rodeado de espadas desembainhadas, terminado o qual foi conduzido para acidade no meio de excessivo pranto e lágrimas dos índios que choravam em altas vozes a sua desdita junto com a do seu Pastor e Pai.

São José

Com ainda maior aparato militar, o alferes José Felipe, munido de iguais poderes, foi enviado na mesma ocasião, para impedir a fuga dos Padres **Benedito Nogueira** e **José Mota**, que trabalhavam com os índios da aldeia de S. José. Chegado ao seu destino quis surpreender de noite os Jesuítas a quem nunca ocorreu a idéia de fugir. Logo depois proibiu terminantemente aos índios, sob pena de morte, falarem com os Missionários. No dia seguinte, homem de índole feroz e perversa, como era, logo que entrou na casa dos Padres, apontou duas escopetas ao peito do P. Nogueira, mandou repicar os sinos para reunir os índios no templo, fez cantar as Ladaínhas de Nossa Senhora e arvorou-se em **prêgador**. O **sermão** foi o que se podia esperar da sua estultícia. Todo o seu empenho era persuadir os índios a que rendessem graças aos santos e anjos do céu pelo grande benefício que lhes acabavam de alcançar de Deus, libertando-os da escravidão dos Jesuítas. Mas foi tudo em vão, porque os ouvintes souberam apartear o orador e repelir a afronta comum a êles e aos missionários.

A mesma estupidez moveu-o ainda a investigar da vida e costumes dos Jesuítas, e averiguar onde se achavam escondidos os objetos precio-

sos que a sua inépcia lhe fazia crer que êles possuíam.

Quando chegou a hora de saírem da casa expulsos, não lhes permitiu que entrassem na igreja por um momento para fazerem uma visitinha, como pediam. Durante a jornada ocorreu um dia santo, mas êle não os deixou celebrar nem assistir ao Santo Sacrifício, afirmando que os presos não ouvem nem dizem missas.

Chegados por fim ao Colégio, Salazar encerrou-os em quartos separados, ordenando ao Reitor que os não deixasse sair, afim de curtirem fome. Como, porém, passados três dias se queixassem de tanta atrocidade, mandou-os pôr em liberdade e teve o destempêro de negar que tivesse tido qualquer parte em tudo quanto se tinha praticado.

Rio-das-Velhas

Ao pé do Rio-das-Velhas regiam uma aldeia de índios os dois Jesuítas: **Manuel Cruz** e **Francisco José**. Arrancaram-nos daí os soldados, mas como a distância era muito grande, gastaram um mês para chegarem a S. Paulo. Já por êsse tempo os Jesuítas desta cidade estavam no Guanabara. Foram por conseguinte, também estes dois conduzidos para aí. Mas — triste epílogo de tantos sacrifícios — tendo viajado sãos e salvos, chegados ao têrmo, naufragaram na vocação antes que se reunissem aos seus Irmãos do Rio-de-Janeiro.

O conde de S. Miguel, que se achava à frente das minas auríferas de **Goiaz**, chamava ao P. Manuel Cruz outro Xavier. O autor do manuscrito nota a êste propósito que, ou nunca mereceu tal elogio, ou esmoreceu diante da tempestade que aparecia já no horizonte.

Alboí, Itapecirica, Carapicuriba

Das aldeias de Alboí e Itapecirica foram expulsos e levados para S. Paulo os Padres José Vale, Tomaz Vilanova, José Castilho e o Ir. Coadj. Félix Miranda.

Ambas estas aldeias bem como a de Carapicuriba, que pertencia igualmente aos Jesuítas, ficaram privadas de sacerdotes por muito tempo, nem o Governador achava o meio de providenciar à manutenção dêstes. Decretou, por fim, que fôsem sustentados pelos índios das mesmas aldeias. Tudo isto concorreu imensamente para aumentar a desolação daqueles pobres desvalidos, e excitar neles ainda maior saudade dos pais espirituais que tinham perdido.

Em São Paulo

Enquanto se passava isto nas Missões dos Índios, promulgava-se na cidade de S. Paulo, o decreto do Governador, pelo qual eram todos intimados a denunciar a negociação a que se entregavam os Jesuítas, e da qual os fazia culpados Sebastião José de Carvalho. Mas não appareceu nenhuma queixa, porque todos os Paulistas estavam bem cientes da inocência dos Filhos de Santo Inácio.

Foram promulgados também, e com grande aparato, os decretos régios, que asseguravam a liberdade dos índios no Maranhão. Verdadeiramente atingia isto as raias do ridículo, pois que todos sabiam muito bem que, se os Índios gozavam de liberdade no Brasil, deviam-na, em máxima parte, aos esforços dos Jesuítas, os quais

tanto se tinham batido e sofrido para impedir a sua escravidão.

Ao mesmo tempo que o Governador hostilizava assim os beneméritos Missionários, Salazar, por seu turno, continuava na faina de os oprimir levando a perseguição até às suas famílias. Tendo um Jesuíta, antes de fazer os votos solenes, renunciado aos seus bens em favor doutra pessoa, o dito Desembargador mandou-os confiscar. Mais três jovens tinham recebido por morte dos seus pais, grandes heranças. Salazar ordenou que elas passassem a fazer parte do erário Pombalino.

E' caso para notado. Este mesmo Magistrado, que tais tropelias cometia contra os indefesos Religiosos, confessava em público, até em presença das suas vítimas e do Bispo de São Paulo, que outro seria o seu procedimento se não fôsse o mêdo do Governador e outras Autoridades. Acrescentava, ainda mais, que também elas, segundo o seu pensar não eram adversas aos Jesuítas, antes tinham dêles idéia muito elevada; mas que os tempos eram calamitosos, e que não havia outro caminho para entrar nas graças do Ministro de D. José. Eram dêste jaez aqueles verdugos dos Jesuítas.

O Bispo de S. Paulo

Mas depois de termos convivido, no decurso desta narração, com homens de tais caracteres, no meio duma atmosfera repugnante, somos por fim chegados ao ponto em que nos é dado respirar por um momento. Entre o servilismo nojento da época, surge afinal uma figura imponente, um caráter impoluto. E' o Bispo de S. Paulo, D. An-

tônio da Madre de Deus Galvão, Franciscano, da Província d'Arrabida.

O Autor do manuscrito, que vou seguindo, antes de falar dêste grande Prelado faz um exórdio. Diz que não podia deixar de exultar de gôzo êle que de longe suspirava, com imenso júbilo, por poder chegar a esta parte da história, pois que vai escrever sôbre o procedimento nobilíssimo do seu antigo Amigo. E tinha, acrescenta ainda, tão pleno conhecimento da sua sabedoria, retidão, integridade e fortaleza de ânimo que, mesmo antes de receber a notícia verídica dos fatos, estava absolutamente certo de que por maiores terrores que se lhe incutissem, êle não faria coisa nenhuma contraria à justiça, e à amizade com que honrava os Jesuítas.

Tendo êste Bispo recebido os opúsculos de Carvalho, nem sequer os quis tocar. Quando mais tarde lhe foi comunicado a ordem de distribuir, deu-os a pessoas de sua confiança, que sabia que, ou os deitariam no fogo, ou pelo menos não mudariam, com a leitura, a sua opinião favorável aos Filhos de Santo Inácio.

Não exerceu nenhuma autoridade sôbre os ditos Missionários. E' até provável que nem o Cardeal Saldanha, nem Pombal se atreveriam a induzír-lo a ser cúmplice das suas iniquidades. Conheciam-lhe muito bem a virtude e o caráter intemerato. Sendo êle Provincial dos Franciscanos, D. João V tentara fazer qualquer coisa menos conforme com a severidade da disciplina religiosa. Fr. Antônio da Madre de Deus Galvão, resistiu te nazmente aos intentos de sua Majestade, embora sem faltar à prudência e discrição.

Seu heroísmo

Crescendo a perseguição contra a Companhia, ponderou o Bispo que o seu trato com os Jesuítas era prejudicial a ambas as partes, e de comum acôrdo interrompeu as suas relações públicas com o Colégio, continuando, contudo, a consolá-los e a prestar-lhes qualquer serviço, que pudesse, por meio dos seus auxiliares de confiança.

Chegou, entretanto, a ordem real para que proibisse aos Jesuítas o exercício dos ministérios sagrados. Porém o Bispo de S. Paulo preferiu obedecer antes a Deus do que ao Rei numa coisa que era perniciosa à sua Diocese, injuriosa aos sobreditos Religiosos e proibida pela autoridade Pontifícia. Cercado que foi de tropa o Colégio, teve o arrôjo de promulgar um decreto a favor dos mesmos presos. Quando os viu desterrados deixou-se apoderar de uma tristeza incrível e não duvidou em afirmar a Salazar que o Brasil ficava privado de uma Ordem utilíssima à Religião e à Pátria, sem a qual era impossível conter os índios, que estava pronto para confirmar com juramento esta sua convicção perante o Rei, e que não passaria muito tempo antes que se arrependessem, mas sem remédio, os autores de tão errado passo. Salazar concordou em tudo isto com o Prelado, e acrescentou que tendo aberto inquérito não achara um só Paulista que deixasse de reconhecer a inocência dos Missionários.

Consternação na Cidade

E de fato o povo foi até muito mais além. Recebeu a notícia da expulsão dos Jesuítas como um castigo para a Cidade por não ter acolhido

com maior diligência e tirado maior fruto dos conselhos salutaes dos Prègadores da verdade.

Longo seria narrar as crudelíssimas penitências corporais, os votos e promessas, as orações contínuas que tão grande número de fiéis fez para aplacar a ira divina e afastar da cidade tamanho **suplício** como êles chamavam a expulsão dos Jesuítas.

Estes, por sua parte, não ficaram atrás neste santo empenho de propiciação, e, antes de serem arrancados do Colégio, fizeram, durante oito dias, os **Exercícios de Santo Inácio** afim de haurirem forças necessárias para arcar com os imensos trabalhos que os aguardavam.

Expulsão

Aos 20 de janeiro foi, por fim, promulgado o decreto que marcava para o dia seguinte o exílio dos Filhos de Santo Inácio, e proíbia aos Paulistas prestar as honras de comitiva aos três representantes do govêrno, encarregados de levar a cabo a deportação dos ditos Missionários, a saber: o Governador, **Alexandre Luiz de Souza**, o Desembargador **Custódio Araújo Salazar**, e **João de Sousa Filgueiras**. O fim desta proibição era impedir que o povo fôsse acompanhar os seus Mestres e Pais espirituais, durante longo percurso do caminho, como desejava afim de mitigar, em parte, as grandes saudades com que ficava.

Tiveram, portanto, os Jesuítas de abandonar, no dia designado, o seu Colégio de tão santas recordações. Fôra êle erigido pelo Taumaturgo Apóstolo do Brasil, Ven. P. José d'Anchieta. Distinguia-o, além disso outra circunstância muito

singular: fundara-se antes que existisse a Cidade, querendo desta maneira o grande Pregoeiro do Evangelho providenciar antes de mais nada a cultura intelectual da povoação de S. Paulo que em breve ia começar a existir ⁽¹⁾. Aos exilados não foi permitido levar dêste seu ninho saudoso mais que a própria roupeta e alguns livros de piedade. Eram vinte e dois estes indesejáveis: 14 Sacerdotes Lourenço Justiniano (Reitor), Lourenço Almeida, Manuel Pimentel, Manuel Velho, Inácio Dias, Anastácio Dias, Benedito Nogueira, José Mota, José Martins, José Vale, Tomaz Vilanova, José Castilho, João Xavier, Inácio Pereira; um Escolástico José Almeida; 7 Irmãos Coadjuutores Sebastião Teixeira, Manuel Costa, Bernardo José, Félix Miranda, Pedro Viegas, Antônio Freitas e Manuel Nóbrega.

Despedida da Cidade

Era sobremaneira triste o aspecto dêste êxodo. N. S. Jesús Cristo, no seu caminho do Calvário, ia ladeado por dois dos maiores facínoras. Os seus Discípulos tiveram desta vez, por confrades cinco criminosos negros, que abriam o lúgubre préstito carregados de ferros. Seguiam-nos de perto os Filhos da Companhia de Jesús em liteiras sôbre os ombros dos índios, no meio de duas filas de soldados, ao som de trombetas e tímpanos.

Desfilaram assim pelas ruas principais de S. Paulo. Acorreram, conseqüentemente de todas as

(1) Conservava-se de pé êste edificio até os fins do século passado, mas o camartelo do governo destruiu-o como tantos outros monumentos nacionais. No mesmo local vê-se hoje o Palácio do Governador do Estado.

partes os moradores da cidade para beijar as mãos e pedir a última bênção dos seus Mestres e Guias espirituais. Não querendo, porém, os guardas dar-lhes esta consolação, desataram todos em in-críveis gemidos e prantos. Chegaram assim às portas da cidade, onde estava reunido quasi todo o resto do povo. Nesse momento os ares ressoaram com lamentos tão sentidos, tão universais, tão comovedores, e tão contagiosos, que o próprio Governador, não podendo conter as lágrimas, teve de se retirar a um canto, para não ter que chorar em público. E depois de vencida a comoção e enxugadas as lágrimas, voltando para os seus companheiros, confessou publicamente que, se êle tivesse sabido que os Jesuítas gozavam tão universal popularidade e simpatia, teria por certo evitado presenciar o lutuoso espetáculo.

Exímia caridade dos Beneditinos

O Abade Dom Bento da Graça Gurjão e todos os mais Beneditinos acompanhavam os Filhos de Santo Inácio na sua desventura com muito amor e compaixão, que não se limitavam a mero sentimento, mas traduziam-se em prova de grande liberalidade. Tinham reunido para êsse fim o Capítulo e determinado ceder-lhes a têrça parte dos seus bens, para se poderem sustentar, caso permanecessem no Brasil, após a expoliação dos próprios haveres. Vendo-os agora exilados, acharam traça de os obsequiar com singular benevolência. Possuíam uma quinta a umas milhas da cidade. O Abade convidou o Governador a pernoitar nela, de caminho, com a sua comitiva, foi-os esperar aí, hospedou a todos lauta e magnificamente e,

às ocultas, encheu de excepcionais finezas os perseguidos Membros da Companhia de Jesús.

Em Cubatão

No dia seguinte, continuando, o seu caminho de exílio, atravessaram a última serra de **Paranapiacaba**, coberta de nuvens, e desceram para a quinta dos Jesuítas em Cubatão.

Os três representantes do govêrno alojaram-se no sobrado, onde tiveram o seu lauto banquete, ao passo que os donos da casa foram mandados para o rés-do-chão sem cama nem cadeira. O guardião dos Franciscanos, convidado para o jantar pelo Governador, foi despedir-se ocultamente dos seus Irmãos em Cristo. E qual não foi a sua comoção diante da cena dolorosa que ofereciam aqueles homens tão respeitáveis a tomarem a sua refeição, uns de pé, outros assentados no chão e os terceiros de joelhos! Não pôde conter as lágrimas. Mas, se foi grande a sua mágoa, não foi menor a admiração ao contemplar a santa alegria que brilhava no rosto de todos os confessores de Cristo, no meio de tantas calamidades.

Durante esta jornada, num dia de festa de guarda, os presos pediram licença para celebrar o Santo Sacrifício, mas Salazar respondeu que havia no lugar pessoas, a quem era vedada a comunicação com os Jesuítas, e portanto, se assistissem à missa celebrada por qualquer dêles, incorreriam na violação da ordem régia!!!

Em Santos e Rio

Terminado o almoço reencetaram a marcha debaixo de uma trovoadá horrenda e chuva abun-

dantíssima. Chegados à praia entraram nos barcos em demanda do navio de guerra, que os aguardava no pôrto de Santos, onde permaneceram ainda dois dias fixando o seu olhar consternado sobre o Colégio. Ele, não só já não era seu, mas até a sua santidade era profanada pela habitação de pessoas de outro sexo.

Partindo, por fim, de Santos, desembarcaram na cidade de S. Sebastião do Rio-de-Janeiro no dia de N. Senhora das Candeias (2 de fevereiro de 1760) sendo entregues à discrição de Agostinho Félix Capelo. Este Magistrado declarou logo ao desembarcar que o Rei concedia licença aos jovens para abandonarem a Companhia, afim de se livrarem da pena do destêrro; e, quando entraram na portaria do Colégio, falou com cada um dêles, em particular, mas encontrou apenas um Irmão Coadjutor Sebastião Teixeira, que aceitou a iníqua oferta.

Paranaguá

Os Jesuítas tinham um Colégio em Parnaguá (sic) (Paranaguá?) onde havia 4 sacerdotes e um irmão coadjutor, a saber: Pe. Cristóvão Costa, que fazia as vezes de Reitor, Pe. Antônio Souza, Pe. José Rodrigues, Pe. Pedro Santos e o Ir. Manuel Borges.

Foi encarregado de executar a expulsão destes Missionários o Desembargador Serafim dos Anjos. Tratou-os êle com toda a deferência dentro dos limites do seu mandato e, afim de os não incomodar com prisão mais longa, completou os aprestos do embarque em oito dias. A viagem durou 18 dias. Quando desembarcaram no Rio, apresentou-se de súbito Araújo, de quem já fa-

lâmos em outra parte, e propôs a todos a saída da Companhia como o único meio de se livrarem do exílio. Porém ninguém quis aceitar tal oferta dos gregos, e todos, no dia seguinte, tornaram a embarcar noutro navio que os levou para Lisboa, onde se juntaram com outros companheiros que estavam à sua espera.

Deviam tomar o mesmo navio também os dois Jesuítas da Residência Pintaguense, dependente do Colégio de Parnaguá a saber: Pes. Antônio Corrêa e José Machado. Mas como não chegaram a tempo, tiveram de ficar no Brasil. Acrescenta o autor do manuscrito que até o dia em que isto escreve não teve mais notícias dêles.

MATO-GROSSO E RIO-PARDO

Assaltos à vocação e deportação

Não puderam igualmente acompanhar os seus Irmãos para a Europa outros quatro Jesuítas. Dois dêstes, Bernardo Lopes e Francisco Bernardes, trabalhavam no Rio-Pardo, e os outros dois, Estêvão de Castro e Agostinho Lourenço, exerciam os seus ministérios espirituais entre o pessoal das minas de ouro no Mato-Grosso. Tinham sido expedidas ordens de prisão a estes Jesuítas do mesmo modo que a outros, mas a grande distância impedia-os de chegar a tempo para o embarque. O autor do manuscrito não soube o que foi feito dêles. Correu o boato, diz êle, de que tinham passado para as colônias espanholas, o que era fácil, pois residiam em terras limítrofes.

Defecções

Todos os outros Jesuítas daqueles diferentes Estados ou Províncias do Brasil estavam já por esse tempo reunidos no Colégio do Rio. Dentre eles cinquenta e quatro aceitaram a saída da Companhia que lhes ofereceram os iníquos Agentes de Pombal. O manuscrito contém os nomes de todos os que abandonaram a vida religiosa nesta ocasião para voltarem ao século. 18 eram Sacerdotes, 23 Escolásticos e 13 Coadjuutores.

Devemos, porém, subtrair dêste número dois sacerdotes. Um é o Pe. Pedro Vasconcelos, que foi violentamente arrancado da companhia dos seus Irmãos, mas com uma viagem penosíssima foi para Roma, e tornou a juntar-se com eles. O outro é o Pe. Antônio Reis. Era octogenário e sofria da vista, havia muitos anos. Porisso, e por várias outras causas, era inapto para viajar. Contudo não houve meio de o persuadir a aceitar as cartas dimissórias. Vencido das razões ponderosas resignou-se a ficar no Brasil, mas sem abandonar a Companhia.

Armazenados como fardos

Desembaraçados dêstes 54, os Agentes de Pombal tinham que resolver ainda o problema de embarcar os restantes 145 Jesuítas, se não pudessem obter mais defecções. Foram todos entretanto embarcados, primeiro os jovens e os que não tinham ainda os votos solenes, e que moravam parte no Seminário e parte no Colégio; e no dia seguinte 12 de março, os mais velhos e os que se achavam presos no Fortaleza da Ilha-das-Cobras. No navio concedeu-se a todos um só compar-

timento, fechou-se a porta e collocaram-se os guardas. O espaço concedido para a habitação destes 145 Religiosos junto com os objetos necessários para a viagem tinha 49 palmos de comprimento por 46 de largo. Só quem tiver lido a descrição dos navios negreiros daquela época é que poderá fazer alguma idéia do que ia succeder a essas innocentes vítimas das iras pombalinas. O autor do manuscrito diz que não só era insuportável a outros tantos escravos negros, mas até aos brutos animais. Não havia lugar para se assentar muito menos para dormir e para outras cousas. Era uma massa compacta. Não podiam mexer sequer os braços e as mãos sem incomodar o vizinho. Imagine-se, pois, como seria possível suportar o efeito das exalações de tantos corpos juntos aliado ao calor do sol tropical em pino naquela estação calmosa.

Assalto contra a vocação dos jovens

Considerando pois, êste mal, e temendo as consequências muito mais funestas, fáceis de prever, apresenta-se no navio o famoso Araújo, já conhecido dos leitores. Manda logo vir ao convés os que não tinham ainda emitido a profissão solene, e ordena-lhes assinar um escrito pelo qual ficavam declarando que não tinham em nenhuma conta a clemência Real que lhes facultava a saída da Companhia, e preferiam sofrer a pena reservada aos Professos, o que seria equivalente a reconhecerem-se inimigos do Rei e réus de parricídio.

Os Jesuítas protestaram, exigindo que se riscassem algumas frases e se explicassem outras,

equívocas. Seguiu-se, portanto, uma grande alteração. Mas Araújo não vinha fazer justiça, queria oprimir os inocentes. Mandou terminantemente assinar o documento ou voltar as costas à Companhia. Postos neste apêrto todos optaram pela primeira parte da alternativa, feito o que foram novamente reclusos naquele verdadeiro antro.

Novo assalto humanamente insuperável

Onde inútilmente gastara toda a sua pólvora Araújo, determinou ao capitão do navio, Gaspar Pinheiro Câmara Manuel, assestar as suas baterias com todos os petrechos de guerra, afim de derubar a constância daqueles admiráveis jovens. Mostrando, pois, grande compaixão, chamou diante de si, ora a cada um em particular, ora a todos juntos, e fez-lhes muitíssimas considerações, qual delas mais tétrica. Deviam êles ponderar sèriamente como iam ser a causa da sua desgraça e da dos seus Irmãos, pois que como viam por seus próprios olhos, o compartimento do navio, em que estavam metidos, era apenas suficiente para acomodar os mais velhos, se por conseguinte, tão grande número de jovens também os quisesse acompanhar, em um tempo calmoso como êsse, fatalmente grassaria a peste, da qual todos seriam vítimas.

O Capitão tinha ordens formais para não permitir comunicação alguma aos soldados e marinheiros com os Jesuítas. Portanto, não haveria ninguém que pudesse cuidar dos doentes. A subida para o convés era absolutamente vedada. As vigias que deixavam entrar alguma luz, teriam

de ser fechadas logo que as ondas começassem a agitar-se. Então permaneceriam todos reclusos naquela masmorra horrivelmente tenebrosa no meio de vizinhos impestados. Esta miseranda situação não havia de ser de um ou dois dias, mas de meses inteiros. Era sabido de todos que a viagem para Portugal durava na melhor hipótese de ventos favoráveis, uns três meses.

À vista de todas estas calamidades, rogava o Capitão aos Jovens que olhassem pela sua sorte, e não fôsse com a sua pertinácia, causa da morte dos pobres velhos.

O Tenente e Araújo renovavam uma e muitas vezes estes mesmos rogos e as mesmas ponderações. Contudo — milagre da graça! — nem um Jovem sequer titubeou no seu amor à vocação. Tão grande era a fortaleza de ânimo tão diamantino o caráter dessa falange de bravos!

Terceiro assalto ainda mais formidável

Esta admirável constância da mocidade Brasileira exacerbou duma maneira incrível os soldados, marinheiros e outros passageiros, porquanto temiam que também a êles viesse atingir o contágio da peste. Porisso lançavam em rosto públicamente àqueles heróicos Jovens a sua como êles chamavam, contumácia, caturrice, loucura, delírio. Querendo estes justificar o seu procedimento eram acolhidos com riso, assuada, injúrias e contumélias. De modo que todas as vezes que eram chamados para o convés já sabiam o que os aguardava, e a provisão de paciência que deviam levar. Quando se queixavam da falta do necessário e pediam remédio a isso, a resposta era sêça

e lacônica: “O remédio está nas suas mãos”. Dito isto viravam o rosto com desdém e acrescentavam: “O que êles precisam é mais fome, mais sêde, mais falta de todo o necessário, para ver se volta o juízo a estas cabeças tresvariadas. E se ainda continuarem no seu frenesí, venha uma peste sôbre êles, e acabem-se da face da terra todos no mesmo dia”.

Se haviam passado o dia no meio de tais angústias a noite devia ser horrivelmente mais tétrica para o espírito e cheia de torturas para o corpo. Muitos tinham deitado fora os colchões para diminuir a estreiteza do espaço. Poderiam, contudo, dormir sôbre as tábuas nuas, mas não havia lugar para se deitarem. Que fazer, pois neste apêrto? Alguns tiveram a feliz sorte de poderem armar a rede no teto. Outros encostaram-se às paredes do casco do navio. Vários ficaram sentados com pernas encolhidas. Os restantes, enfim, viram-se obrigados a passar de pé toda aquela noite interminável.

Não obstante serem insuportáveis estes incômodos, pareceram-lhes de pouca monta em comparação aos que se seguiram em consequência do calor nimiamente excessivo. Tão intenso foi êle que muitos dos pobres prisioneiros, não podendo respirar desmaiaram, juntando-se à sua desgraça a consternação dos vizinhos por não poderem acudir-lhes com remédio algum.

Consequência da noite tremenda

Os tormentos incríveis, passados durante esta noite sinistra, conseguiram abalar o ânimo de muitos, principalmente dos que chegaram a estar

às portas da morte com desmaios. Já viam, por experiência feita, que não tinham organismo capaz de resistir a tais privações. A morte era, pois, inevitável e em condições tristíssimas. Começaram, à vista disto, alguns mais novos a discutir entre si o caso para ver se encontravam uma solução satisfatória sem lesar a consciência. Sabiam muito bem que as cartas dimissórias, que se davam aos Jesuítas, por ordem de Pombal e das suas criaturas, não tinham valor canônico, e por conseguinte os que as tinham aceitado continuavam a ser, como dantes, verdadeiros religiosos.

Pôsto isso, discorriam: pode haver pecado em pedirem também êles as mesmas dimissórias, de si nulas, não para serem infiéis aos votos, como os outros, mas com o único intuito de se livrarem da morte a si e aos pobres e venerandos anciãos? Embora despissem a roupeta da Companhia não continuariam, contudo, a permanecer legítimos Jesuítas, principalmente se renovassem o voto de perseverar na sua santa Religião, e acrescentassem ainda outro de irem juntar-se com os seus Irmãos em Religião logo que pudessem?

A todos pareceu bom êste arrazoado, e por isso quiseram consultar os mais velhos. Estes, já acabrunhados como estavam por tantos padecimentos, e agora vendo-se surpreendidos por esta novidade, julgaram mais prudente não dar uma resposta positiva. Os consulentes compreenderam bem a situação e tomando o silêncio por consenso tácito, como de fato era, foram ter com o Superior. Explicaram-lhe tudo quanto se tinha passado e declararam que se se apartavam dos outros Religiosos seus companheiros corporalmente, conservaram-se unidos em espírito, decididos a reünir-se depois com os mesmos.

Como o Superior também não quisesse reprovar esta resolução, dirigiram-se a Araújo, e obtidas as cartas dimissórias, destituídas de valor jurídico, como vimos, deixaram a roupeta da Companhia oito **Sacerdotes**: Gualtero Pereira, Caetano Dias, Antônio Xavier, Manuel Souza, José Matos, João Romeiro, Manuel Ribeiro, Gervásio Dias; nove **Escolásticos**: Francisco Moura, Pascoal Bernardino, Francisco Soares, Manuel Rocha, Carlos Souza, Antônio Gonzaga, José Gouvea, José Almeida, José Vicente; oito **Coadjuutores**: Félix Miranda, Pedro Viegas, Benedito Gomes, Antônio Sequeira, João Delgado, Bernardo José, Francisco Vieira, Manuel Borges.

O autor do manuscrito não conta estes no número dos desertores pelas razões já mencionadas. E com efeito dois dentre eles, Gervásio Dias e Antônio Gonzaga empreenderam a viagem para Roma, passando por incríveis perigos e foram aitados por verdadeiros Jesuítas, ainda que não fôsem logo admitidos à vida de comunidade por motivos peculiares àqueles tempos.

E' digno de compaixão um outro Jesuíta, que também foi apartado da companhia dos seus Irmãos. Chamava-se Francisco Araújo. Desde longa data sofria de insônia, mas suplicava com muitas lágrimas que o deixassem acompanhar os outros Jesuítas no exílio, não houve, porém, meio de se lhe aceder ao pedido.

Último assalto

Não obstante a retirada de tantos viajantes, o espaço não era suficiente para os outros. Por isso apresentaram-se no dia seguinte, na mas-

morra, o Capitão Câmara, João Pôncio e Araújo, certos de que já oprimidos com os tormentos da segunda noite, todos os Jesuítas mais novos seguiriam o exemplo dos acima mencionados. Mas não puderam parar no cárcere, sentiam-se sufocados com o ar infeto. Voltaram, pois, apressadamente à entrada. Chegados aí declararam terminantemente que concediam apenas uma hora para deliberarem. Passada ela, não haveria meio de voltar atrás. Durante êste intervalo, aproximaram-se várias vezes da porta perguntando se alguém se determinava a ficar em terra. Como ouvissem sempre resposta negativa, prorrogaram o prazo para mais meia hora, e depois para mais um quarto de hora. Durante todo êste tempo não cessaram aqueles três verdugos de lançar em rosto a todos e a cada um dos Jovens o seu nobre procedimento como uma contumácia, insensatez e loucura. Porém os heróicos e preclaríssimos Filhos da Terra de Sta. Cruz mantiveram-se resolutos e firmes no seu santo propósito. Estavam decididos a morrer a morte mais atroz do que parecer que abandonavam a sua vocação. Rejeitavam a aparência da simulação na sua conduta, afim de tornar patente ao céu e à terra que não se lhes diminuía no coração nem um pontinho daquele entranhadíssimo afeto que nutriam para com a sua Mãe espiritual. Queriam positivamente repelir de si qualquer idéia de derrota, afim de não deixar empanar o brilho da glória da Companhia de Jesús e da Igreja nem sequer por uma leve penumbra.

Vendo-se, pois, impotentes para domar o ânimo dêstes bravos, desistiram do intento os três emissários e retiraram-se vencidos.

Nomes de todos os heróis

Ficaram portanto no navio prestes a levantar ferro, cento e dezenove Jesuítas ⁽¹⁾. Eis os seus nomes:

Sacerdotes: Manuel Ferraz (Reitor do Colégio do Rio), Manuel Amaro, Manuel Leão, Aloísio d'Albuquerque, Félix Capeto, Melchior Mendes, Manuel Araújo, Félix Xavier, Júlio França, Manuel Almeida, Manuel Carvalho, Cristóvão Cordeiro, Manuel Pimentel, Manuel Moura, Lourenço Almeida, Bernardo Fialho, Antônio Neves, Joaquim Morais, Francisco Almeida, Manuel Martins, Manuel Fonseca, Francisco Cordeiro, Lourenço Justiniano (Reitor do Colégio de S. Paulo), José Castilho, Inácio Leão, Francisco Macedo, Silvério Pinheiro, Benedito Soares, Caetano Mendes, José Nogueira, Vito Mariano, João Mota (Reitor do Colégio de Santos), Antônio Souza, Tomaz Campos, Antônio Simões, Antônio Coelho, Inácio Antunes, Inácio Ribeiro, André Vitoriano, Manuel Tavares, José Matos, Caetano Fonseca, José Geraldés, José Vieira, Fabião Gonçalves, Antônio Jorge, Gonçalo Alexandrino, Bento Nogueira, João Caetano, José do Vale, Gonçalo Costa, Francisco Silveira, José Martins Montarrais, Inácio Dias, Diogo Teixeira, Francisco Silva, Gaspar Gonçalves, José Rodrigues, Inácio Pereira, João Pinheiro, José Silva, Miguel Lopes, Pedro Fernandes, Cristóvão Costa, Estêvão Oliveira, Francisco Abreu, Rafael Gomes, Pedro Santos, Antônio Bacelar, Tomaz

(1) O manuscrito diz que eram 125, mas dá apenas os nomes de 119.

Vilanova, Inácio Xavier, José Leitão, Antônio Leão, Antônio Vieira, Manuel Velho, João Azevedo, João Xavier, Manuel José, Francisco Manuel, Francisco Calado, Francisco Cordovil, Anastácio Dias, José Antônio, José Correia, Manuel Domingues.

Escolásticos: Manuel Bessa, Bernardo Vieira, Francisco Gonçalves, Gabriel Campos, Custódio Sá, Francisco Gomes, Bernardo Pereira, Silvério Figueiredo, Domingos Vieira, Luiz Borges, João Martins, Miguel Campos, Manuel Medeiros, Joaquim Sales, Maximiliano Ferreira, João Leão, Diogo Xavier, Vicente Ferreira, João Gonzaga, André Ferreira, Joaquim Eduardo, José Teixeira.

Coadjutores: Leandro Barros, João Carvalho, Francisco Pacheco, Antônio Freitas, Manuel Francisco, Aloísio Silva, Lourenço Chaves, José Vilanova, Antônio Nóbrega, Manuel Costa, Domingos Soares, Nicolau Fonseca.

Providência de Deus durante a viagem

O navio com todos êstes Jesuítas, deixou o pôrto de Guanabara no dia quinze de março de 1760. Chegados ao alto mar, o cuidado do cárcere e dos presos foi confiado a **Joaquim Alves**.

Deus na sua amorosa providência, deparou neste Oficial um benfeitor insigne às pobres vítimas do furor pombalino. Pelo modo como iam embarcados, quasi todos os exilados deviam naturalmente morrer no caminho. Contudo não faleceu mais que um, devido à engenhosa caridade desta alma generosa. Tanto insistiu com o Capitão

e soube tão bem captar-lhe as graças que obteve a licença de saírem do porão os infelizes Religiosos afim de poderem respirar o ar puro no convés. Logo veio em seu auxílio o Cirurgião do navio, afirmando, em altas vozes que, esta liberdade de saírem ao ar livre não se devia restringir só para aquela vez, mas devia ser plena e perpétua; que do contrário, a peste seria inevitável, e nenhum passageiro escaparia ao contágio.

Vendo-se atemorizado diante dêstes protestos, o Capitão do navio concedeu licença ampla para irem até de noite ao convés os que quisessem. Muitos, aproveitando-se desta regalia, preferiam ficar aí expostos ao relento e à chuva para se não verem sufocados no porão.

Merece aquí menção honorífica a singular benevolência de **Jorge Menezes**, irmão do Conde de Vila Flor. Êste comandante geral da guarnição que presidia ao navio, proclamava, diante de todos a inocência dos Filhos de S. Inácio; afirmava que a sua expulsão se baseava em calúnia manifesta, e acarretaria detrimento irreparável à Religião e à Pátria. Não podendo obsequiá-los doutra maneira, enviava todos os dias o seu almôço ao Jesuíta mais doente. Deus recompensou-lhe todos estes atos de magnanimidade cristã. Tendo sido acometido por uma perigosa enfermidade, que o prostrou no leito durante quasi toda a viagem, não sucumbiu a tão fatal moléstia. E o piedoso Militar attribuía esta graça, com sentimentos do mais profundo reconhecimento, à intercessão do Ven. Pe. Anchieta, a quem invocava, com muita confiança, interpondo o valimento da sua relíqua, que havia recebido, em presente, das

mãos dos Missionários, continuadores do seu apostolado nas terras de Sta. Cruz.

Morte Santa

No meio dêstes alívios e consolações, os Confessores de Cristo tiveram um desgosto na morte do Ir. Coadjutor, **Francisco Pacheco**, ocorrida no dia 24 de Março do mesmo ano de 1760. Sentindo-se sufocado, pediu aos companheiros que o levassem para o convés, mas no meio do caminho perdeu os sentidos. Administraram-lhe logo a Extrema-Unção e expirou em muita paz. Era tido por todos como homem de virtude exímia, e distinguia-se de um modo particular na abstinência, desprezo próprio, modéstia e piedade. Deus satisfez plenamente os seus votos, pois pedia a N. Senhor que o levasse para o céu durante a viagem.

No Tejo

Sem outro incidente de maior importância chegaram ao Tejo, onde entraram com as vigias fechadas para não verem e não serem vistos. Coincidia a chegada das vítimas do rancor pombalino com o dia do aniversário natalício de D. José, seis de junho, e quasi com a mesma hora em que se celebrava com toda a pompa o casamento da Princesa D. Maria, herdeira do trono, com D. Pedro, irmão do Rei. Em atenção a êste grande dia fez-se uma concessão aos infelizes deportados do Brasil; foi a de poderem levar consigo, quando passaram, na noite seguinte, para o navio de Génova as pobres trouxas que os acompanhavam na viagem.

Logo que se mudaram para êste barco, tomaram-lhes os nomes e várias outras informações minuciosas. Terminados os interrogatórios, foram levados para o porão, desta vez suficientemente amplo, sendo logo fechada a porta e colocados os guardas.

Passados sete dias vieram fazer-lhes companhia os Jesuítas expulsos da Baía, ficando todos à espera dos de Pernambuco.

Novo assalto à vocação

Deu-se-lhes então o novo e último assalto contra a vocação a que me referí em outros artigos.

Os Agentes de Pombal procuraram persuadir-lhes de que não havia a menor dúvida sôbre a faculdade concedida ao Cardeal Saldanha para dispensar dos votos ainda aos professos da Companhia de Jesús. Estavam prontos, afirmavam a todos, a apresentar as letras Pontíficas expedidas para êste efeito. Um dêles, contudo, disse depois em segrêdo que tais cartas não existiam.

Mas em público todos aliciavam à defecção, prometendo grandes favores do Rei. No Brasil concediam as cartas dimissórias sòmente aos jovens; aquí ainda aos velhos, acrescentando que o Rei não estava ofendido de nenhum Jesuíta em particular, mas sòmente do corpo da Companhia.

Na mente do leitor refletido, suscitar-se-á aquí naturalmente uma dificuldade; como é que uma corporação inteira pôde ser culpada do regicídio, se nenhum dos seus membros é responsável por êle? A explicação do enigma está na lógica pombalina. Ficam, portanto, patentes os planos tenebrosos e a má fé do Ministro sanguinário.

Pombal encarnava em si o ódio satânico dos Jansenistas e dos Enciclopedistas contra aquela Instituição que êles julgavam ser o baluarte inexpugnável da Igreja, ódio que se não havia de saciar enquanto não arrancassem por traças horripilantes das mãos trêmulas de Clemente XIV a extinção total da Milícia aguerrida do Herói de Pamplona. Conseqüentemente todo o empenho de Carvalho, nesta ocasião, era secularizar, se pudesse ser, todos os Jesuítas luso-brasileiros. De harmonia com êste plano mandou êle persuadir a todos os Jesuítas com tantas invenções mentirosas que abandonassem a Companhia. Mas de um modo particular foram alvo destas tentações os mais novos. Serviu-se, como de arma efficacíssima contra estes, da fraude, de que já tivemos ocasião de falar mais largamente em outra parte, a saber: que era inútil perseverar no seu intento visto que chegados a Roma o Pe. Geral os havia de despedir a todos por não poder sustentar a tanta gente como fizera aos Jesuítas portuguezes segundo constava sem a menor dúvida, das cartas recebidas da Cidade eterna.

Algumas defecções

Esta armadilha foi fatal a alguns do Colégio de Pernambuco, como já vimos no lugar competente.

Do Colégio da Baía caíram no mesmo laço os Pes. José Lima, Inácio Rodrigues, e Manuel Pestana; do Colégio do Rio o Pe. Gonçalo Alexandrino. Todos estes eram Professores e não obstante ficaram em liberdade, no pleno gôzo de todos os seus direitos civis sem nenhum castigo. E'

mais uma prova (nota o autor do manuscrito) dos processos fraudulentos e caluniosos de Pombal que o levaram às contradições mais ridículas nesta perseguição contra os Jesuítas. Todos os Jesuítas eram condenados como réus do regicídio, mas se consentissem em deixar a roupeta da Companhia, nenhum dêles era culpado de tão feio crime, e todos sem exceção permaneceriam em Portugal. Sòmente o Corpo da Companhia é que seria transportado naqueles navios para Roma expulso dos confins lusitanos! Mais uma vez se confirma o rifão popular; mais fácil é apanhar um mentiroso do que um aleijado.

No cárcere de Azeitão

Reatemos porém o fio da narração. Além dêstes pouquíssimos infelizes, ficaram, mais 16 Jesuítas em Portugal, os quais por motivo de grave enfermidade ou extrema fraqueza, não podendo continuar a viagem foram internados na cadeia de Azeitão. Eis os seus nomes.

Do Colégio de Pernambuco: **Pe. Antônio Pais**, cego, **Ir. Coadjutor, Manuel Cruz**.

Do Colégio do Rio: **Pes. Júlio França, Manuel Moura, Joaquim Moraes, João Mata, José Geraldês, Caetano Fonseca, Rafael Gomes**, e **Ir. Coadjutor João Carvalho**.

Do Colégio da Baía: **Pes. Manuel Reis**, cego, **José Viveiros**, Escolástico **Domingos Vieira**, **Irs. Coadjuutores Gonçalo Monteiro, Carlos Correia e Honorato Martins**.

Rumo de Gênova

Os outros Jesuítas do Brasil tiveram de permanecer no pôrto de Lisboa por muito tempo à espera dos de Pernambuco, os quais chegaram aí sòmente no dia 26 de junho de 1760.

No mesmo dia foram-se estes juntar aos da Baía e do Rio, que se encontravam no navio Genovês, o qual levantou ferro, no dia 28 de junho e chegou à Gênova aos 21 de julho. Demoraram-se aqui dois dias, sendo muito consolados e obsequiados pelos Jesuítas franceses, como já ficou dito em outra parte.

Em Roma

Metidos, por fim, em cinco embarcações menores seguiram a sua derrota até Civita-Vecchia. Daquí partiram para a Cidade Eterna, onde lhes serviu de Asilo o palácio do Duque de Sorani. Eram ao todo 265 Jesuítas nesta última viagem de Lisboa à Itália. Porém, além dêstes, já tinham sido embarcados para aí, junto com os Jesuítas portugueses, mais 14 Jesuítas brasileiros. Dêstes eram:

Sacerdotes, dois: Manuel d'Andrade e José Reis Caturro.

Escolásticos, dez: João José Guedes, Caetano Ferreira, Agostinho Lopes, Alexandre Costa, Vicente Cunha, Miguel Álvares, José d'Andrade, Manuel Moreira e José Corrêa ⁽¹⁾.

(1) Falta no manuscrito o nome do décimo, naturalmente omissão involuntária do copista.

Coadjuutores, dois: **Francisco Xavier e Tomaz Luiz.**

Ambos estes eram ingleses, mas os carrascos pombalinos não os conheceram como tais, por equívoco dos nomes. Do contrário ficariam a penar no cárcere de Azeitão.

Todas estas notícias foram extraídas das págs. 61-136 da História latina inédita, já tantas vezes citada.

SEGUNDA SÉRIE

I

Missionários Jesuítas mortos em ódio da Fé
ou da Vocação ⁽¹⁾

NO BRASIL

Documentação preciosa

E'-nos sumamente grato poder anunciar aos nossos leitores a publicação, neste e nalguns números seguintes, de uma lista, o mais que foi possível completa, dos missionários da Companhia de Jesús, que deram a vida pela Fé de Jesús Cristo.

Agradecemos êste valioso trabalho ao dedicado amigo dos Legionários, Padre Antônio Fernandes S. J., nosso assíduo colaborador do Recife.

(1) Quem quiser verificar estes martírios poderá ler os Menolôgias das Províncias de Portugal, Espanha, França, Itália e Alemanha, nas datas correspondentes.

O leitor encontrará aí citadas as fontes históricas, nas

Desde já indicamos as várias divisões a que obedecerá a mencionada publicação, demasiado extensa para ser toda impressa no mesmo número da Revista.

- I — *Missionários Jesuítas mortos em ódio da Fé ou da Vocação, no Brasil.*
- II — *Missionários Jesuítas pertencentes à Província do Brasil e Vice-Província do Maranhão, mortos em ódio da Fé ou da Vocação, fora do Brasil, na perseguição pombalina.*
- III — *Missionários Jesuítas, Mártires da Fé ou da Vocação na Índia*
- IV — *Missionários Jesuítas da Província de Goa, mortos em ódio da Fé ou da Vocação, fora da Índia*

Hoje só publicamos a primeira lista

A Redação

quais se acham a história e os dados mais precisos sobre a vida da maior parte destes Servos de Deus.

Em alguns casos citarei outros autores. O Pe. Henri Dugout toma a palavra mártires em toda sua extensão, seguindo o exemplo dos escritores da Companhia, e cita a resposta de Roma sobre as condições requeridas para se considerarem verdadeiros mártires os missionários mortos na revolução dos Boxers na China, em ordem à sua beatificação. Ei-la:

“... Além disso, devem considerar-se como mártires todos os Missionários que foram mortos na China, contanto que não provocassem a morte, procedendo injustamente; e, se foram mortos tumultuariamente, ainda mesmo com o simples pretêsto de serem Europeus, visto que os missio-

1. Escolástico: *Pedro Corrêa*; entrou na Companhia em 1549, morreu atravessado com setas em Carrigas no dia 24 de dezembro de 1554.
2. No mesmo lugar e no mesmo dia com igual gênero de morte, alcançou a palma de martírio o Irmão coadjutor: **João de Souza**.
3. e 4. No dia 18 de fevereiro de 1555, foram mortos no Brasil, mais dois Irmãos Coadjuutores, cujos nomes e pátria não são infelizmente indicados.
5. *Pe. Francisco Pinto* — o heróico *Amanaiara* e *Paepina*, já notável na história do Brasil por ter conseguido dos índios do Jaguaribe (Ceará) as pazes propostas em 1597 por Manuel Mascarenhas — Nasceu em Angra (Açores) em 1552, entrou na Companhia aos 31 de outubro de 1568, foi morto pelos tapuias cararijús, no dia 11 de janeiro de 1608, sexta-feira infra-octavam da Epifânia, na serra de Ibiapaba (Ceará). O Pe. Luiz Figueira S. J., companheiro do Pe. Francisco Pinto, (o qual foi mais tarde devorado pelos índios de Marajó) enviou ao P. Geral Cláudio Aquaviva uma relação minuciosa da viagem que ocasionou êste martírio.

O Sr. Dr. Barão de Studart, benemérito das letras pátrias, mandou-a buscar no Ar-

nários se encontram na China pelo fim único da Religião, todos os que assim morreram assassinados são verdadeiros mártires”.

Pôsto isso, é excusado acrescentar que, dando a estes missionários o glorioso título de mártires, não quero de nenhum modo antecipar o juízo da Igreja nos casos em que ela ainda o não proferiu.

quivo da Companhia de Jesús, e a deu à estampa pela primeira vez em 1903, no Livro do Centenário do Ceará.

O Pe. Luiz Figueira descreve assim o martírio "...tendo-lhes uns mão nos braços estirando-lhos para ambas as partes ficando êle em figura de cruz, outros lhe deram tantas pancadas com um pau na cabeça que lha fizeram pedaços, quebrando-lhe os queixos e amassando-lhe as cachagens e olhos..."

O seu corpo foi enterrado ao pé da serra da Ibiapaba, em um lugar chamado Ubajara ao longo de um rio dentro de um mato, no meio de dois índios que deram a sua vida em defesa do mesmo Padre, um dos quais se chamava Caraibpócú.

Êste sepulcro era muito venerado dos índios tabajares, os quais, tendo à frente o seu chefe Juripariassú (Diabo Grande) vingaram a morte do seu Abaré, vencendo e exterminando a Tribu dos cararijús ou tocarijús. (Cf. Pe. Galante, História do Brasil, I, pgs. 385, 453...) O célebre herói da guerra holandesa, D. Filipe Camarão, também deu grandes provas da sua veneração pelos restos mortais do Mártir do Ceará. (Vid. "Geografia do Ceará" pelo Dr. Barão de Studart).

6. Pe. *Antônio Belavia*, n. Sicília, 1594, entrou na Companhia em 1610 e foi morto a tiro de espingarda pelos herejes (holandeses) em Pernambuco, no dia 4 de agosto de 1633.
7. Pe. *Luiz Figueira*, autor da *Arte da Gramática da Língua Brasileira*, o primeiro a reduzir a compêndio o idioma dos nossos ín-

dios, completando assim os estudos do Pe. Anchieta.

Nasceu em Almodovar (Portugal), em 1573; entrou na Companhia em 1592. Foi comido pelos índios Aruans da Ilha Joanes ou Marajó (Pará), mais ou menos nos princípios de julho de 1643, (Galanti, II, pg. 260) junto com os seguintes companheiros do naufrágio:

8. *Pe. Manuel Muniz.*
9. *Pe. Barnabé Dias.*
10. *Pe. Simão Florim.*
11. Escolástico: *Pedro Figueira.*
12. " *João Leite.*
13. " *Manuel Lima.*
14. " *Francisco do Rêgo.*
15. " *Domingos de Brito.*
16. Ir. Coadjutor: *Manuel Rocha.*
17. " " *Manuel Vicente.*
18. " " *Pedro Pereira.*
19. " " *Gaspar Fernandes.*

(Cfr. a carta do outro Pe. Francisco Pinto, S. J., que se escapou do martírio e nos deixou a sua relação).

20. *Pe. Manuel Moniz*, morto pelos índios no Brasil no dia 28 de agosto de 1649.
21. No mesmo dia, com igual morte, o *Pe. Francisco Pires*.
22. Item, o Ir. Coadjutor: *Gaspar Fernandes* (no dia 24?).
23. *Pe. João Beira*, morto pelos índios em setembro de 1656 (Cfr. *Archivum Franciae*: notes *Guilhermy*).
24. *Pe. Antônio Pereira*, natural de São Luiz (Maranhão), morreu igualmente às mãos dos índios no Maranhão no dia 30 de outubro de 1687 (*ibidem*).
25. Item, o *Pe. Bernardo Gomes*.
26. *Pe. Bonifácio Pereira*, teve o mesmo martírio no Brasil, 6 de maio de 1712 (*ibidem*).
27. *Pe. João Vilar*, n. Tancos (Portugal), 13 março 1663, entrou na Companhia 31 março 1683, e recebeu a coroa do martírio em Maranhão, 26 agosto 1719.
28. Ir. *Dias*, coadjutor, morreu no Rio-de-Janeiro, de caminho para o desterro, na perseguição de Pombal, em fevereiro de 1760 (Cfr. notes *Bazhdari*).

29. *Pe. Vicente Gomes*, morreu no mar, 11 de maio 1760, depois de embarcado em Pernambuco, na mesma perseguição (Cfr. Caeiro). (Legionários das Missões, julho 1927, pg. 65).
30. Na mesma viagem, o *Pe. Cornélio Pacheco*, 12 de maio 1760, e os dois seguintes:
31. *Pe. Francisco de Lira*, 15 de maio 1760.
32. Ir. Coadjutor: *João Paulo*, 23 maio 1760. Há divergências sôbre estas duas últimas datas (Cfr. Carayon S. J. "Les prisons de Pombal", 247, 251, París 1805).
33. *Manuel Ferreira*, morreu no Pará, de caminho para o exílio, na sobredita perseguição, 10 de agôsto 1760 (Cfr. Caeiro).
34. Item, o *Pe. José Ferreira*, 15 de agôsto 1760.
35. E o *Pe. Bento de Paiva*, † no mar, durante a viagem, 2 de set. 1760.

(Todos estes, desde o n.º 28, pertenciam então à Província do Brasil).

36. *Pe. Gerardo Ribeiro*, † 13 de out. 1760.
37. *Pe. Antonio Simões*, † 26 de nov. 1760.
38. *Pe. Francisco da Veiga*, † no mesmo dia e ano.
39. *Pe. Inácio Xavier*, † 11 de dez. 1760.

(Todos os quatro morreram no mar durante

a viagem de destêrro de Maranhão à Lisboa. Faziam parte da Vice-Província de Maranhão).

40. *Pc. José de Figueiredo*, em 1760, no caminho do destêrro, entre Peaf e Baía.
41. Ir. Coadjutor: *Francisco Pacheco*, no mar, na viagem do Rio-de-Janeiro à Lisboa, mas ignora-se o dia. Pertencia à Província do Brasil.
42. *Pc. Antônio Simões*, nascido em Portugal 1689, pertencia à Vice-Província da China, no mar perto da Baía, durante a viagem de exílio, 16 de maio 1764, na mesma perseguição.

Quando escreví para o "Legionários" não incluí nesta lista os 40 Mártires, já beatificados, vítimas de Jaques Sória, e os outros 12, mortos por João Capdeville, por já serem mais conhecidos, mas acho melhor acrescentá-los aquí. Ei-los:

Os Beatos 40 Mártires do Brasil deitados ao mar perto da ilha da Palma (Canárias), no dia 15 de julho de 1570.

1. B. P. Inácio de Azevedo, n. 1527 no Pôrto, entrou na Companhia a 23 dez. 1548.
2. B. P. Diogo de Andrade, n. Pedrógam Grande, entrou na Companhia a 7 julho 1558.

Os que seguem eram Escolásticos:

3. B. Bento de Castro, n. Chacim (Miranda), 1543.

4. B. Francisco de Magalhães, n. Alcácer do Sul (Évora), 1543.
5. B. João Fernandes, n. Lisboa.
6. B. João Fernandes, n. Braga.
7. B. Luiz Corrêa, n. Évora.
8. B. Manuel Rodrigues, n. Alcochete (Arcebis-pado de Lisboa).
9. B. Simão Lopes, n. Ourem.
10. B. Manuel Fernandes, n. Celorico (Beira).
11. B. Álvaro Mendes, n. Elvas.
12. B. Pedro Nunes, n. Fronteira (Elvas).
13. B. André Gonsalves, n. Viana do Alemtejo; estudara na Universidade de Évora.
14. B. João de S. Martinho, n. Iuncos, Toledo, Es-panha.

Noviços:

15. B. Gonsalo Henriques, n. Pôrto (era diácono).
16. B. Diogo Pires, n. Niza (Portalegre). Tinha sido estudante de Filosofia em Évora.
17. B. Fernando Sanchez, n. Castella a velha.

18. B. Francisco Perez Godói, n. Torrijos (Salamanca), parente de S. Teresa de Jesús. "Estudando em Salamanca, fez os Exercícios espirituais de St.º Inácio, nos quais tomou a resolução de não pôr mais os olhos no mundo, e em segurança do seu propósito cortou um dos bigodes da sua barba, de que êle muito se prezava, e que era um dos impedimentos que tinha para deixar o mundo, não se atrevendo a cortá-los.

... Entrou na Companhia sendo mestre dos noviços o admirável e perfeitíssimo varão o Padre Baltazar Álvares... Era falto de vista no olho esquerdo... Era dito seu mui ordinário aprendido do Pe. Baltazar Álvares: "Não degeneremos dos altos pensamentos de filhos de Deus"... Sabia música, tocar harpa e outros instrumentos, com que alegrava aos irmãos; era o mestre naqueles suaves cantos de Val de Rosal e na viagem para as Ilhas. Quando entrou na Companhia estudava cânones. Ferido a punhaladas, foi lançado vivo ao mar."

19. B. Antônio Corrêa, n. Pôrto.
20. B. Manuel Pacheco, n. Ceuta, colônia portuguesa na África.
21. B. Nicolau Diniz, n. Bragança.
22. B. Aleixo Delgado, n. Elvas, filho de um cego, a quem êle servia de guia. Mais tarde uma cachorrinha substituía-o neste officio, ficando êle livre para se entregar aos estudos.
23. B. Marcos Caldeira, n. (Pôrto).

24. B. Luiz Rodrigues, n. Évora.

Irmãos Coadjuutores:

25. B. Manuel Álvares, n. Extremos.

26. B. Francisco Álvares, n. Covilhã.

27. B. Domingos Fernandes, n. Borba (Évora).

28. B. Gaspar Álvares, n. Pôrto.

29. B. Amaro Vaz, n. Pôrto, Noviço, entrou na Companhia 1 nov. 1569.

30. B. João Maiorga, n. Aragão (Espanha), era pintor.

31. B. Afonso de Baena, n. Toledo (Espanha), era de officio ourives.

32. B. Antônio Soares, n. Trancoso (Beira).

33. B. Antônio Fernandes, n. Lisboa, segundo outros, Monte-mor-o-Novo (Évora). Exercera o officio de marceneiro. Noviço, entr. na Companhia 1 jan. 1570.

34. B. Pedro de Fontoura, n. Braga. Os herejes cortaram-lhe a língua e lançaram ao mar.

35. B. Gregório Escrivano, n. Logronho (Espanha).

36. B. Estêvão Zurara, de nação biscainho, de off-

cio borlador. Tinha sido roupeiro no Colégio de Placência.

37. B. João de Safra, n. Badajoz (Espanha). Noviço, entrou na Companhia 8 fev. 1570.
38. B. Braz Ribeiro, n. Braga. Tinha 7 meses de noviço.
39. B. João de Baeza, espanhol.
40. B. Simão da Costa, n. Pôrto. Mandado degolar por Jaques Sória e lançado ao mar no dia 16 de julho.

Falta mencionar ainda o noviço escolástico:

41. B. João Adaucto, a quem chamavam S. João. Havia nascido na Província de Entre Douro e Minho, sobrinho do capitão da nau. Sempre desejou muito ser da Companhia. O B. Inácio de Azevedo amava-o muito por sua boa índole e santos costumes. O Pe. Possino conta que, metendo-se êle entre os nossos, os herejes o apartaram, até que no último tempo, indo vestir debaixo da proa uma roupeta das que tinham tirado aos nossos irmãos, se veio assim vestido meter com êles, e pôde ser tido por Jesuíta e com êles lançado por tal, em ódio da Fé, ao mar. Com êste Irmão perfez Deus o número de quarenta, que ficava diminuído, por não tirarem a vida ao Irmão João Sanches.

N. B. — Estas últimas palavras são do historiador da Companhia, o Pe. Antônio Franco S. J.

Perfaz êle o número de 40 mártires excluindo o nome do B. João de Balza e incluindo o do B. Luiz Rodrigues. O Pe. Henri Dugout autor do célebre martirológio ou Catálogo de todos os Mártires da Companhia de Jesús, também completa o mesmo número, procedendo, porém, vice-versa.

Segue a lista de outros 12 Jesuítas martirizados pelos protestantes de La Rochelle, capitaneados por João Capdeville, aos 13 e 14 de setembro de 1571, sendo deitados ao mar entre as ilhas Canárias e Açores. O processo de beatificação dêstes mártires, já introduzido outrora em Roma, encontra-se nos arquivos da Cúria. Têm porisso o título de Veneráveis.

Martirizados no dia 13 set. 1571:

1. V. Pe. Pedro Dias.
2. V. Pe. Francisco de Castro.
3. V. Gaspar Goes, escolástico.
4. V. Miguel Aragonéz, escolástico (Catalão).
5. V. V. Francisco Paulo, noviço.

Martirizados no dia 14 set. 1571:

6. V. Afonso Fernandes, escolástico.
7. V. João Álvares, escolástico.
8. V. André Pais, escolástico.
9. V. Pedro Dias, escolástico.

10. V. Fernão Álvares, coadjutor.
11. V. Diogo Carvalho, noviço.
12. V. Pedro Fernandes, noviço coadjutor.

A estatística geral dos mártires da Companhia dá ao Brasil um número um tanto inferior.

A razão é porque não inclue nela os que morreram no mar, como eu fiz.

Aos Jesuítas Brasileiros, residentes na Europa, que tiverem mais vagar e meios de consultar os livros e investigar os arquivos, cabe agora o dever de publicar notícias mais exatas e completas sôbre estes mártires, bem como de apurar melhor algumas datas, nomes e terras; de modo particular devem procurar obter esclarecimentos necessários, relativos ao Pe. Antônio Pereira, que é dado aquí, no n.º 24, como Brasileiro, *natural de S. Luiz do Maranhão*.

II

Missionários Jesuítas pertencentes à Província do Brasil e Vice-Província do Maranhão, mortos fora do Brasil, na perseguição pombalina

1. Ir. Coadjutor: *Manuel d'Almeida*, † Coimbra, 28 out. 1759.
2. *Pe. Antônio Moreira*, n. Evoramonte (da V—Prov. de Maranhão), † na cadeia de Almeida (Portugal), 1 maio 1761.
3. Na mesma prisão † o *Pe. Antônio Pais*, 18 fev. 1761.

No cárcere de Azeitão (Portugal) morreram os seguintes:

4. Ir. Coadjutor: *Domingos de Moura*, 31 dez. 1759.
5. *Pe. Luiz Alberto*, 28 fev. 1760.
6. Ir. Coadjutor: *Gonçalo Monteiro*, 9 set. 1760.
7. *Pe. José Geraldés*, 17 set. 1760.
8. Escolástico: *Domingos Vieira*, 19 set. 1760 (da V — Prov. de Maranhão).
9. *Pe. Sebastião Fuséo*, n. Calábria (da V — Prov. de Maranhão), morreu 11 dez. (segundo outros 29 out. 1760).
10. *Pe. José Viveiros*, 23 jan. 1761.
11. *Pe. Manuel Taborda*, 24 fev. 1761 (V — Prov. Maranhão).
12. Ir. Coadjutor: *Carlos Corrêa*, 26 abril 1761.
13. *Pe. Antônio da Mata*, 9 set. 1761.
14. Escolástico: *João de Carvalho*, 3 jan. 1762.
15. *Pe. Jacob Barca*, italiano, 27 jul. 1762.
16. Ir. Coadjutor: *João Mazzi*, natural de Roma, 21 dez. 1763.
17. *Pe. Joaquim de Moraes*, 7 jan. 1764.

18. *Pe. Júlio Franca*, 15 nov. 1765.
19. *Pe. Honorato Martin*, francês, 22 nov. 1765.
20. *Pe. Cristóvão de Carvalho*, 29 maio 1766 (V — P. Maranhão).
21. *Pe. Antônio Corrêa*, 1 maio 1769.
22. Faleceu fora da masmorra, em Azeitão, o *Pe. Manuel dos Reis*, 1771.

No caminho de exílio, entre Azeitão e Angola (Congo), partiram para a outra vida lá pelo ano de 1770 os seguintes jesuítas da Vice-Prov. do Maranhão:

23. *Pe. João Pereira*.
24. *Pe. Manuel Gonzaga* (outros dizem que morreu em São Julião).
25. Irs. Coadjuutores: *Manuel Gerão*.
26. *Manuel da Costa*.
27. *Alexandre Botelho*.

Nas famosas enxovias de São Julião deram a sua alma ao Criador:

28. *Pe. Luiz Álvares* (V — Prov. de Mar.), 16 nov. 1765; nascera em 1699.
29. *Pe. Manuel da Silva* (V — Prov. Mar.), 17 abril 1766).

30. *Pe. Joaquim Carvalho*, 3 set. 1767 (março 31)
(V — Prov. Mar.).
31. Ir. Coadjutor: *Antônio Gonçalves*, 12 dez. 1772
(V — Prov. Mar.).
32. *Pe. Antônio Batista*, 21 dez. 1772.
33. *Pe. Luiz Álvares*, 7 dez. 1773 (nasceram em
1717).
34. Ir. Coadjutor: *Guilhermi Licens*, 25 de abril
1774 (n. em 1712 na Inglaterra).
35. *Pe. José da Rocha* (V — Prov. Mar.), 20 agosto
1775.
36. *Pe. Manuel Afonso*, 5 out. 1775.
37. *Pe. João Daniel* (V — Prov. Mar.), 19 jan. 1776.
38. *Pe. Teodoro da Cruz* (V — Prov. Mar.), 24 ju-
lho 1776.
39. *Pe. Inácio Stanislau*, 1 fev. 1777 (n. 1713 em
Portugal).
40. Na detenção de Pedroso (Portugal) o *Pe. Júlio
Pereira* (V — Prov. Mar.), 1775 ou 1776.

Aí vai ainda outra lista, onde os "Legionários" acharão dois nomes dos seus patrícios baianos, mártires da vocação nas paragens longínquas de Goa (Índia Portuguesa). Espero falar da expulsão deles mais tarde.

III

Missionários Jesuítas, Mártires da Fé ou da Vocação na Índia

1. *Pe. Antônio Criminal*, n. Sisa (diocese de Parma, Itália), 7 fev. 1520, entrou na Companhia em 1539, foi atravessado de lanças e decapitado em Vedalai, na costa da Pescaria, aos 15 ou 16 de julho de 1549 (ou segundo outros, no dia 26 ou 30 de maio). Cfr. Francisco de Sousa "Oriente Conquistado". Foi o primeiro jesuíta em toda a Companhia que alcançou a palma do martírio (Cfr. A. Brou). S. Francisco Xavier, II, 112.
2. *Pe. Melchior Gonçalves*, entrou na Companhia aos 25 abril 1546; † envenenado em Baçaim, 6 out. 1551. Pairam algumas dúvidas sôbre êste martírio ⁽¹⁾.

(1) A razão da dúvida é porque um Pe. Belchior Gonçalves, Reitor de Baçaim, foi despedido da Companhia por S. Francisco Xavier. O Pe. Francisco de Sousa resolve a dúvida na seguinte passagem do seu "Oriente Conquistado", Conq. IV, Div. I, § 110:

"Entre os despedidos por S. Francisco Xavier conta o Pe. Sebastião Gonçalves, Reitor de Baçaim, e o mesmo acho em um catálogo mui velho desta Província. E como eu, na Conquista Primeira, Divisão Primeira, ano 1551, referi a santa morte do Padre Belchior Gonçalves na Companhia, seguindo ao Padre Daniel Bartoli e ao Padre João Nadasí, que a escreveram pelas cartas do Padre Gaspar Barzeo, e ao Padre Baltasar Telez, que só lhe erra o ano da morte pondo cincoenta e cinco por cincoenta e um, e a cidade em que morreu, pondo Goa por Baçaim, me parece necessário tirar a equivocação destas notícias. Houve naqueles primeiros anos dois Padres, que ambos governaram em Baçaim por algum tempo: um se

3. *Pe. Paulo do Vale*, n. Vizeu, entrou na Companhia 6 nov. 1547; morreu coberto de feridas em Punicale, 4 março (seg. outros, 5 fev. ou 10 jan.) 1552 (O "Oriente Conquistado", C. II, D. I, § 70, diz que já depois de libertado pelos cristãos teve, em conseqüência da prisão e moléstias, febre lenta de 3 meses, da qual veio a morrer. S. F. Xavier o chamava homem de insigne virtude).
4. *Ir. Luiz Mendes*, decapitado no Cabo Comõrim, 4 março 1552. Movera-se a entrar na Companhia vendo os exemplos de virtude do Pe. Gaspar Barzeo durante a viagem, e fõra admitido em Goa por S. F. Xavier (Vide: Francisco de Souza "Oriente Conquistado" C. II, D. II, § 72).
- 5 e 6. Em 1554 dois padres portuguezes anõnimos ganharam a coroa do martírio, sendo apedrejados em Salcete (perto de Bombaim). Cfr. Tanner, p. 222.

chamava Melchior Gonçalves e assim lhe chama S. Francisco Xavier em uma sua carta, o qual foi Reitor do Seminário de Baçaim e êste foi o célebre e santo Missionário, cuja morte escreví no lugar citado. O outro se chamava Belcheor Gonçalves, que foi Reitor do Colégio de Baçaim e êste foi o despedido; e o Santo Apóstolo no ano de 1552, que foi o último de sua vida, o mandou vir de Baçaim à Goa, e seria talvez para o despedir, como consta de uma sua carta, que ainda conservamos. De sorte, que das mesmas cartas do Santo consta a diferença entre Melcheor e Belcheor, ou porque naquele tempo eram dois nomes diversos, ou porque entre nós se diversificavam para distinguir melhor os dois sujeitos. E como na Primeira Conquista não advertí no prejuízo desta equivocação, me acomodei ao estilo moderno, chamando Belcheor ao que era Melcheor antigamente."

7. Em 18 fev. 1555, outro jesuíta português, já sacerdote morreu alanceado no Cabo Comorim (Tanner, p. 224).

No dia 28 de outubro de 1588 foram deitados ao mar na costa de Malabar, depois de alanceados, três jesuítas.

8. *Pe. Francisco Lopes*, n. Almerim em 1516.
9. *Pe. Jacó Carvalho*, também n. Almerim.
10. e o Ir. Coadjutor: *Manuel Lobo*, n. Évora.
11. Em 1571, mais um padre anônimo (Cfr. Jouvency: Epítome. t. II, p. 229).

Aos 15 de julho de 1583 (25 de julho segundo, a reforma gregoriana), tiveram o seu glorioso martírio, atravessados de lança em Cuncolim (Salcete, Goa), os 5 Beatos seguintes:

12. Beato *Rodolfo Aguaviva*, n. Ati, Itália, 15 out. 1550, entrou na Comp. 2 abril 1568.
13. Beato *Afonso Pacheco*, n. Minaia (Espanha), 1551, entrou 8 set. 1566.
14. Beato *Antônio Francisco*, n. Coimbra 1553, entrou 7 set. 1571.
15. Beato *Pedro Berna*, n. Ascona (Suíça) 1552, entrou 2 julho 1577.
16. Beato *Francisco Aranha*, Ir. Coadjutor, n. Braga 1555, entrou 1 nov. 1571 (da Prov. de Goa).

17. Aos 18 de fev. morreu envenenado em Cochim o *Pe. Luiz de Gouveia*, n. Coimbra 1556, entrou na Prov. de Goa em 1552.
18. Escolástico: *Vicente Álvares*, n. Évora (ou Ferreira de Alentejo) 1577, decapitado e deitado ao mar (Dabul) pelos Mouros 28 abril 1604.

Em Mategama (Ceilão) foram alanceados e decapitados no dia 6 de dez. de 1616:
19. *Pe. João Metela*, n. Bom Jardim (Portugal).
20. *Pe. Belingote* (ou Pelingoth), n. Sobolongo (Itália), 1578.
21. No mesmo ano foi martirizado no mesmo lugar o *Pe. João de Melo*, mas ignora-se o dia.

Aos 16 de set. 1628 voaram para o céu atravessados de lanças, em Jafanapatão (Ceilão), dois Padres.
22. *Pe. Mateus Fernandes*, nascera em Cochim (Índia) 1564.
23. *Pe. Bernardino Pecci*, n. Sena (Itália, família de Leão XIII), 1579.
24. *Pe. Antônio de Vasconcelos*, português, da Prov. de Goa, morreu envenenado aos 16 de agosto em 1633, em Goa.
25. *Pe. Francisco* (ou Antônio) *de Andrada*, n. Oleiros (Portugal) 1580, entr. 16 dez. 1596, † en-

venenado por um judeu, 10 março 1634, em Goa.

26. *Pe. Antônio Sociro*, n. Borba (Portugal), 1576, entr. Prov. de Goa 1592, alanceado em Ceilão 11 jan. 1637.
27. *Amarino* (ou Mauro) *de Moreira*, n. Lisboa 1597, morto perto de Goa, 30 set. 1639 (Tan-ner, p. 406).
28. *Pe. Caldeira*, n. 1572, degolado pelos herejes holandeses, em Jafna (Ceilão), em 1658 (Zaleski "Les Martyr de L'Inde", p. 231).

Morreram envenenados pelos Brâmanes em Caveyponde (Carnate), em 1711 ou 1712 outros dois:

29. *Pe. Pedro Mauduit*, n. Poytiers (França).
30. *Pe. José* (ou Maximiliano) *de Courbeville*.
31. *Pe. Francisco Laynes*, n. 1656, Lisboa, envenenado em Bandel de Hugli (Bengala), 11 junho 1715 (Zaleski), 269.
32. *Pe. Domingos Strado*, foi morto em ódio à castidade pelos navegantes entre Goa e África Austral em 1755. Cfr. Moritz Thomann, "Reise und Liebensbeschreibung", 1788.

Na perseguição de Pombal morreram em Goa no caminho do exílio:

33. *Pe. Francisco Pereira*, n. Pôrto, Severir, 1760.
34. *Pe. Luiz Franco*.
35. *Pe. Agostinho José*, n. Baía (Brasil), † março 1760.
36. *Pe. Tetônio José*, n. São Salvador (Baía), † março 1760.

No mês de abril de 1760 os seguintes:

37. Ir. Coadjutor: *João Pereira*, n. Chaves.
38. *Pe. José Joaquim*, n. Pôrto.
39. *Pe. José Cabral*, n. Miranda.
40. *Pe. Marcelino Salema*, n. Figa.

Faleceram no mar entre Goa e Lisboa em 1761:

41. Ir. Coadjutor: *Alexandre Ferreira*, † 9 jan.
42. *Pe. José de Anchieta*, † 9 fev.
43. Escolástico: *Domingos Burroni*, italiano, † 2 março.
44. *Pe. Simão Gumb*, alemão, † 17 março.
45. Ir. Coadjutor: *Francisco de Medeiros*, † 29 março.
46. Escolástico: *João Paulo Keller*, alemão, † 4 abril.

47. Escolástico: *Raimundo Vanelli*, italiano, † 28 abril.
48. *Pe. Mateus Mendes*, † 29 abril.
49. *Pe. Gregório da Costa*, n. Fraga (Portugal) † 5 maio.
50. *Pe. Alexandre Lopes*, n. Folgues (Portugal), † 6 maio.
51. *Pe. José Mautner*, alemão, † 7 maio.
52. Ir. Coadjutor: *José Luiz*, † 8 maio.
53. *Pe. Gonçalves Pinto*, n. Resende, † 8 maio.
54. *Pe. Salvador Dias*, n. Façalamim (Portugal), † 9 maio.
55. *Pe. José de Mendonça*, n. S. Miguel (Açores), † 10 maio.
56. *Pe. Antônio Duarte*, † 10 maio.
57. *Pe. Antônio Teixeira*, n. Gouveia, 10 maio.
58. *Pe. Antônio Pereira*, † 15 maio.
59. *Pe. Filipe de Macedo*, n. Calmeosa (Portugal), † 15 maio.
60. *Pe. João de Castro*, n. Lisboa, † 16 maio.
61. *Pe. Luiz Pegado*, n. Pagos, † 17 maio.

62. Ir. Coadjutor: *Miguel Vieira*, † 17 maio.
63. *Pe. Vicente Xavier*, n. Pôrto, † 20 maio.
64. *Pe. Ambrósio Amirdanader*, n. 4 set. 1843 em Karikal (Índia), entrou 3 jan. 1876, foi morto em Tuticorim, 10 jan. 1894.

(Lettr. d'Uclés, 1884, 2.º série, II, 558).

IV

Missionários Jesuítas da Província de Goa mortos em terras estranhas à Índia

1. *Pe. Pedro de Mascarenhas* ⁽¹⁾, n. Vizeu, 1528, † envenenado na ilha de Manade (Célebes), 7 jan. 1583.
2. Escolástico: *Damião...*, n. Xicugen (Japão), † Nangasaki, 26 dez. 1587.
3. Escolástico: *Tomaz Xiqui*, † Nangasaki, em fins de dez. 1587.

No dia 5 de fevereiro, 1597, foram crucificados em Nangasaki os três japoneses já canonizados:

4. Escolástico: *S. Paulo Miki*, n. Ava 1578.

(1) O "Oriente Conquistado", pg. 271, dá o martírio do P. Afonso de Castro, n. Lisboa, foi degolado depois de crucificado e flagelado na ilha de Irez, perto de Ternate (Molucas), mas o P. Dugout não diz a que Província pertencia.

5. Noviços: *S. João* (ou *Soan*), n. Goto 1533.
6. Ir. Coadjutor: *S. Jacó Kisai*, n. Bingen 1555.
7. Escolástico: *Francisco Miz* ou *Martinez*, n. Macau 1573, † Cantão 31 março 1604.
8. Ir. Coadjutor: *Francisco Taicicu*, n. Pingo (Japão) 1574, † Macau jan. 1615, no caminho de exílio.

Faleceram desterrados em Manilla, Filipinas, três Irmãos Coadjuutores japoneses, em 1615.
9. *Paulo Rioim*, n. Pingo (Japão) 1551, † 17 fev.
10. *Matias Sanga*, n. Cachuki, 1572, † 24 fev.
11. *André Saito*, n. Bungo, † 28 fev.
12. No Japão morreu em 1615 o Ir. Coadjutor *Mâncio Misogucci*, n. Funai, 1572.
13. Ir. Coadjutor: *Beato Leonardo Kimura*, n. 1575, Nangasaki, entr. 1592, † queimado a fogo lento, 18 nov. 1619, em Nangasaki.
14. *Pe. Francisco Ribeiro*, n. 1584, Tôrres-Vedras, entr. 1599; † assassinado estando no altar em Cafreria (África), em 1620.
15. *Beato Sebastião Kimura* (sacerdote), n. 1565, Firando, † de fogo lento, Nangasaki, 10 set. 1622.
16. *Pe. Bernardo Pereira*, n. Viseu, entr. 1609, ju-

- gulado pelos arabes... perto de Zeila (Etiópia), 28 set. 1625.
17. Ir. Coadjutor: *Beato Gaspar Sandamazo*, n. Omura, 1565, entr. 1572, † a fogo lento em Nangasaki, 20 junho 1625.
 18. Ir. Coadjutor: *Nicolau Keyan-Fucunanga*, n. 1568, em Omi (Japão), entr. 1588, foi o primeiro a ser deitado na fossa, em Nangasaki, 31 julho 1633.
 19. Ir. Coadjutor: *João Yama*, n. 1570, Tzunucuno, entr. 1586, † deitado na fossa, em Iedo, 22 set. 1633.
 20. *Pe. Xisto Tocuun*, n. 1570, Aria (Japão), entr. 1589, † fossa, Nangasaki, 9 out. 1633.
 21. *Pe. Jacó Yuki*, n. 1574, Ava (Japão), entrou em 1594, † fossa em Ozaca, fev. 1636.

Nas masmorras de S. Julião os seguintes:

22. *Pc. José dos Santos*, n. 1715, † 11 jan. 1765.
23. *Pe. Manuel Dias*, n. 1704, † 20 jan. 1765.
24. *Pe. Antônio Rodrigues*, n. 1700, Lisboa, † 24 abril 1770.
25. *Pe. José (ou Manuel) da Silva*, n. 1680, † 20 set. 1771.
26. *Pe. João Inácio*, n. 1702, Lamas, † 28 nov. 1771.

27. *Pe. Eusébio de Matos*, n. 1700, † 11 fev. 1772.
28. *Pe. Manuel Francisco*, † 9 out. 1773.
29. *Pe. João Franco*, n. 1699, † 10 abril 1774.
30. *Pe. Francisco Albuquerque*, n. 1712, † 28 maio 1774.
31. *Pe. João de Figueiredo*, n. 1706, † 24 out. 1774.
32. *Pe. Antônio Fernandes*, n. Serra-Ventosa (Portugal), morreu no cárcere de Azeitão, 16 julho 1767.
33. *Pe. André de Carvalho*, † no cativeiro dos Mouros, em Marrocos, em 1564, mais ou menos.

Em todas estas listas os nomes portugueses indicam nacionalidade portuguesa quando se lhes não atribue outra. Julgo dever repetir a advertência feita a respeito da lista dos Mártires do Brasil. Também aqui é necessário estudo mais aprofundado afim de se apurar com maior exatidão em alguns casos o martírio, os nomes, a pátria e as datas.

A-pesar-das deficiências e lacunas, espero que este rol de tão nobres e abnegados Missionários servirá aos meus Legionários no Colégio "Vieira" não somente de estímulo ao estudo, à piedosa curiosidade e à elevação dos ideais, mas também de ocasião para receberem a sua proteção celeste.

Temos grande necessidade e muitos motivos para pedir a Deus, por intercessão desses heróis, muitas vocações religiosas para o Brasil e missio-

nários para as terras dos infiéis. Não basta, porém, obter as vocações, é necessária a perseverança nelas, o que não é fácil. Ora, êste catálogo apresenta, entre outros, muitos mártires da vocação os quais, na tormenta Pombalina, levaram até ao heroísmo o seu amor à Companhia de Jesús. Supliquemos, pois, a estes santos Missionários que alcancem do S. Coração de Jesús a constância necessária aos eleitos do Senhor para lhe permanecerem fiéis até o último instante da sua vida.

Seguem-se agora algumas estatísticas gerais que não deixarão de proporcionar algum interesse aos meus "Legionários" da Baía.

*Mártires da Companhia de Jesús, distribuídos
segundo as classes*

Sacerdotes	781
Escolásticos	67
Noviços	55
Irs. Coadjuutores	153

*Mártires Jesuítas, distribuídos pelos
países em que nasceram*

Portugal (1)	279
Espanha (1)	128

(1) Folguet muito de ver aqui uma emenda do punho do Reitor do Colégio "Vieira", P. Antônio Pinto. O P. Dugout dava como Espanhol o B. Francisco Álvares, companheiro do B. Inácio de Azevedo no martírio, quando é português, natural de Covilhã como o dito P. Reitor. Desta fórma o total dos Mártires portugueses de 278 sobe a 279, e o dos espanhóis desce de 129 a 128. E' possível que haja mais equívocos no "Martirologio" do P. Dugout o que não deve causar admiração num trabalho dêste género.

França	127
Inglaterra e Irlanda	76
Itália	75
México	70
Japão	64
Áustria-Húngria	46
Polônia	41
Alemanha	40
Bélgica	15
Holanda	9
Colômbia	5
Perú	4
Chile	4
China	4
Síria	4
Tonkin	4
Equador	3
Brasil	3
Índia	2
Coréia	2
Filipinas	2
Marrocos	2
Florida	1
Paraguai	1
Etiópia	1
Pátrias desconhecidas	44

 1.056

Falta acrescentar os novos Mártires da China, entre os quais o já citado autor do Martirológio, donde tirei estes apontamentos, *P. Henri Dugout*, francês, e *P. Vanara*, italiano. No México houve também mais um mártir, *P. Miguel Agostinho Pro*, nascido na cidade de Zacatecas, México, a 13 de janeiro de 1891, entrou na Companhia a 10 de agosto

de 1911, ordenado sacerdote em 1925 (Enghien, Bélgica), fuzilado em ódio à fé, 23 de novembro de 1927 (com 37 anos de idade e 17 de Companhia).

*Mártires, S. J., distribuídos pelas
terras em que morreram*

América do Norte:

Canadá	23	
Antilhas	14	
México-Califórnia	87	
Flórida	10	
No mar	10	144
	<hr/>	

América do Sul:

Perú-Ecuador	15	
Brasil-Guianas	38	
Paraguai-Uruguaí	29	
No mar	13	
Diversos	25	120
	<hr/>	

África:

Etiópia	15	
No mar, incluindo o B. Inácio de Azevedo e outros mártires do Brasil	56	
Diversos	27	98
	<hr/>	

Europa:

Inglaterra	73	
França e Córsega	77	
Espanha	44	
Portugal	90	
Alemanha	24	

Áustria-Húngria	27	
Polônia	35	
Diversos	21	391

Ásia:

Índia-Ceilão	43	
Indo-China	28	
China	33	
Japão	111	
No mar	24	
Diversos	13	252

Oceania:

Filipinas	28	
Marianas	13	
Diversos	10	51

Total:

Europa	391	
América	264	
Ásia	252	
África	98	
Oceania	51	
		1.056

Falta acrescentar os últimos Mártires do México e da China.

E' curioso ver que a Europa, contrariamente do que a gente pensa, ganha a palma aos outros continentes nesta lista.

Escola Apostólica de Baturité, 25 - I - 1928.

Santos e Beatos até 1930:

Santos canonizados.....	23
Beatos	138
Veneráveis	36
Servos de Deus.....	106
	<hr/>
	303

A P Ê N D I C E

Férias em Baturité

Para os “Legionários do Antônio Vieira”

Férias! Férias! Que bem não soa esta palavra após um ano de aturado labor colegial, labor diário e intenso, uma atmosfera de estudo e disciplina, nas carteiras do salão de estudo, ou nas bancas das aulas, folheando livros e rabiscando cadernos!

Porisso os meus caros “Legionários” quando chegou o fim do ano e ouviram a palavra *férias!* deram um pulo de contentes. Se, porém, tivessem tido, como eu tive, uma proposta de férias na serra de Baturité, no Ceará, afianço-lhes que, em vez de um, davam quatro pulos.

Baturité, serra de encantos, cenário de maravilha!

Se o seu nome a não proclamasse já em língua brasílica “serra por excelência”, bastaria remontar-lhe ao cimo alcantilado, sentir-lhe o frescor das fontes e dos rios, rever-lhe o florido da vegetação tropical, para ter a persuasão sincera de que Baturité é uma dessas jóias de primor que o divino Artífice deixou cair a mãos cheias no abençoado solo da pátria brasileira. Quem teve como eu o prazer de estar naquela serra, jamais poderá esquecer a grandiosidade do panorama que de lá

se desfruta, o ameno do clima que nos faz transportar às regiões do sul da Europa, os bosques de perpétua primavera, a exuberância de água cristalina, ora a despenhar-se em cascatas e abismos, ora murmurando por entre maciços de relva. Que fertilidade a daqueles montes. O café brota alí como em terreno próprio e é de cotação superior ao de São-Paulo. O artista, o amante de poesia que se recreia em passeios românticos contemplando paisagens delicadas e quadros imponentes, encontrará também na serra de Baturité campo vasto para suas excursões a pé, a-cavalo e em automóvel. E' num contraforte desta serra, como farol dominando o oceano, que se encontra hoje situada a Escola Apostólica da futura Província S. J. do Norte do Brasil. Antes de se acolherem sob as arcadas do prédio ainda em construção, queiram os meus "Legionários" acompanhar-me na viagem de férias do Recife ao Ceará.

ITAPAGE'

Tive a sorte de tomar o bilhete da Companhia Costeira para um dos seus vapores novos movidos a óleo, o *Itapagé*, que fazia viagem pela primeira vez. Era tudo um primor de asseio, quasi que ia dizer de luxo, nesse barco em nada inferior aos grandes transatlânticos. Essa Companhia é uma glória para o Brasil, pois tem sabido, a poder de uma administração séria, impor-se aos concorrentes e erguer-se à altura das grandes Companhias européias.

SURPRESAS

Quando entrava no barco, mal sabia que me aguardava a agradável surpresa de ter por compa-

nheiros da viagem dois "Legionários" do "Vieira", o Almir Marques, que também foi aluno do "Nóbrega", e o acadêmico Manuel Martins, que voltara, com toda a sua família, para Maranhão, e tem já um irmão na lista dos Missionários S. J. a formar-se na Espanha, José Martins de Vasconcelos, que os "Legionários" conhecem melhor que eu.

Mas na vida do homem nem sempre as surpresas são agradáveis. Tem de intercalar-se coisas desagradáveis, ainda que mais não fôsse, senão para quebrar a monotonia. Marcaram a partida para meia-noite do dia 29 de dezembro (1927), e quando julgava, na manhã seguinte, estar já no mar alto ou em Cabedelo, vi atônito o cenário do pôrto do Recife. Voltei ao Colégio, a dizer missa, com surpresa de todos. E' que o *Itapagé* levava a bordo o Governador eleito do Rio-Grande-do-Norte, o qual foi muito festejado no Recife, e ainda a chuva veio atrasar o carregamento do açúcar.

VIAGEM

Por fim levantamos ferro, dizendo adeus a estas tôrres e cúpulas do Recife e às lindas paisagens de Olinda. Chegados a Cabedelo grandes ovações da colônia riograndense, e ainda maiores em Natal, no dia seguinte. Em Mossoró, demora prolongada pelo carregamento do sal e carnaúba.

Até que finalmente no dia primeiro de janeiro aportamos à Fortaleza, onde o desembarque, como é sabido, oferece cenas pitorescas. Eu, porém, encomendei-me a Santo Antônio, e consegui descer do vapor e subir ao cais, o que é ainda mais perigoso, com toda a serenidade, sem o menor incidente, e nem sequer com um pingó d'água nos sapatos.

CAPITAL DO CEARÁ

Fortaleza, pode-se dizer que é uma cidade nova, com as suas ruas muito alinhadas. As casas bem modestas, ainda que algumas delas já mostrem pretensões de querer ombrear com as das grandes cidades. Nesta cidade quasi não há carros Ford; em toda parte se veem veículos de luxo em grande número, a-pesar-do péssimo sistema do calçamento das ruas. Entre Pará e Recife não há outra cidade tão populosa. Contudo não é pelo lado material que ela chama a atenção do visitante, mas sim pelo progresso religioso. Sob êste aspecto nem Rio, nem São-Paulo, nem Baía, nem Recife me causaram tanta impressão como a Metrópole da *Terra da Luz*.

ATIVIDADE CATÓLICA SURPREENDENTE

E' realmente admirável o surto das obras católicas, nestes últimos anos, na Capital do Ceará. E' a obra das vocações; é o Bom Pastor, é a Leprosária; é o Patronato; é o Banco Popular, talvez único no seu gênero em todo o Brasil que tem por estatuto ceder 40% dos seus lucros líquidos a obras pias e sociais, e de fato já lhes deu, desde a sua fundação, que foi em 1920, mais de 150 contos; é o círculo católico dos operários, talvez sem exemplo na Terra de Santa Cruz; é o Diário católico, o "Nordeste", que deve causar inveja às nossas grandes cidades, tendo chegado a ter até duas edições por dia.

GENEROSIDADE RARA E CRISTÃ

Em cada uma destas emprêsas os nobres filhos da *Terra da luz* gastam centenas e centenas de con-

tos com uma generosidade que faz pasmar. E sempre com critério católico. Um senhor, p. ex., deu 100 contos para a Leprosária, mas com a condição de que seja ela confiada à direção eclesiástica, por que sabe muito bem que tais instituições medram melhor sob a administração da Igreja do que do governo civil.

E' admirável o bom senso cristão que o Sr. Raimundo Frota, parente, há pouco falecido, do Arcebispo da Baía, D. Jerônimo Tomé da Silva, manifesta na distribuição dos novecentos contos que legou às obras pias, no seu testamento, e noutros quase seiscentos contos que doara durante a vida. E o grande Prelado baiano, que é o Sr. Arcebispo D. Manuel da Silva Gomes, sabe amparar, animar e incentivar todas estas iniciativas com um coração verdadeiramente grande, e inspirar outras novas com vistas largas.

NOVOS PLANOS

Já trazem entre mãos três projetos novos que podiam fazer amedrontar a mais de uma cidade rica, e contudo já começaram a ser uma realidade. Um é a magnífica Igreja e Convento para os Franciscanos, orçado em mil contos. O 2.º é a Escola Agrícola, e de Artes e Ofícios, com a sua Igreja para serem entregues aos Padres Salesianos. E o 3.º é o do vastíssimo templo gótico, primeiro monumento dedicado a Cristo Rei no Brasil, para ser oferecido aos Jesuítas junto com uma casa de Exercícios, anexa do mesmo templo.

BÊNÇÃOS DO CÉU

Daquí é fácil imaginar a piedade dêsse povo. Na Igreja do S. Coração dos Padres Capuchinhos

há 500 comunhões diárias, e para não falar doutras, somente na pequenina e pobríssima capela de São Luiz aproxima-se da mesa eucarística diariamente maior número de fiéis do que em muitas Igrejas e conventos das nossas grandes cidades.

Dêste espírito religioso nasce a pureza da vida cristã na família, junto ao amor do catecismo, e brotam as vocações religiosas. Nos três Seminários do Ceará haverá uns 200 seminaristas. O edifício do de Fortaleza é o maior que tenho visto no Brasil nesse gênero. No Colégio das Dorotéias, na mesma cidade, das 13 alunas que receberam o diploma de normalistas, no fim do último ano letivo, sete das mais distintas escolheram o estado religioso. A ilustre família Gentil tem sete irmãos religiosos.

O REVERSO DA MEDALHA

A vida de piedade, pois, no Ceará, é intensa, e esta mesma qualidade explica, como, sendo ela mal encaminhada, degenera em fanatismo, como o do Joazeiro. Além disto, o gênio exaltado do cearense leva-o facilmente ao assassinato; e o terrível flagelo da fome determina alguns a se darem à profissão de gatuno experto ou da mendicidade exploradora. Além disto o dinheiro das obras das sêcas introduziu na Fortaleza a corrupção, antes quase desconhecida. Mas estes senões não podem apagar a beleza do quadro.

UMA GRANDE MINA

Mas que é das férias? estarão por certo dizendo com os seus botões os meus Amigos. Estejam descansados, que elas virão logo. Resta ainda falar

de uma preciosidade, de uma jóia, de uma grande mina que existe na Fortaleza. E' a figura nobre e veneranda, inconfundível do grande brasileiro que é o Sr. Barão de Studart, decano do Consulado inglês. Não quero referir-me ao seu catolicismo intemerato e ardente, à sua piedade fervorosa, à sua caridosa dedicação até ao sacrifício pelos pobres, quer como médico quer como Diretor do Conselho Superior dos Vicentinos... Em tudo isto podia êle ser proposto como modelo dos meus "Legionários". Mas aludo de preferênciã ao seu valor científico. O Sr. Barão de Studart é investigador infatigável da história pátria, e é respeitado como autoridade no assunto em todo o Brasil. Para êsses estudos possui êle documentos como talvez nenhuma Biblioteca os tenha entre nós, à exceção da "Nacional" do Rio; pelo menos não vi tantos nas que visitei em grandes cidades do país. Creio que são uns 60 grossos volumes *in folio* de manuscritos encadernados com todo o esmêro, uns originaes, outros copiados. Coligiu-os êle principalmente na Europa, na Biblioteca Nacional de Lisboa, etc., com enorme dispêndio e imenso trabalho.

GRATIDÃO

Pois bem, S. Excia. teve a suma gentileza de pôr à minha disposição todos estes tesouros, autorizando-me até a publicar os documentos que ainda se acham inéditos. Imagine-se até onde pode chegar a nobreza de um coração, moldado segundo os ditames do Evangelho! E ainda não parou aqui. Obsequiou a Biblioteca da "Liga para restauração dos ideais" a meu cargo com vários volumes das suas obras, enriquecidos cada um do seu autógrafo, que lhe duplicam o valor. Fique, pois, exarada aqui

a minha profunda gratidão a êsse benemérito Cearense!

REMINISCÊNCIAS JESUÍTICAS

Faltava ainda fazer uma simples referência pelo menos, aos subúrbios da Fortaleza. O Jesuíta não lhes pode ficar indiferente. Tudo em volta desta Capital recorda a ação do Missionário da Antiga Companhia, civilizando o índio com rara abnegação, tão encarecida e celebrada pelo Sr. Barão de Studart nos seus escritos. Falando da expulsão dêstes Missionários pelo Marquês de Pombal já mencionei nesta Revista os nomes de Soure, Parangaba (hoje Porangaba) Mecejana, pátria de José de Alencar...

BATURITE'

Mas vejo que os meus Amigos estão impacientes para chegarmos a Baturité, afim de saborearem as férias. Pois sim, seja! férias, férias! São 6 horas da manhã, o trem está a partir e vai atravessando um percurso de 100 quilômetros através de uma vegetação que não denota um país flagelado de sêcas.

Quase uma hora antes de chegar à estação de Baturité já se avista no alto o majestoso edifício da Escola Apostólica como que convidando os passageiros àquele remanso celestial.

Quisera continuar a contemplá-lo absorto, mas o Irmão Fernandes já está à portinhola!... Sabem os meus amigos quem é Ir. Fernandes? Alguns já o conheceram na Baía. Está aí com o auto, que êle mesmo guia. E' êle quem faz as compras na cidade, êle é mecânico e electricista, êle é pedreiro e

arquitecto, êle é carpinteiro de fino lavor, senão que o diga o altar de Caetité, transportado hoje para a capela da Escola Apostólica.

O automóvel galgou em um triz a encosta íngreme, e eis-nos nesse Edifício, alcandorado com uns aspectos de castelo colossal, no meio dessa rapaziada contente, folgazã, radiante de mais puras alegrias do que o canto da passarada que povoa o bosque em volta da casa e vem fazer nele os seus ninhos.

Esta alegria é o condão dos invejáveis Apostólicos.

E quem são êsses jovens? São a flor das Congregações Marianas de Baturité e Fortaleza fundadas pelo eminente escritor asceta P. Alexandrino Monteiro, S. J. Será sòmente isso? Mas de quem é aquele rosto amigo que diviso no meio desta piedosa colmeia?

Parece que tive sorte grande quando tirei o bilhete desta viagem. Em toda a parte encontro-me com os "Legionários" da Baía! Conhecem o primeiro Apostólico de Baturité? Oh! lá se conhecem, e muito melhor do que eu. Essa flor mimosa dos Colégios de Caetité e "Antônio Vieira", transplantada hoje para êste canteiro de escól, vai já amanhã aformosear o jardim celeste do noviciado de Oia! Bravo! Parabens aos meus "Legionários", que não se contentam sòmente com auxiliar as missões, mas fornecem o seu contingente pessoal para a magna emprêsa. Parabens, mais uma vez, porque sei que essa primeira semente do "Antônio Vieira" há de produzir cento por um!

Sim, Senhores, porque a messe é grande e os operários são poucos, e porque o Brasil, para salvaguardar a glória pátria, reclama dos seus filhos generosos êsse sacrifício!

A sorte grande porém não se limita a isso. Dou um passo, e eis que me vem abraçar uma tôrre gaúcha. E' o primeiro Jesuíta brasileiro entrado na Província Portuguesa, depois da expulsão de Pombal, o miraculado do P. de La Colombière, o Ir. Ângelo dal Bosco que tão de perto tratou os meus Amigos no "Antônio Vieira".

Pouco tempo depois tive a dita de abraçar ainda outro brasileiro que os "Legionários" conheceram aí na Baía, o primeiro jesuíta que deu o Colégio "Nóbrega" para a nobre e invejável classe dos Irmãos Coadjuutores. Vai fazer os votos na festa de São José, 19 de março, dia da fundação do mesmo Colégio "Nóbrega". E' pela primeira vez que a Escola Apostólica vai presenciar tal cerimônia.

O EDIFÍCIO

Preocupado com o enxame de abelhas tão encantador como são os Apostólicos, e com os Amigos dos "Legionários" quase que me ia esquecendo do edifício. Mas é impossível esquecer essa mole imensa de pedra e cal, que domina toda a região. Por ora é só uma ala de 75 metros que se acha construída, continuando ainda as obras da sua conclusão. As fotografias até agora tiradas não dão a menor idéia da sua grandeza e elegância. Pode-se dizer que são quatro andares muito altos, incluindo o rés-do-chão; outros chamam-no porão, mas não é, pois que tem salões com janelas ou portas de quatro metros por dois como as de cima, de gôsto artístico primoroso e ainda capela, refectório, etc., muitíssimo arejados.

Do lado interior são galerias corridas e arcarias de pedra e cal com seus gigantes, e arcos, uns de enormes dimensões, outros geminados. O con-

junto faz lembrar a grandiosidade das abadias beneditinas da Idade Média.

Por dentro vastos salões, quartos mui espaçosos, iluminação elétrica, um sem número de banheiros com fartura d'água, encanada do rio vizinho. Em tudo se nota um plano traçado por mão de mestre, e estudado, em todos seus pormenores, por quem possui largueza de vistas e experiência consumada das habitações adaptadas à formação dos Jesuítas. Tudo se acha aí previsto: a higiene, a ventilação, a enfermaria, a separação das classes, as capelas para os Apostólicos, para os Novíços, para os estudantes, para a Comunidade. Se fôsse possível apontar algum defeito, seria o das escadas que, em vez de madeira podiam talvez ser de cimento, como no Colégio "Nobrega", e o do pavimento, o qual também se faz com vantagem com o dito material, coberto, sendo preciso, de tacos de madeira do Pará, como no Colégio Marista do Recife. Desta forma evita-se o ruído e o incômodo do vizinho, e sente-se uma atmosfera de paz e recolhimento, próprio das casas religiosas. Era porisso que nos antigos conventos se faziam com grandes sacrifícios pecuniários, escadarias de pedra e se estendia o pavimento sôbre abóbadas.

Mas pondo isto de parte, toda a planta é simplesmente admirável. Se vier a completar-se o edifício, com sua fachada de 110 metros, será o maior e o melhor não só do Ceará, mas da maior parte dos Estados do Norte, e quase se pode dizer que o é desde já. Acrescento ainda mais: que em toda a Companhia haverá pouquíssimos que o excedam, no conjunto. Das suas casas que visitei desde Nápoles até Inglaterra, tirados os Colégios de Sarriá e Stonyhurst, não vejo outra que se compare com esta, na grandeza aliada à sóbria elegância de

linhas. Fica-se verdadeiramente pasmado ao ver como nesta remota serra foi possível surgir tal monumento. A alguns ouvi dizer que foi um milagre. E realmente bem se pode dizer milagre de dois homens o P. Antônio Pinto, e o P. José Celestino. Sem êles, não sei como se teria realizado esta maravilha. Aquele foi preciso para a planear e começar, êste, para a levar a cabo. Os Jesuítas do Rio, vendo a grandeza de alma, a tenacidade e fadigas do P. Pinto, disseram, com toda a razão que, antes de se levantar a Escola Apostólica, se devia erigir um monumento ao dito Padre. Outro tanto se deve afirmar com respeito ao P. Celestino, homem talhado para grandes obras, o qual, tendo fundado o Colégio Nóbrega e construído a Igreja de S. Carlos do Pinhal, fez agora o milagre de ir conseguindo à custa de tenacidade e sacrifício os recursos que não existiam e de, com seu tino administrativo, inaugurar a Escola Apostólica sem deixar dívida, para desengano de pessimistas.

PANORAMA

A situação é tão elevada e íngreme que de qualquer das enormes janelas do prédio, ainda mesmo das do rés-do-chão, se tem o sentimento de calcar aos pés a terra e remontar às regiões etéreas dos Anjos. Que atmosfera esta admiravelmente propícia para o futuro Noviciado da Companhia de Jesús!

O terreno pertencente aos Jesuítas estende-se por muitos quilômetros. À beira do edifício corre o rio Aracoiaba, precipitando-se, em catadupa, serra abaixo. Depois de atravessado por várias pontes, vai banhar, à raiz do monte, a cidade de Baturité, que representa a antiga aldeia ou Missão dos Índios

Paicús, cultivada pelos Missionários da Companhia. Foi elevada, pelo Marquês de Pombal, à categoria de Vila com nome de "Montemor o Novo", ficando assim *liberta do jugo tirânico dos ferrenhos Jesuítas*.

Quem espriaiar os olhos pelo horizonte verá estender-se diante de si um mar de vegetação a perder de vista, com pequenas elevações, que parecem retratar as ondas, e com montículos assemelhando-se a ilhotas. Excetuada a serra, onde o delicado verde das fôlhas é de perpétua primavera, a restante vegetação oferece um aspecto um tanto árido durante o verão. Em vindo, porém, as primeiras chuvas, brota logo em plena pujança. O profundo silêncio em que jaz toda esta natureza quase silvestre, é apenas entrecortado pelo silvo do trem que aí serpeia 4 vezes ao dia.

Os futuros estudantes da Companhia de Jesús, abeirando-se da sua janela, e até da sua mesma mesa de trabalho, poderão contemplar toda esta paisagem, e descansar o espírito das lides escolares. Mas se alguém quiser subir até ao cimo da Serra, *sítio da Caridade*, continuação da propriedade da Escola Apostólica, algumas centenas de metros de altitude a mais, que se galgam em meia hora, então, o panorama é verdadeiramente soberbo, indescritível!

Para excursões mais prolongadas, há ainda muitos sítios aprazíveis, no planalto da serra, que se prestam para passeios esplêndidos, de automóvel ou a-cavalo, como são por exemplo Guaramiranga e as ricas terras de D. Libânia, veneranda matrona setuagenária, uma verdadeira vovòzinha dos Apostólicos pela generosidade e carinho que lhes dispensa, etc., etc.

Mas não há tempo para me demorar na descrição dêstes e doutros lugares amenos, pois que me

resta ainda falar de um tesouro escondido na Escola Apostólica. Em toda a parte por onde tenho passado, o meu maior cuidado tem sido visitar as bibliotecas. A de Baturité, a-pesar-de não ser muito rica, é contudo, superior às das outras casas dos Jesuítas do Norte. Entre os seus livros, que me proporcionaram grande prazer, devo mencionar um, muito raro no Brasil. E' o *Martirologio* dos Jesuítas desde a fundação da Companhia, impresso na China, trabalho de paciência beneditina do P. Henri Dougout, S. J., Missionário naquele país, o qual teve também a dita de aí morrer mártir o ano passado.

Os meus caros "Legionários" estavam impacientes por saber das minhas férias. Pois agora já podem ficar cientes de que as passei quase todas a rabiscar os artigos para a sua querida Revista, servindo-me do sobredito livro e doutros do Sr. Barão de Studart; e a completar os já encetados sôbre a expulsão dos Jesuítas pelo Marquês de Pombal. Irão sendo publicados aos poucos, segundo a sábia descrição do emérito Diretor da Revista "Legionários das Missões".

Não raro os Jesuítas fazem consistir as suas férias em semelhantes trabalhos ou em ministérios apostólicos, pois que mudar de ocupação já é descanso.

As férias românticas, de que acima falei, ficam reservadas para os meus Amigos quando forem para Baturité.

25 de janeiro de 1928.

P. Antônio Fernandes S. J.

TERCEIRA SÉRIE

Para os Apostólicos de Baturité

I

Antigas Missões dos Jesuítas no Ceará

Como penhor de gratidão pelo cordial acolhimento que me fizeram em Baturité, e em prova de que me lembro com saudade dos queridos Apostólicos, vou dar-lhes aqui umas notícias dos tempos dantanho relacionadas com as antigas Missões dos jesuítas no Ceará.

São extraídas da preciosíssima coleção dos documentos manuscritos oficiais autênticos, que possui o Exmo. Sr. Barão de Studart, o qual com máxima gentileza se dignou pô-lo à minha disposição.

Foi-me um prazer indizível manusear aquelas páginas de fontes históricas, escritas há perto de dois séculos com uma caligrafia caprichosamente bela.

Deixo, porisso, exarado aqui o meu profundo reconhecimento ao invejável Filho da Terra da Luz, Glória do Brasil e da Igreja Católica.

Como já sabem, as antigas Missões dos Jesuítas no Ceará, excetuada a da Ibiapaba, ficavam situadas mais ou menos nas proximidades da Fortaleza, que, só mais tarde veio a ser a Capital do Estado. Entre estas, a que se afastava mais da Metrópole

atual do Ceará, era a aldeia dos índios Paiacús. Ocupava ela o ínfimo lugar entre as outras aldeias em razão do pequenino número dos seus habitantes. Contudo é por esta mesma que vou começar a presente resenha, porque se relaciona de mais perto com o local da Escola Apostólica.

A Missão dêstes índios ficava situada na serra de Baturité (que na sua língua quer dizer "Serra por Excelência").

Quando em 1759, os Jesuítas foram expulsos na perseguição de Pombal, foram todas as aldeias das Missões eretas em vilas, exceto a dêstes índios de Baturité. A razão desta exceção foi o número diminuto dos seus habitantes. Ao tempo da expulsão dos Filhos de St.º Inácio a população orçava por 226 almas mas logo depois, em 30 de junho do mesmo ano de 1759, achava-se reduzida a 140.

Sòmente mais tarde, em 1764, depois de aqueles índios passarem a morar na localidade, onde atualmente fica situada a cidade de Baturité, dando-se à mesma localidade o nome de Monte-Mor-o-Novo, é que a sua aldeia veio a ser elevada à categoria de Vila.

Por ocasião da expulsão dos Jesuítas e ereção das aldeias em vilas, os delegados do govêrno fizeram um rol das propriedades e de todos os objetos achados nas Missões e nas suas Igrejas. Estes relatórios e listas oficiais encontraram-se no volume VII dos "Documentos para a História do Ceará" da já mencionada coleção do Sr. Barão de Studart, ocupando 33 fôlhas e abrangendo os n.ºs 89 a 95.

Ressalta dêstes documentos o estado miserável a que ficaram reduzidas estas aldeias antes de passar um ano desde a expulsão dos Jesuítas. Aparecem aí queixas gravíssimas, nomeadamente do Ouvidor Geral de Pernambuco e Juiz Delegado para

executar o decreto da ereção das novas vilas Bernardo Coelho da Gama Casco, contra as autoridades temporais e espirituais destas aldeias. Os documentos oficiais vêm desta maneira confirmar em parte as afirmações do manuscrito latino utilizado por mim noutros artigos. Sendo, pois, uma história triste e desedificante, não vou trasladar aqui tudo quanto estes documentos contêm. Limitar-me-ei apenas a indicar as *Imagens* que se veneravam naquelas Igrejas, afim de fomenar a piedosa curiosidade dos queridos Apostólicos.

Estas notícias são inéditas como me assegurou o mesmo Sr. Barão de Estudart

Comecemos, pois, pelo Monte-Mór-o-Novo ou

I

BATURITE'

No n.º 92 do volume citado encontra-se o rol de quanto lhe diz respeito com o título: "*Relação do que se achou em o lugar Monte mór o novo. Orago N. Sra. da Conceição, antiga Aldeya de Payacú, em 30 de junho de 1759, de que estava de posse o Revdo. Missionario Pe. José Caetano da Companhia...*"

(Este rol consta igualmente de uma escritura que faz parte do documento n.º 51 do mesmo volume).

Conforme estes documentos as imagens que existiam na Igreja eram as seguintes:

1. Imagem de N. Sra. da Conceição, Orago da Igreja, com sua coroa de prata... e cordão de ouro.

2. Imagem da mesma Senhora mais pequena com coroa de prata.
3. Imagem de S. Francisco Xavier com resplendor e açucenas de prata.
4. Imagem de Santo Cristo com titulo e resplendor de prata.
(A Igreja era de taipa).

II

IBIAPABA

Doc. n.º 89. — Vila Viçosa Real, antiga aldeia da Ibiapaba, de que estava de posse o Pe. Rogério Canísio com seus dois companheiros da Companhia de Jesús:

1. Imagem de N. Sra. da Assunção (Orago), já antiga, com seu manto e coroa de prata.
2. Outra da mesma Senhora, menor, com seu manto e coroa de prata.
3. De Santa Ana, nova, com a Senhora junto a si com coroa e resplendor de prata.
4. S. Miguel.
5. St.º Antônio com o Menino Jesús com resplendores e cruz de prata.
6. S. José com o Menino Jesús com resplendores de prata.
7. St.º Inácio com resplendor de prata.

8. S. Francisco Xavier com resplendor de prata.
- (9. 3 imagens de St.º Cristo etc.). (Esta Igreja era a mais rica; tinha muitos paramentos e outros objetos de culto que vêm minuciosa e extensamente descritos...)

III

MECEJANA

Doc. n.º 90. — Vila de Messiana (sic), antiga aldeia Paupina, de que estava de posse o Rev. Missionário Pe. José de Amorim S. J.

Imagens:

1. N. Sra. da Conceição (Orago) de dois palmos de alto, estofada e com seu manto e coroa de prata.
2. Santo Cristo Crucificado.
3. Uma Lâmina de cobre de N. Sra. do Populo (sic) com seu vidro cristalino.

IV

SOURE

Doc. 91. — Vila de Soure, antiga aldeia Caucaia de que estava de posse o Rev. Missionário Pe. José Inácio S. J.

Imagem de N. Sra. dos Prazeres (sic) (Orago) com o Menino Jesús e sua coroa e resplendor, de prata dourado.

V

PARANGABA

Doc. 93. — Vila de Arronches antiga aldeia de Parangaba (sic) de que estava de posse o Missionário Pe. Antônio Dantas S. J.

População: Em 28-VI-1759: 1802 (+70). (Orago o Sr. Bom Jesús).

Imagens:

1. Senhor dos Aflitos com seu resplendor de prata e laço de fita vermelha.
2. N. Sra. das Maravilhas com sua coroa de prata, e 2 voltas de contas de ouro.

VI

GUAJARÚ

Doc. 94. — Nova Vila de Extremos (sic) do Norte, antiga aldeia de Guajarú (Rio-Grande-do-Norte).

Imagens:

1. N. Sra. dos Prazeres (Orago), com sua coroa de prata e uma volta de contas de ouro.
2. Menino Jesús com sua cruz de ouro e 6 botões de ouro.
3. N. Sra. do Rosário com sua coroa de prata.
4. Sra. Sta. Ana com resplendor de prata.

5. S. Miguel.
6. S. Joaquim com resplendor de prata.
7. S. Pedro, Sto. André, S. Filipe, S. Benedito, S. Sebastião, S. Silvestre todos com resplendor de latão.
8. N. Sr. Jesús Cristo Crucificado, com resplendor e braceletes de prata.

VII

GUARAÍRAS

Doc. 95. — Nova Vila de Arcs, antiga aldeia das Guaraíras de que estava de posse o Revdo. Missionário Pe. Manuel Pinheiro S. J.

Imagens:

1. S. João Batista (Orago) com resplendor de prata.
2. St.º Cristo de 2 palmos com resplendor de prata.
3. N. Sra. da Conceição com manto azul e um relicário de ouro.

N. B. — Juntei mais estas duas aldeias do Rio-Grande-do-Norte às do Ceará, porque vem assim juntas nos documentos, por estarem naquela época sujeitas todas ao governador de Pernambuco. Os seus Missionários foram expulsos ao mesmo tempo, como mostrei em meus artigos, "Últimos Jesuítas das Províncias do Brasil no tempo de Pombal", publicados no "Legionários".

Para os Apostólicos de Baturité

II

Missionários Jesuítas relacionados com a "Terra do Sol"

Em homenagem do Ceará, onde fica situada a Escola Apostólica (de Baturité) e o futuro Noviciado da Companhia para todo o Norte do Brasil, vou acrescentar às resenhas anteriores alguns nomes de Missionários jesuítas, relacionados com a "Terra do Sol, do amor, terra da luz", que respiguei nas obras do Sr. Dr. Barão de Studart.

1. Seja em 1.º lugar o grande *Pe. Antônio Vieira* (que é também brasileiro, segundo éle próprio afirmou: "Pelo segundo nascimento, disse éle, devo ao Brasil as obrigações de Pátria"). Foi éle que conseguiu aldear os índios de Ibiapaba.
2. *Pe. Ascenção Gago*, perfeito conhecedor da língua brasílica, n. S. Paulo 1665, entr. 3 jul. 1680, † 19 maio 1717. Foi Superior de Ibiapaba, trabalhou junto com o *Pe. Manuel Pedroso*, sendo substituído no cargo pelo *Pe. Francisco de Luna*, n. Madeira.
3. *Pe. Diogo Nunes*, n. S. Vicente (diocese do Rio-de-Janeiro) 1549, entr. 1563, † 1620 na Ilha de S. Domingos. Celebrou pazes com os índios do Ceará, confirmadas depois p. Mártir *Pe. Francisco Pinto*.
4. *Pe. Estanislau Campos*, n. S. Paulo 1649 (da família Pires de Campos), † 1734. Ensinou Filosofia no Colégio de Olinda, foi reitor do

Col. do Espírito Santo. Fez notáveis missões no Ceará e em outros Estados.

5. *Pe. Francisco de Lira*, n. 1676, Madeira, entr. 1694, Superior de Ibiapaba de 1718; Superior do Hospício de Aquiraz 1743-47.
6. *Pe. Francisco Pino*, Mártir do Ceará, já mencionado na outra lista, n. Angra, Ilha Terceira, 1552. Os índios de Jaguaribe transportaram, mais tarde, os seus restos mortais para a Capelinha da aldeia portuguesa junto ao rio Ceará.
7. *Pe. Jacó Cachleo*, n. 1629, Philippeville, Artois, França, entrou 1649. Esteve no Ceará nos anos de 1662-1673, evangelizou os índios Quiriris; foi reitor do Col. do Rio-de-Janeiro. Na Baía converteu muitos ingleses, holandeses e dinamarqueses. Morreu em odor de santidade no Rio-Grande-do-Norte, 17 abril de 1716.
8. Foi seu companheiro no Ceará em 1670 o *Pe. Luiz Macedo*, o qual, "a pedido do Conde de Obidos; forneceu, em 1665, sementes e garfos de cacau para início da cultura dessa planta na Capitania da Baía, onde hoje representa uma das suas grandes riquezas."
9. *Pe. Luiz Figueira*, já mencionado em outra parte, n. em Campo de Ourique, vila de Almodovar, Arcebispado de Évora, entr. 22 jan. 1592, veio para o Brasil em 1602. A 20 de janeiro de 1607, por ordem do Provincial Fernão Cardim, embarcou no Recife em compa-

nhia do sobredito Pe. Francisco Pinto, para a Missão de Ibiapaba. Após o martírio do Pe. Pinto, o Pe. Luiz Figueira tomando a direção do mar "sob o patrocínio dos índios do chefe *Cobra Azul*, veio até o fortim do Ceará, reuniu os índios dispersos, forneceu-lhes ferramentas, levantou uma cruz, e como esta ereção recaísse em dia de S. Lourenço, deu à aldeia o nome do mesmo Santo Diácono. Até então o local era uma povoação feita de soldados.

Depois de muitos outros serviços prestados ao Brasil e a Portugal, quando voltava do Reino com 14 companheiros Jesuítas, naufragando na noite de 29 de junho de 1643, junto à Ilha do Sol, passou dias de grande martírio e foi devorado pelos índios de Marajó.

Possuímos da sua pena a relação do martírio do Pe. Pinto e a Gramática da língua indígena, como já ficou dito.

10. *Pe. Manuel Gomes*, n. Cano (Évora), entr. 1585. Junto com o Pe. Diogo Nunes, capelão da armada, que, sob o comando de Alexandre de Moura, deixou o pôrto de Recife a 5 de out. 1615 rumo de Maranhão, afim de completar a conquista iniciada por Jerônimo de Albuquerque.

No Ceará falou muito com os índios sôbre a morte, vida e virtudes do Pe. Pinto, e tentou levar consigo os seus despojos mortais, mas não pôde realizar o seu intento devido a vigilância dos índios.

11. *Pe. Manuel Pedroso Júnior*, n. em S. Paulo, 1601, entr. 1679, perito na língua indígena.

Trabalhou no Ceará em 1690, 1694. Em 1716 ainda estava em Ibiapaba.

12. *Pe. Matheus Tavares*, n. Aveiro, entr. Bafa 1522. Procurador da Província 1618.
13. *Pe. Pedro Barbosa de Pedrosa*, n. Coimbra (Leiria), entr. 1632; Missionário e Visitador da Missão do Maranhão (1656-1684).
"Veio para o Ceará em missão dos Tabajaras da Ibiapaba em 1656 por ordem do Pe. Antônio Vieira.
Foi êle o primeiro Português que penetrou o sertão dos índios *Tacauhapes* navegando o rio dos *Juruinas* na Capitania do Pará, e quem abriu por terra caminho para comunicação do Estado do Maranhão com o Ceará, no que foi imitado por André Vidal de Negreiros. Cabe-lhe também a prioridade na navegação em canoa da costa do Maranhão ao Ceará (1675), feito, em que o imitou no ano seguinte o Pe. Superior, para em companhia do capitão Afonso de Monroy ir dar princípio ao descobrimento do rio *Paraoassú*, e o descobrimento do rio Pará."
14. *Pe. Pedro Francisco*, n. Gênova 1615, entr. p. a Comp. no Rio-de-Janeiro, 1640. Missionou no Ceará 1662.
15. *Pe. Estêvão Monteiro*. "Filho de Estêvão Monteiro da Fonseca, descendente de Matias Soares Taveira. Mestre de Campo de Auxiliares na capitania da Paraíba e senhor dos engenhos de *Una* e das *Tabocas*, e de sua mulher Rosa Cândida de Aragão, filha de Pedro Mo-

rais Magalhães, Capitão-mor do Ceará. Tendo entrado para a Companhia de Jesús, veio missionar no Ceará, e jaz sepultado na Igreja de N. Sra. do Bom Sucesso do Colégio de Aquiraz."

16. *Pe. João Brewer*, n. Colônia (Alemanha) 1718, entr. 1737. Foi missionário de Ibiapaba. Pombal levou-o preso para Azeitão e S. Julião, onde permaneceu até 1777. Entre as suas obras aparecem publicadas nove cartas, escritas do Rio-de-Janeiro, Olinda, Ibiapaba e Baía (1744-1757).
17. *Pe. João Guedes (Ginzl)*, n. Boêmia, 1660, entr. 1676, † 1743 em Aquiraz. Missionário de Ibiapaba (1722). Por ordem do Provincial. *Pe. Gaspar de Farias*, fundou o Hospício do Aquiraz junto com os *Pes. Manuel Batista* e *Félix Capelli* e o *Ir. Manuel da Luz*, em 1725, sendo êle o Superior, cargo que tornou a exercer em 1732. Em 1737, Visitador. Duas vezes foi a Lisboa em serviço dos seus índios. O *Pe. Manuel Pinheiro* dá notícia pormenorizada dos seus feitos em duas Memórias publicadas pela 1.^a vez pelo *Snr. Dr. Barão de Studart*, na Revista da Academia Cearense (1905).
18. O *Pe. Luiz Jacome*. Veio para o Ceará em 1741 em companhia de *Manuel de Macedo*, *Manuel de Lima*, *Manuel Batista*, *Francisco Leal* e *Antônio Pinto* para tomarem conta das aldeias dos índios, então regidas por padres seculares (D. João V fez esta mudança para as repovoar de índios que as tinham abandonado, como já disse em outra parte).

19. *Pe. Manuel Batista*, n. 1682, Pôrto, entr. 1704. Grande missionário dos índios cearenses. Trinta anos viveu na contínua tarefa de ganhar almas para Deus, diz Loreto Couto. Foi Superior nas aldeias de Ibiapaba e Porangaba e orador sacro nas pomposas festas celebradas por motivo do casamento do Príncipe do Brasil. Faleceu em 1750 no Hospício de Aquiraz, sendo sepultado na Igreja de N.^a Senhora d'Assunção.
20. *Pe. Manuel Pinheiro*, já acima mencionado, n. 1695, Pôrto, entr. 1714. Foi um dos construtores da Igreja de Aquiraz e Superior do Hospício. Missionava entre os índios do Rio-Grande-do-Norte quando o colheu a perseguição pombalina.
21. *Pe. Rogério Canísio*, n. Colônia, 1711, entr. 1731. Missionário muito notável em Ibiapaba, bem como no Hospício e Igreja de Aquiraz. Foi parar nas enxovias de S. Julião, vítima das iras de Sebastião de Carvalho. Fala d'ele Loreto Couto (Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco, cap. XXIV).
22. Já ficou dito em outra parte que na perseguição de Pombal em 1760, saíram presos do Ceará para o Recife e daí para Europa no meio de incríveis barbaridades os Jesuítas seguintes: *Pe. Manuel Franco*, Superior, *Pe. Francisco Lira*, *Pe. João de Brito*, *Pe. Inácio Gomes*, *Pe. Manuel Lima*, *Pe. José Inácio*, *Pe. João Sales* e os Irs. Coadj.: *Manuel Macedo*, *Jacinto Fonseca* e *Manuel Ferreira*.

Para os Apostólicos de Baturité

III

Mártires da Castidade

Ainda em consideração ao Ceará e aos Missionários Jesuítas vão mencionados aqui os nomes de duas Índias cearenses, mártires da castidade, pertencentes às Missões dos Filhos de St.^o Inácio, mencionadas igualmente pelo Sr. Dr. Barão de Studart.

Na época em que os Jesuítas missionavam na aldeia de Ibiapaba, vivia na mesma serra uma Índia casada por nome Joana Nhanupatiba. Um Índio procurava abalar a sua virtude com afagos, promessas e ameaças. Vendo, porém, que não conseguia triunfar daquele coração temente a Deus, a foi esperar num bosque, e colocando-lhe a faca no peito quis rendê-la ao seu apetite desordenado. "A valorosa e casta matrona, mostrou tão pouco temor da ameaça que com heróico valor lhe ofereceu o peito dizendo: que nele livremente podia empregar seus golpes, porque de nenhuma sorte consentiria ação em que pudesse ofender a Deus e a seu marido. Cego o Índio como o fumo que exalava o fogo sensual, em que ardia seu coração torpe, lhe tirou a vida com muitas e penetrantes facadas, e com fim tão glorioso passou a sua bendita alma desta vida mortal a coroar-se na eterna."

Passou-se êste fato a 5 de agosto de 1753, festa de N.^a Sra. das Neves.

No ano seguinte ganhou igual coroa de glória na mesma serra, uma outra Índia, de dezessete anos de idade, chamada Catarina. Era tão exemplar esta donzela desde a infância que se tornara notável entre as suas patrícias pela sua vida virtuosa.

Depois de casada padeceu muito do seu marido, pela sua vida escandalosa. Ela, porém, levava tudo com paciência, mas procurando ao mesmo tempo, com brandura, trazê-lo ao bom caminho.

Mas êste cansado das suas admoestações, matou-a com uma facada e fugiu.

Cta. Loureto Couto "Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco" págs. 484 e 485. Barão de Studart "Notas para a História do Ceará", 1892, pág. 205.

Podia-se aumentar esta lista com outros nomes.

E' pena que ainda não tenha sido publicado o riquíssimo Martirológio, composto para o Brasil, pelo santo e pacientíssimo investigador, Pe. Mário Arcioni.

Já publiquei um artiguinho no "Legionário de Maria" do Pará sôbre uma Índia do Rio-Grande-do-Sul, também mártir da Castidade, mencionada pelo Pe. Schirmbeck S. J. "Messis Paraquariensis Apud, Teschauer, "História do Rio-Grande-do-Sul. I, 101.

Era uma índia viúva, chamada também Catarina. Achava-se ela uma vez no campo com seu filhinho. Els quando se lhe apresenta um homem para a tentar e vendo frustrado os seus protestos de amor, recorre às ameaças e à força. Mas Catarina não era do estilo daqueles que se alimentam todos os dias do Pão dos fortes, e permanecem eternamente fracos. Segura com a mão esquerda o menino, e com a direita repele valorosamente a agressão acrescentando: "Antes os tigres e mil pestes ataquem o meu corpo do que eu o prostitua a um devasso. Podes matar-me mas nunca hás de conseguir que, por amor de ti ou da minha vida, eu manche a memória do meu marido, e, muito menos, que, admitida ontem à mesa de Deus, profane

tão santa hospitalidade com um sacrilégio tão grande.”

Metamorfoseado então o amor em ódio, o bárbaro tentador toma um cipó e estrangula a vítima junto com o menino, que a mãe, no último instante, estreitara ao peito.

Os Missionários Jesuítas fizeram com que o entêrro dos Mártires revestisse a forma de um triunfo. Os morubixabas conduziram sôbre os seus ombros o esquife para a Igreja, onde um dos Padres fez um panegírico celebrando a castidade da heroína com tanta eloquência que em todos aumentou imensamente a estima e o amor à virtude angélica.

Houve além desta, muitos outros homens e mulheres índias que nos legaram exemplos heróicos de amor à mesma virtude. Mas digno de eterna memória é o caso dum jovem que renovou a façanha do Múcio Scevola da Roma Lendária. Sentindo-se o seu coração abrasado das chamas imundas, resolveu apagar um fogo com outro fogo, e meteu a mão na fogueira até se extinguir de todo ardor da paixão.

Refere ainda o mesmo Pe. Teschauer outros exemplos de meninos e meninas, que provocadas ao mal responderam como responderia um Anjo se estivesse revestido de carne mortal: “Hoje acabei de comungar, não permitirei de forma alguma profanar o meu corpo consagrado.”

E no vol. II, pág. 159, apresenta-nos o belíssimo quadro de uma jovem índia a quem um libertino no meio da fome geral, oferece o alimento em troca da castidade, mas a Heroína Rio-Grandense, sem a menor hesitação, rejeita a impudica oferta protestando que antes queria morrer do que dever a vida a um crime!

O Pe. Galanti menciona outra heroína, Maria Bárbara, mameluca da capitania de Grão Pará, casada com um soldado. "Sendo um dia, perto da fonte do Marco de meia légua, tentada por um devasso, ela resiste com todas as fôrças, e, a ser infiel ao seu marido, prefere morrer. E' portanto bárbaramente assassinda." (Biografia de Brasileiros illustres, pág. 85),

Mas já vejo que estou saindo fora do meu tema, e maçando os meus leitores. Vou, pois, concluir pedindo licença para esta última advertência.

Há ainda outros Filhos de St.º Inácio, naturais do Brasil, notáveis, uns pelo seu grande saber, outros pelas suas virtudes heróicas e milagres podendo ser elevados às honras dos altares, p. ex. Pe. Alexandre Gusmão, Pe. Belchior Pontes, etc. Cabe aos Brasileiros o gratíssimo e honroso dever de estudar a sua vida, colligir os documentos e promover o processo da beatificação.

Fortaleza, 2 de fevereiro de 1928.

Pe. Antônio Fernandes - S. J.

ÍNDICE

Prefácio de Tristão d'Atafide.....	5
------------------------------------	---

PRIMEIRA SÉRIE

I — Baía	11
II — Pernambuco, Paraíba, Rio-Grande-do-Norte, Ceará	42
III — Rio-de-Janeiro	72
Espírito-Santo e Santos.....	87-89
São-Paulo	90
Mato-Grosso e Rio-Pardo — Assaltos à vocação e deportação	104

SEGUNDA SÉRIE

I — Missionários Jesuítas mortos em ódio da Fé ou da Vocação no Brasil.....	122
II — Missionários Jesuítas, pertencentes à Província do Brasil e Vice-Província do Maranhão, mortos fora do Brasil na perseguição pombalina.....	135
III — Missionários Jesuítas, Mártires da Fé ou da Vo- cação na Índia.....	139
IV — Missionários Jesuítas da Província de Goa, mor- tos em terras estranhas à Índia.....	146
Mártires da Companhia de Jesus, distribuídos se- gundo as classes e países em que nasceram.....	150
Mártires, S. J., distribuídos pelas terras em que morreram	152
Santos e Beatos, S. J., até 1930.....	154
Apêndice — Férais em Baturité.....	155

TERCEIRA SÉRIE

Para os Apostólicos de Baturité

I — Antigas Missões dos Jesuítas no Ceará.....	169
II — Missionários Jesuítas relacionados com a "Terra do Sol"	176
III — Mártires da Castidade	182

EDIÇÃO

N. 803

Para pedidos telegráficos deste livro, basta indicar o numero 803 antepondo a esse numero a quantidade.

Exemplo: para pedir 10 exemplares do presente livro basta indicar:

GLOBO — Porto Alegre — 10803.

HISTÓRIA E ROMANCE

A crítica francesa afirma que nunca a História se casou tão harmoniosamente com o romance como neste grande livro de GINA KAUS, escritora vienesa de fama mundial. Um retrato vigoroso e inesquecível da romântica Catarina da Rússia.

Tradução brasileira da prof. Marina Guaspari



Broch: 12\$

Encad: 17\$

Edição da

LIVRARIA DO GLOBO

Porto Alegre

A NOVELISTA MAIS ESTRANHA DO SÉCULO VINTE:

PELA PRIMEIRA VEZ EM LÍNGUA PORTUGUESA



Katherine Mansfield — considerada por H. G. Wells uma escritora "hors concours" — tem em "BLISS" o seu melhor livro de novelas. Erico Verissimo o traduziu com o título de FELICIDADE.

Histórias delicadas, de fina trama psicológica. Um livro, leitor, "diferente" dos que tens lido até hoje.

Vol. broch: 8\$, provável encad.: 12\$

Edição da

LIVRARIA DO GLOBO

Porto Alegre

DANTE VIVO

GIOVANI PAPINI

DANTE VIVO



EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO - PORTO ALEGRE

• Felicitíssimo, o nome deste livro. Sim, Dante está vivo dentro da obra de Papini. Palavras do autor: "... é um livro vivo de um homem 'vivo em torno dum homem que depois de morto jamais cessou de viver. E' o livro, antes de mais nada, de um artista em torno dum artista, dum catholico em torno dum catholico e dum florentino em torno dum florentino".

• Traduzido habilmente pelo Pe. Leonardo Mascello, o italiano fulgurante de Papini transformou-se num português igualmente fluente e brilhante.

Preço do vol. broch.: 12\$,

Preço do vol. enc.: 17\$,

Número de referencia: 646

**Edição da LIVRARIA DO GLOBO
Barcellos, Bertaso & Cia. - Porto Alegre**

Outra vez Van Loon!



• Hendrik Van Loon, autor de **O MUNDO EM QUE VIVEMOS** e de **HISTÓRIA DA HUMANIDADE** escreve agora sobre o continente americano com aquela sua maneira genial, agradável, pitoresca, humorística e instructiva.

• Ler "AMERICA" é fazer uma viagem maravilhosa, começando numa nau de Christovão Colombo e terminando num moderno dirigível de nossos dias.

• Volume cheio de ilustrações em preto e em cores, feitas pelo próprio autor. • Tradução da escriptora Lucia Miguel Pereira.

Preço do vol. broch.: 20\$000

Preço do vol. enc.: 25\$000

Numero de referencia: 694

Edição da **LIVRARIA DO GLOBO**

Barcellos, Bertaso & Cia. - Porto Alegre

A MISTERIOSA RAINHA DA
SUÉCIA ENCONTRA O
SEU BIÓGRAFO



Oskar von Werthelmer au-
tor de "CLEÓPATRA" dá-
nos num livro brilhante a
vida e a alma da Rainha
Cristina da Suécia, ao mes-
mo tempo que reconstitue
mágicamente a sua época.
Livro fartamente documen-
tado, escrito durante sete
anos de exaustivas pesqui-
sas.

Tradução brasileira da prof.
Marina Guaspari

Edição em grande formato.

Vol. broch: 15\$, provável

Encadernado: 20\$

Edição da

LIVRARIA DO GLOBO

Porto Alegre

O LIVRO DUM ESTETA



Em "O ETERNO E O EFÊ-
MERO", o notável escritor
Carlos Magalhães de Azere-
do enfeixou um punhado de
brilhantes crônicas em tôr-
no de homens e cousas da
vida moderna.

Mais um delicioso livro do
autor de ARIADNE, membro
ilustre da Academia Brasi-
leira de Letras.

Vol. broch: 8\$

Vol. encad: 12\$

Edição da

LIVRARIA DO GLOBO

Porto Alegre